



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01



A ÚLTIMA BRUXA CELTA LYN ARMSTRONG

Celtic Series 01

Uma dolorosa morte... Uma profecia prognosticada. Perseguida pelas forças demoníacas por seus poderes, a reclusa Adela MacAye prevê sua própria agonizante morte. Ela deve procurar ao eleito para produzir um herdeiro e passar seus poderes Celtas. Falhar seria o fim da magia branca, inundando o mundo na escuridão. Conjurando um feitiço de fertilidade ela é conduzida a um sensual latifundiário quem está prometido à feiticeira que quer caçá-la. O tempo se esgota enquanto o destino e o futuro a perseguem.

Rodeados de inimigos e indetermináveis sabotagens, o atraente Laird Phillip Robets deve salvar seu clã de um sangrento enfrentamento por meio de uma aliança matrimonial... Um matrimônio que ele não deseja. Depois de uma noite de ardentes prazeres sensuais com a atraente bruxa, seu coração lhe exige que rompa a promessa de paz.

Com a traição espreitando em cada esquina, será muito tarde para ele salvar... À Última Bruxa Celta?





Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01



Formatado: Português (Brasil)

Formatado: Português (Brasil)

Formatado: Português (Brasil)

Formatado: Português (Brasil)

Formatado: Português (Brasil)

Formatado: Português (Brasil)

Formatado: Português (Brasil)

Nota da Revisora Tessy: é uma historia ótima, cheia de magia, coragem, maldade e... Muitas cenashots, algumas bem sensuais, outras bem cruas, resumindo vale a pena ler, pois o enredo é bem desenvolvido apesar da historia ser curta... Eu adorei!

Nota do Revisor Matias Jr.: O livro tem cenas sensuais e cenas de sexo sem barreiras...

Se tiverem assistido o seriado da "feiteira Samantha" esqueçam o que viram. Tudo troca de lugar... Bruxas são boazinhas e as feiticeiras são más e depravadas... Se fortalecendo com o sexo cru e sem barreiras...

CAPÍTULO 1

Highlands, Escócia.

— Por favor, outra vez não - Adela MacAye implorou suavemente. De joelhos, apoiou-se contra a borda da cama cheia de vultos, com as mãos agarrando fortemente uma estátua em miniatura de Amerissis, a Deusa da Luz.

— Lhes rogo, me dêem uma visão diferente, por favor.



Levantou-se cautelosamente do sujo e duro chão, atou apertadamente seu cabelo castanho em uma trança e a passou por cima do ombro.

— Não sei por que continuo rezando, Amerissis. Minhas visões nunca trocarão.

Limpou as magras mãos úmidas em sua túnica cinza e desabou sobre as almofadas de uma desgastada poltrona de veludo vermelho cheio de plumas.

Olhando ao redor de sua modesta cabana, suspirou com resignação com os ombros caídos. Como tinha se encontrado em tal remota e estéril terra, tão longe do jardim de rosas de sua mãe na Inglaterra?

— Temor - zombou em voz alta.

O temor tinha causado que passasse a maior parte de sua vida fugindo.

Uma vez que os habitantes da cidade começavam a suspeitar que a garota normal dos subúrbios da aldeia era uma bruxa, estava forçada a abandonar cada lar provisório ou ser queimada na fogueira.

Adela estremeceu, recordando a terrível morte de sua mãe. Só tinha doze invernos quando uma viciosa turfa arrastou Mary MacAye fora de sua casa. Acusando a sua mãe de comunicar-se com o diabo, queimaram-na viva em meio da aldeia.

Não importava que Mary, de natureza tão doce como formosa era sua face, ajudasse os aldeãos durante os últimos anos com suas doenças. As pessoas ainda temiam a sua mãe, mostrando repugnância para ela quando passavam pela estrada.

Predizer a morte de sua mãe não era uma visão que Adela desejasse, mas lhes tinha dado suficiente advertência para estarem preparadas quando os enfurecidos aldeãos jogaram sua porta abaixo.

Mary tinha empurrado a Adela pela janela com alimentos e moedas antes que os aldeãos pudessem capturá-la também. Adela rogou a sua mãe que fugisse com ela, mas sorriu e disse:

— Não pode escapar do destino.

Mary beijou o rosto sulcado de lágrimas de Adela, e afastou a sua filha firmemente.

Adela havia se escondido no espesso bosque e se manteve a distância quando arrastaram a sua mãe e a ataram a um poste, em torno do qual se amontoava a lenha. As lágrimas cegaram a vista de Adela, mas sabia que não havia nada que pudesse fazer exceto ver as chamas subindo por ela. Os gritos de sua mãe ressoaram em seus ouvidos enquanto que o aroma da carne queimada lhe fez vomitar o exíguo conteúdo de seu estômago.

Depois que terminaram os gritos, os aldeãos voltaram para procurar a pequena bruxa, mas tinha desaparecido. Adela conhecia o caminho seguro que a levaria para longe da Inglaterra, de toda sua ignorância e prejuízos contra as de seu tipo.

O suor perolou o lábio superior de Adela. Recostou-se na cadeira e fechou os olhos. Igual no dia que havia predito a morte de sua mãe, agora tinha visões dos tortuosos acontecimentos que aconteceriam a seu próprio desaparecimento.



Talvez, depois de dez invernos sua visão seria diferente e seu destino trocasse.

Pouco a pouco, sua respiração se fez centrada e tranqüila, seus músculos se relaxaram. Passou pelo ritual de visualizar uma luz branca ao redor de seu corpo enquanto pedia a Amerissis o dom da visão.

Suavemente, seu espírito se afastou de seu corpo e viajou através do teto da dismantelada cabana. Seu corpo permaneceu quieto na cadeira, enquanto Adela podia ver tudo por cima, separado mas unido por um fio de prata que aderiu seu espírito a seu corpo. Gravitava livre, voou pelo céu sem nuvens.

Os animais do bosque próximo ao lago a olhavam enquanto deslizava. Em seu corpo, estariam assustados com ela, mas em espírito aceitavam sua presença como pacífica e amorosa. Saudou as criaturas e lhes enviou a partir de seu coração uma luz que lhes desse proteção dos depredadores e a humanidade.

Adela olhou além da casa de um jovem clã escocês. Os pais estavam ocupados lavando roupas e cortando madeira enquanto os meninos brincavam nos confins do bosque, felizes e despreocupados. Adela afastou o olhar, desejando ter o amor e a simplicidade que suas vidas ofereciam. Rapidamente, seu espírito foi empurrado contra o pesadelo que sabia estava chegando. Planando sobre as escuras montanhas e ao interior de uma névoa misteriosa, foi guiada a um lugar de grande tristeza e dor.

Não! Por favor, não de novo.

O enorme e familiar castelo estava escondido na ladeira da montanha, suas almenas o rodeavam muito mais altas que os edifícios menores do interior. O castelo era escarpado e intimidava a todo aquele que olhava suas pedras negras.

Sua visão continuava sendo a mesma, e assim, seu destino.

Antes que pudesse gritar, seu espírito voltou a aparecer nas masmorras do castelo. Escuro e úmido, flutuou sobre os juncos pútridos do chão de pedra e se viu, no futuro, sendo jogada na masmorra por sombrios soldados. A escuridão afligiu seus sentidos, enquanto ouvia o tamborilar dos ratos através dos sujos juncos. Viu-se soluçando, balançando-se e cantando:

— Não vou ter medo. Não vou ter medo.

Ouviu ruídos no exterior e sua atenção se deslocou de seu soluçante corpo para a pequena janela gradeada. No pátio abaixo, um poste a esperava com uma pilha de lenha amontoadada. Adela se moveu mais perto de seu corpo futuro e se aproximou para tocar seu ombro tremulo. A porta se abriu de repente e ambas levantaram a vista.

Contraria a ver os soldados arrastando seu eu futuro a ser queimada, o espírito da Adela se retirou dos calabouços e suas impenetráveis paredes.

Seu espírito voou através do céu e rapidamente retornou a sua segura cabana, onde se reuniu de novo com seu corpo presente.

As pestanas de Adela se abriram de repente, cada músculo de seu corpo tremia de medo e apreensão.



Logo seria encarcerada e sentenciada a morte.

Poderia tentar fugir, sair de noite. Mas suas visões nunca se equivocavam. Se estava destinada a morrer, morreria, não importava o longe ou rápido que corresse.

Mas morrer donzela, sem ter conhecido nunca o toque de um homem ou dado a luz um filho e passar o sangue MacAye, o sagrado sangue de bruxa que terminaria com sua morte... A idéia era insuportável. Resistindo a necessidade de paralisar em lágrimas, Adela olhou a seus pés com os punhos apertados aos lados.

— Terei um bebê! E meu legado passará a outra geração. Inclusive se não estiver ao redor para ver meu filho crescer, vou honrar às mulheres MacAye do passado. Nossa linhagem não acabará comigo.

Levantou o queixo e tragou o nó agasalhado na garganta, seu tom uniforme.

— Não falharei, mãe.

Soprando uma mecha perdida de sua face, Adela correu à despensa. Abriu as portas de repente e empurrou o escasso conteúdo do armário em uma bolsa grossa. Não era grande coisa, mas o pão e o hidromel evitariam que morresse de fome. Seu cofre de madeira raspou o chão quando o tirou de debaixo da cama. Abrindo a tampa, revolveu a roupa e colocou um velho traje de viagem de cor azul esverdeada.

Passando os dedos pela trança, afrouxou o nó e sacudiu seu cabelo solto por suas costas. Adela tomou uma capa de cor clara do gancho de madeira junto à porta, atirando-a sobre seus ombros e levantando o capuz sobre a cabeça, cobrindo seu rosto.

A determinação se assentou como uma rocha em seu estômago.

— Não há muito tempo, mas ainda há uma oportunidade! - Tranqüilizou a si mesma, esfregando o pescoço.

Ao abrir a velha porta chiando, Adela caminhou audazmente à luz da manhã. Tomou um profundo fôlego e se obrigou a dar um agudo assobio entre seus dentes dianteiros.

De fora dos bosques se materializou um cavalo branco, com a crina e a cauda fluindo ao vento. A majestosa besta galopou para ela, com os cascos deslizando-se sobre a grama coberta de orvalho antes de deter-se diante dela.

— Saudações, meu velho amigo - disse. - Necessito de sua visão.

A mística criatura agitou a cabeça, e o reconfortante aroma da pele do cavalo encheu o ar.

Adela elevou a voz.

— Chamou o desejo de meu coração. Me mostre um homem que seja meu senhor. Necessito alguém amável, é minha primeira vez, alguém que seja agradável e não... Não...

Adela lutou para encontrar o final de seu feitiço.

Uma risada escapou de seus lábios e um brilho de seus olhos.

— Chamou o desejo de meu coração. Me mostre um homem que seja meu senhor. Necessito alguém amável, é minha primeira vez, alguém que seja agradável e não seja um resmungão.



Um círculo de cor rosa apareceu em sua mão, e pôs a energia sobre a testa do cavalo.

— Me leve a esse homem - o cavalo moveu a cabeça e arranhou com o casco na terra. Adela beijou seu suave focinho de veludo. Agarrou-se a um punhado de sua branca crina e saltou sobre seu lombo. - Estou pronta para encontrar o pai de meu filho.

Os silenciosos raios de sol outonais repartidos pelo céu acariciavam suavemente as distantes colinas ondulantes. Entretanto, a beleza da cena estava perdida para Sir Phillip Roberts. O fedor da morte o rodeava com cada passo no campo de batalha.

Tinha a mandíbula apertada enquanto inspecionava os danos. A escaramuça contra o exército dos Campbells de Lady Torella tinha sido particularmente brutal. Muito sangue foi e ainda seria derramado pela propriedade das terras ancestrais de Phillip.

Entrecerrou os olhos quando se aproximou de outro desperdiçado corpo sem vida e amaldiçoou em voz baixa.

— Este, só era um menino - disse. Levantando a cabeça, chamou os soldados restantes. - Aqui há outro.

Três homens se apressaram a preparar o cadáver para transportá-lo de retorno a seu acampamento oculto.

— Devemos agir rapidamente antes do pôr-do-sol. Estes bosques estarão infestados de exploradores Campbells uma vez que recuperem suas forças.

— Este é o último - informou um jovem escudeiro.

— Levem com vocês e os seguirei logo que encontre meu cavalo.

O ansioso alazão de Phillip esperava perto do fim do bosque. A besta grunhiu de medo, com os castanhos olhos abertos amplamente. Também estava ansioso por estar fora desse vale de morte.

Phillip subiu à sela e tinha pego as rédeas quando viu pela extremidade do olho um vulto branco correr através das árvores. Ele deu uma olhada. Aí estava de novo... Uma mulher com um manto branco flutuando passava despreocupada através das árvores.

Estava louca? Esse não era um lugar para que uma senhora estivesse circulando no bosque. Os soldados inimigos e os mercenários poderiam penetrar esses bosques uma vez que fossem cobertos pela escuridão.

— Arre! - Phillip esporeou seu cavalo para a visão fugaz.

Precisava ser advertida.

Mas, de onde poderia ter saído? Não havia nenhuma cabana ou aldeia em muitas léguas. Sem dúvida, os ruídos da batalha recente teriam dissuadido a um desafortunado viajante de penetrar nestes bosques. Acaso não teria ouvido o estrondo?

Uma vez que chegou à distância de uma saudação, Phillip deteve seu cavalo.

— Minha formosa senhora, este não é lugar...

Sua capa caía pelos ombros, o que permitiu um vislumbre do sedoso cabelo castanho que caía em suaves ondas pelas costas. Ela deteve seu cavalo e ficou imóvel, como se tivesse convertido em



uma estátua.

Seus olhos viajaram por sua parte traseira até os dois tornozelos nus que apareciam por debaixo de seu vestido verde sem adornos. O olhou por cima do ombro e riu, depois, saiu disparada como um gamo.

Phillip perseguiu a mulher, seu cavalo esquivando árvores e troncos caídos, seguindo breves brilhos de seu vestido. Como poderia manter-se fora do alcance de seu ágil cavalo de guerra?

Detendo sua montaria em um prado aberto, percorreu a zona procurando a misteriosa jovem, mas não estava à vista. Um zumbido feminino flutuou na brisa e ele agitou a cabeça para seguir o som.

Uma doce melodia vinha de um pequeno lago, apenas oculto pela alta relva.

Desmontando, levou o seu cavalo mais perto do muro de relva. O zumbido se deteve, mas os sons de salpicaduras se misturavam com o ruído dos cascos de seu cavalo. Phillip clareou a garganta em voz alta, alertando a moça de sua presença.

— Não desejo assustar, mas não é seguro para você permanecer nestes bosques sem escolta.

A necessidade de espionar através da verde cobertura para ver se a garota nadava nua foi muito grande para resistir. Ouviu um movimento de turbulências na água e depois um rangido na grama.

Phillip deu um passo atrás, desejoso de ver finalmente a face da misteriosa mulher.

Sua melodiosa voz ressoou através do verde e oscilante muro.

— Mas é evidente que... Não estou sozinha.

A relva se abriu e uma mulher de não mais de vinte e cinco invernos caminhou para a clareira. Gotejava, seu cabelo avermelhado emoldurava umas maçãs do rosto altas e um nariz arrebitado adoravelmente salpicado de sardas.

Seus olhos salpicados de ouro falavam de inocência, mas também brilhavam com tentativa sedução, como se a moça estivesse ansiosa de explorar o desconhecido ainda por ela.

O olhar de Phillip se centrou no vestido esmeralda pego à úmida pele e o contorno de seus firmes seios, seus bicos erguidos estavam apertados contra o empapado material.

Imediatamente, sua virilidade se moveu sob seu kilt¹, com o ritmo cardíaco aumentando. Tinha a aparência de uma ninfa encantadora.

— Você gosta do que vê? - Perguntou ela, com o rosto profundamente ruborizado.

— Eu... Bem...

Phillip se debatia entre devorar a donzela com os olhos e evitar olhá-la com os olhos cheios de luxúria, como qualquer cavalheiro honorável deveria fazer.

Finalmente, deu as costas à tentadora ninfa e passou a mão distraidamente através do cabelo ondulado.

— Este não é lugar para ficar, senhora...

¹ Saia escocesa



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

— Meu nome é Adela do clã MacAye.

Ela suspirou de frustração. Por Júpiter! Por que tinha que escolher um homem respeitável como pai de seu filho? E tão incrivelmente bonito que a fazia se sentir pouco atraente.

Mordendo o lábio, aproximou-se mais da sua figura, um masculino e poderoso aroma de madeira e cavalo flutuou de seu brilhante cabelo, que lhe roçava o amplo conjunto dos ombros. Era um grande contraste com seu sujo e ensangüentado kilt. Era, obviamente, um dos muitos soldados que estavam lutando no campo mais adiante.

Era estranho que as manchas de sangue não a repelissem, inclusive aumentassem sua atração pela figura imponente. Seu olhar desceu pelas fortes mãos apertadas a seus lados. Imaginou esgrimindo uma pesada e mortal claymore², com os grossos lábios endurecidos de determinação. Uma onda de prazer percorreu a pele dela.

Poderiam essas mesmas brutais mãos acariciar seu corpo com doçura?

Adela lhe tocou o ombro e ele girou, sacudindo-a para trás. Estirou uma mão para detê-la antes que caísse e a sustentou em seus braços. Querida Deusa, era o homem mais atraente que jamais tinha visto. Inclusive com o ângulo de sua mandíbula, suas altas sobrancelhas arqueadas e a malhada cicatriz de sua face, era tão formoso como um anjo enviado do céu, e parecia que estaria mais cômodo em uma igreja que com uma espada em suas mãos.

E seus olhos!

O olhar do soldado alcançou Adela, afirmando seu desejo por ela, e algo mais... uma vaga solidão?

Usando seus poderes, criou uma voz dentro de sua cabeça.

Me faça amor. Estou disposta.

As sedutoras palavras ressoaram na mente de Phillip, insistindo a fazer o que lhe oferecia. Sentia-se tão frágil, seus estreitos quadris contra ele. Devia liberá-la. Não era correto retê-la, entretanto, não podia obter que seus músculos obedecessem.

Ela se sentia tão bem em seu abraço. Agachou-se, recolheu-a em seus braços e a levou através da relva ao lago próximo.

Sustentando-a em seus braços a estendeu na suave grama, com os lábios perto dos dela. O fôlego dela cheirava a doces framboesas misturadas com suaves especiarias. Isso o fez sorrir, imaginando esta ninfa recolhendo bagos enquanto dançava pelo bosque.

Isto acaso é a outra vida e meu corpo está realmente morto no campo de batalha? Se esse fosse o caso, verdadeiramente faria amor à ninfa. Se ia ser a última coisa que fizesse, por que resistir a essa divina criatura em seus braços?

Baixando os lábios, vacilou durante só um momento antes de capturar sua generosa boca com faminta urgência.

² Espada longa de duplo fio usada pelos escoceses highlanders.



CAPÍTULO 2

Adela abriu os lábios, permitindo à língua dele dançar com a sua em uma persistente exploração. O batimento de seu coração golpeava em seus ouvidos, em sua cabeça, nadava com o sabor dele e sua cercania, enquanto absorvia a sensual energia da essência masculina em seu interior. Ele gemeu profundamente e Adela arqueou o corpo aproximando-se mais, suas mãos acariciando atrás de sua cabeça.

Afastou-se ligeiramente, forçando a entrar ar em seus ardentes pulmões.

— Eu... - Desceu o olhar à úmida túnica dele, onde a sua molhada regata entrara em contato. - Molhei sua túnica.

Encolhendo os ombros, abateu-se sobre a boca dela e murmurou. - Então é melhor tirarmos nossas manchadas roupas antes que apanhemos a morte.

Adela assentiu lentamente, cativada pelos intensos olhos azul céu e a pressão de seu corpo inclinado contra o dele.

— Posso ter a honra de despi-la? - Perguntou, sua voz um profundo som.

— Aye. - Seu estômago se agitou com nervosa antecipação.

Os dedos dele, habilmente desataram os laços do pescoço à cintura, expondo a pele com um rubor escarlate pela excitação. Gentilmente, afastou o úmido tecido de seus sensíveis, rosados e agudos seios.

O quente fôlego cheio de luxúria caiu sobre seus seios e Adela fechou os punhos, insegura do que fazer com as mãos quando o resto de seu corpo gritava com energia sexual intensa. Seu peito se elevou e caiu com cada laboriosa respiração ao mesmo tempo que desejava que ele a tocasse. Ele beijou dois dedos e depois os posou ao redor de seus ofegantes seios por fora. Como um gato provocando um camundongo, seus olhos estavam acesos com um torturante brilho.

Adela arqueou as costas, ansiando que seus burlados mamilos fossem acariciados. Por que não tocava seus seios completamente? Estava deixando-a louca por alguma razão?

Olhando fixamente em seus olhos, mordeu seu lábio desejando, silenciosamente implorando para que terminasse sua tortura.

— Quer que os toque? - Perguntou, sua voz baixa, com desejo.

— Por favor - murmurou.

Finalmente, segurou a ambos, esquentando-os com seu toque. Um ofego escapou dos lábios de Adela, uma onda de prazer encheu sua feminilidade.

Os olhos dele se abriram de par em par diante sua apaixonada reação.

— É esta sua primeira vez, moça?



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

— Sim.

— Está segura que quer continuar? - As ternas mãos amassavam e acariciavam os seios.

Ela queria gritar, Por Júpiter, soldado! É obvio que quero. Suas mãos me estão conduzindo a borda da loucura. Mas em vez disso respondeu:

— Sim, quero-o mais que tudo.

— Como desejar - disse e desceu os lábios para sugar um mamilo.

Elevando a cabeça, Adela observou a língua girando ao redor da proeminente ponta aveludada. Ela apertou as coxas, o anseio entre suas pernas incrementando-se com cada lambida.

Descendendo sua outra mão, ele juntou as dobras de sua saia e subiu os dedos por sua perna, a pressão firme e possessiva contra sua pele.

Quando a regata alcançou sua cintura, ele a separou de seus seios para encontrá-la sem nenhum objeto interior. O olhar apanhado no coberto ninho de escuro e encaracolado pêlo castanho entre suas coxas.

O primitivo brilho de um guerreiro apareceu em seus olhos, e ela igualou a intensidade de seu olhar com um dos seus.

Elevando os braços, permitiu-lhe elevar a regata sobre sua cabeça, os movimentos dele ficaram urgentes. Adela voltou a deitar-se na grama e observou os músculos do torso esticar-se quando apressadamente atirou de sua própria túnica de algodão sobre sua cabeça. O loiro cabelo ondeou com a brisa enquanto girou para jogar a vestimenta com descuidado abandono.

O magnífico corpo pertencia ao céu, não aqui à terra, com os mortais. Não podia acreditar que a achasse atraente, embora, o olhar nos ardentes olhos dizia que o fazia. Nunca havia se sentido tão formosa, tão adorada.

Deitando junto a ela, ele reclamou sua boca, o beijo foi feroz e apaixonado. As pontas dos dedos desceram por seu abdômen, riscando um ardente caminho sobre sua pele.

— Separe ainda mais suas pernas - murmurou contra seus lábios.

Ela o obedeceu sem vacilar, com desejo insuportável na escorregadia e cálida pele. Adela sabia que devia ser tímida e modesta, entretanto estar nua frente a este homem parecia tão correto.

Tão natural.

Ele acomodou os dedos entre as úmidas dobras e esfregou seu sensível centro com a ponta de seu polegar. Ela gemeu contra seus lábios e a língua dele penetrou em sua boca, sufocando os ofegos de crescente prazer.

Antes que sua respiração pudesse acalmar-se, o soldado rapidamente se levantou, deixando-a privada de sentir suas sensuais energias. O olhar dela seguiu cada movimento dele.

Ele desenrolou seu kilt e o desprezou, deixando seu inchado membro apontando para fora, masculina e potente.

Adela tinha espiado na aldeia homens enquanto se banhavam; os suaves membros intrigavam sua virginal curiosidade; de qualquer forma, nunca tinha visto um rígido ou quase tão impressionante



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

antes. Esticou-se, perguntando se ele encaixaria dentro dela.

Sentindo seu desconforto, ele se recostou sobre suas costas, junto a ela, e elevou os braços atrás de sua cabeça.

— Minha doce moça, pode ter controle completo. Se agrade através de mim e prometo que não farei demandas sobre o que não deseje dar.

Os olhos de Adela se abriram de par em par.

— Fala com palavras falsas? - Faminta, seu olhar vagou por cada polegada de sua musciosa forma, só para descansar de novo em sua tensa ereção.

— Nae. É bem-vinda a me saborear.

Tragando fortemente, sentou-se direita e tentativamente, tocou o quente peito. O salpicado pêlo claro era suave sob sua mão. Uma doce essência de suor e couro encheu seus sentidos, excitando-a de novo.

A mão dela se deslizou por cada onda de músculo dirigindo-se para o crespo pêlo que rodeava sua masculinidade. Insegura, olhou para o atraente rosto, o olhar cheio de luxúria a impulsionou a tocar sua suave dureza.

Mordendo o lábio, entrelaçou ambas as mãos ao redor da base de seu membro e ligeiramente as conduziu acima do acetinado topo e abaixo novamente. O peito dela se esticou com excitação e timidamente jogou uma olhada ao soldado para ver se, também, sentia tensão. Os olhos estavam fechados, a cabeça sobre as mãos. Um gemido saiu de seus lábios e ela continuou com o movimento com uma rítmica pressão.

— Você gosta disto? - Perguntou, sabendo a resposta, mas querendo escutar a rica e particular voz.

— Aye, esta fazendo bem, moça. Mantenha o ritmo. - Respondeu, as veias do pescoço se sobressaíam.

Ele gemeu de novo, e moveu a cabeça a um lado em uma resposta selvagem. Adela sorriu com travessa satisfação de que podia tentar igual ao atraente soldado. De repente ele agarrou sua mão fortemente, detendo o movimento.

Um brilho de suor apareceu sobre a testa.

— Se não deseja que esparrame minha semente em suas encantadoras mãos, melhor parar agora.

Sorrindo sedutoramente, ela passou a perna sobre sua cintura, sentando-se montada sobre a palpitante carne debaixo dela.

— Não desprezaria sua semente tão despreocupadamente.

— Maldição - tomando um profundo e gratificante fôlego, continuou. - Tome a seu gosto. Por você, matarei qualquer que ouse irromper em nosso paraíso.

Assentindo, seus olhos fixando os dele, gradualmente desceu sobre seu membro. Pouco a pouco, delicadamente o empurrou mais para dentro de seu úmido canal até que seu hímen se



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

rompeu.

Os olhos de Adela se entrecerraram com dificuldade, seu interior ardendo, dilatado no seu limite.

Sem sair, ele se sentou e segurou seu rosto.

— Dê tempo de se ajustar a meu tamanho. Prometo que a dor se aplacará. -Beijou-a nos lábios, terno e lento.

Adela girou os quadris de um lado a outro, e em vez de sentir dor, sentiu ondas de prazer.

— Têm razão, soldado. Isto sim se sente bem.

Ele gemeu com contida frustração, a cabeça caiu para trás sobre a grama. Outro sorriso de triunfo cruzou o rosto dela e continuou meneando-se sobre sua ereção. Caiu sobre seu corpo, o cabelo castanho acariciando ambos os lados do rosto dele.

Adela o beijou de novo e se moveu para frente e para trás, inclinando os quadris.

Ele estirou-se debaixo dela, e Adela o cavalgou com selvagem abandono, ávida por consumir mais êxtase, alimentar-se com seus gemidos de paixão. Ela não queria que esta sensação eufórica terminasse nunca. Os quadris se moveram mais e mais rápido enquanto seu pesado fôlego ia misturando-se com o dele. Arqueou-se para trás e gritou sua liberação ao mesmo tempo que ele fazia o mesmo, derramando sua quente e viva força dentro dela com um explosivo estremecimento.

Olhou-o fixamente com surpresa e ambos riram pelo incrível impacto de sua relação sexual. Ela caiu a seu lado na grama, o braço dele amortecendo sua cabeça. Os dedos afetivamente acariciavam seu ombro.

A simples carícia produziu a Adela uma quente sensação no estômago. Então desta maneira se sentia a intimidade. Gostava.

A mão ligeiramente roçou o peito dele, e casualmente moveu a perna sobre a sua. Deveria perguntar seu nome, mas por um lado não queria sabê-lo.

Era melhor se o nome do pai de meu bebê fosse desconhecido.

Dessa maneira permaneceria sendo uma fantasia em sua mente para sempre. Não real, entretanto o bastante humano para engendrar um menino.

Quase desejava que pudesse haver um futuro para eles, mas uma vez que ele descobrisse que era uma bruxa, seria repudiada como o fizeram todos os homens antes dele.

— No que esta pensando? - Os olhos procuraram os dela.

Não querendo arruinar o momento com seus pensamentos, o olhar de Adela se fixou na selvagem cicatriz ao longo de sua face.

— Como lhe fizeram isto? - Perguntou e deslizou um dedo ao longo do suave entalhe.

— Se te conto, acreditara que sou um louco.

— Pensa que já não o faço? - Disse com um malicioso brilho nos olhos.

A profunda risada de Phillip vibrou através de Adela deliciosamente, ardendo sua pele.

Ele trouxe a palma dela a seus lábios e a beijou. Depois de uma longa pausa, finalmente



respondeu:

— Tomei uma adaga e marquei minha pele.

Adela ofegou.

— Por quê? Por que destruir algo tão formoso?

Sombrio, Phillip reclinou a cabeça e pousou a mão livre atrás desta.

— Vivemos em um mundo onde a brutalidade e a força é tudo o que importa a um homem.

Assim, como um homem com um rosto angélico, fui zombado sem misericórdia.

E não só por outros jovens, mas também por meu pai, que estava decepcionado de que seu filho se visse favorecido pela bela aparência de sua mãe.

Os olhos de Adela se suavizaram e sua voz descendeu.

— E acha que o respeitariam mais se tivesse uma cicatriz?

— Aye.

— Fizeram-no?

— Nae. Meu pai me deu umas palmadas. Disse que se alguém tinha que me marcar, seria ele.

Phillip se voltou e se incorporou sobre os cotovelos, olhando Adela.

— Acho que senti remorso por seu papel em meu tolo plano e não sabia como desculpar-se.

— Desse dia em diante, não zombou por minha aparência ou permitiu que outros o fizessem em sua presença. Mas sim tive que provar que não era um adoentado a todos e a mim mesmo.

— Recolheu um fio do cabelo dela e o inalou com prazer, depois continuou.

— Pratiquei implacavelmente com uma Claymore e me voltei mais determinado no treinamento que a maioria dos jovens.

Quando chegou o tempo das grandes batalhas, logo se fez evidente que minha bela aparência não interferia com a habilidade de minha espada.

— Para que clã é soldado? - Adela perguntou ausentemente, seu olhar se fixando nos cativantes lábios. Como podia qualquer mulher resistir a tal homem? E ele era todo seu neste momento.

— O clã de Robert, de qualquer forma, não sou um de...

Incapaz de esperar por mais tempo, beijou o excepcionalmente formoso guerreiro. Saboreando o gosto de sua boca, aprofundou o beijo com a língua.

Sabia que deveria estar escutando o que ele estava dizendo, mas seus lábios eram cativantes e ansiava reclamar sua boca. Querido Deus, o esculpido torso ficava tão bem contra seus seios.

Um agudo grasnido ecoou sobre eles e Adela se aconchegou em seu abraço.

— Escutou isso? - Perguntou, o terror emanava de suas palavras.

— O que?

— Por ali. - Apontou para o céu. - É um corvo! - Murmurou, seu corpo se esticou.

Medo, nu e vívido, se deslizou por ela.

— Por que te assusta o pássaro negro? É inofensivo. - Disse, as sobrancelhas se franziram com preocupação.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

O corvo voou sobre eles de novo, a aguda chamada vibrando por sua alma, enviando estremecimentos de premonições ao longo de seu corpo.

— A maldade está nos observando. - Firmemente agarrou seu braço, as unhas cravando-se dentro de sua carne.

— Phillip! - Várias vozes masculinas chamaram da distância. - Phillip, onde está?

Outro homem gritou.

— Venham aqui. Ali está seu cavalo.

Phillip se voltou para a moça em seus braços.

— Meus homens estão procurando por mim. - Soltando-a, levantou-se e parou a borda do lago, a nudez coberta pela alta grama. - Estou aqui, mas não venham. Nós sairemos.

Phillip se voltou para descobrir que Adela tinha desaparecido.

— Moça, tudo está bem. Não será machucada. - Chamou através do lago, mas ela não emergiu de seu esconderijo.

Seus pés descalços salpicaram pela borda do lago ao mesmo tempo que se apressava até o outro lado e a buscava pela grama. Não a pôde encontrar na espessa relva super crescida.

— Não acredita que é um momento inapropriado para banhar-se? - Disse Dougal. O trabalhoso formado Treinador de Guerra sufocou uma risada ao mesmo tempo que o resto de seus homens observavam Phillip dobrado sobre o mato, as nuas nádegas estavam expostas.

Phillip se endireitou, despreocupado diante das brincadeiras de seus homens.

— Havia uma mulher...

Dougal assentiu, esfregando a barba vermelha.

— Claro, moço. Acredito que pegou muito sol. É melhor voltar para o acampamento e dormir um pouco.

— Não me trate com condescendência. Realmente havia uma... - Diante da descrença nos olhos de seus homens, terminou com um. - Não importa. Seria impossível apanhá-la agora. Vamos.

Introduzindo-se em suas vestimentas, passou Dougal e maliciosamente empurrou os robustos ombros de seus homens.

— Vocês, grandes tocos, assustaram-na.

— Seguro que o fizemos. - Dougal replicou.

Montando seu cavalo, Phillip examinou a área uma vez mais buscando qualquer sinal da encantadora criatura com quem tivera o prazer de passar a tarde.

— Vamos, Phillip. - Disse Dougal. - Os homens estão cansados e desejam encontrar cerveja e uma cama.

— Aye - Respondeu Phillip, e cavalgou de novo através das árvores, amaldiçoando o esquecimento de perguntar à moça onde habitava. MacAye. MacAye. Nunca tinha escutado a respeito desse clã antes.

No bosque escuro, Adela esperava calmamente junto a seu cavalo, confortada pelas sombras



que escondiam sua forma. Não era como se aborrecesse a luz do sol, mas estava acostumada a caminhar pelos bosques debaixo da suave luz da lua, seu consolo não perturbado por curiosas pessoas que desejassem bisbilhotar em sua vida.

O cavalo branco cabeceou seu ombro e ela descansou a face contra o sólido e quente pescoço. A almiscarada essência de seu amigo a enchia com companheirismo, não obstante, suspirou com solidão.

— Sabe que devia deixá-lo ir. - Murmurou, seu peito se esticou.

O som distante do relincho de um cavalo soou através dos altos pinheiros. A cabeça de Adela se elevou e ela contornou um negro tronco, a mão acariciando a áspera casca ao mesmo tempo que se estirava para ver através do denso bosque.

Os soldados estavam finalmente deixando a pradaria e retornando pelos bosques, mas o olhar de Adela estava apanhada por só um deles. O mais alto e desejável de todos eles.

Desceu o olhar a seu estômago e pousou uma amorosa mão sobre seu abdômen. Retornando o olhar a suas longínquas costas, tomou fôlego nostalgicamente.

— Adeus, soldado conhecido como Phillip... E obrigado por nosso bebê.

Um silencioso corvo sobrevoou escondido nos densos ramos. Negro, olhos pequenos brilharam com ameaça à mulher balançando-se sobre um cavalo. Uma essência metálica encheu o ar, e o corvo elevou o bico. Abriu as asas para voar.

CAPÍTULO 3

Sete luas mais tarde, Phillip desmontou do cavalo de guerra e deu as rédeas a seu escudeiro. Amaldiçoou baixo e esfregou os doloridos músculos do braço devido à espada.

A sangrenta disputa que durava mais de três anos contra sua família lhe mantinha em uma posição insuportável. Já teve muito desta guerra sem sentido.

Cuidando de não escorregar no lodo, Phillip se dirigiu ladeira abaixo pelo campo. Olhou a túnica suja e o kilt. De novo, coberto de sangue e sujeira, as botas negras estavam perpetuamente raiadas de barro.

Talvez não fosse a batalha sem fim o que o tinha irritado, e sim a vã busca de Adela a que o tinha frustrado. Era como se a garota fosse um espírito do mundo das trevas. Aqui um momento, desaparecida ao seguinte.

Três cansados soldados cruzaram no caminho de Phillip e este se afastou a um lado, deixando-os passar. Pela manhã eles, também, estariam no campo uma vez mais, lutando contra os persistentes Campbells.

Phillip suspirou de alívio quando sua barraca ficou à vista. Não podia esperar para limpar o



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

sangue e derrubar-se sobre a cama.

— Sir Phillip, seu avô requer sua presença - anunciou um homem de armas atrás dele.

Suprimindo um gemido, Phillip olhou as mãos manchadas.

— Assearei-me primeiro - respondeu e lhe deu as costas.

— Rogo que me perdoe, mas o Laird não pode esperar.

Phillip se voltou e assentiu com resolução.

— Vamos.

Entrou na barraca que ocupava seu avô, salpicada com escassos luxos. Na guerra, o Laird Roberts não vive na comodidade quando seus homens estavam morrendo nos campos.

Phillip se aproximou de seu avô, que estava doente na cama, suas faces cinzentas afundadas e seus olhos cinza apagados. Inclusive à idade de sessenta invernos, o velho Laird seguia sendo bonito. Um traço ancestral do clã Roberts.

Os olhos do homem mais velho se iluminaram quando entrou Phillip.

— Meu filho, está a salvo.

Phillip se sentou em uma cadeira junto à improvisada cama.

— Aye, avô. Os Campbells são abundantes soldados, mas não têm paixão na luta.

— Na verdade, não tenho prazer em combatê-los - grasnou o homem mais velho. - Mas qualquer um deve manter-se contra os tortuosos de Lady Torella. O saque sem piedade de nossas terras, o assassinato de nossa gente e gado deve ser detido.

— Aye, esperava que a morte de seu pai pudesse aliviar sua necessidade de mais terras, mas por desgraça, sua cobiça não se saciou.

O ancião tossiu, seu magro corpo sacudido por espasmos. Levantou-se na cama, com os debilitados pulmões salpicando sangue sobre as grossas mantas.

Phillip se voltou para agarrar uma jarra da mesa junto a ele, e jogou água em um cálice.

— Avô, há algo que possa fazer por você? - Perguntou, lhe entregando a taça.

— Nae. - Ele bebeu com dificuldade e estremeceu como se o frio líquido lhe queimasse a machucada garganta. - Amaldição este débil corpo que rouba minhas forças.

— Não deve se sobrecarregar.

O Laird agarrou o braço de seu neto e lhe olhou solenemente aos olhos.

— Deve me fazer um juramento antes que eu morra.

— Avô...

— Jura-o!

— O que devo jurar, meu Laird?

— Jura que fará tudo o que deva para trazer a paz a nosso clã.

Suspirando, Phillip assentiu com uma certeza que não sentia.

— Juro-lhes isso, avô. Assim será. - Levantou-se da cadeira e caminhou por volta da entrada. - Agora descanse. Devo retornar ao campo de batalha. Os homens...



Um som sibilante veio de seu avô, e Phillip se voltou para encontrar os tristes olhos do Laird frágeis. Seu peito já não subia e descia com a respiração.

Voltando para a lateral da cama, Phillip pegou a mão de seu avô endurecida pela espada e caiu sobre a cadeira.

Em seu interior, sentiu-se vazio, intumescido. Esfregou os olhos secos e suspirou. Seu avô era o último de sua família. Inclinando-se, apoiou a testa sobre a borda da cama. Não se deu o luxo de afligir-se. Agora era o Laird do oeste das Highlands, um poderoso Laird. Entretanto, não o sentia assim. Seu falecido pai foi um legendário guerreiro, como seu avô. Ambos tinham governado com equidade, sabedoria e força. Como poderia cumprir com esse legado?

Phillip ficou em pé e levantou o queixo. Não devia abandonar a sua gente.

Olhou uma vez mais ao corpo do último parente que partia.

— Não o decepcionarei, avô. A paz reinará em nossa terra. Não importa o que se necessite!

Cansado de fazer os acertos para que seu avô fosse enviado a casa para seu enterro, Phillip saiu de seu lar improvisado e se reuniu com seus homens de armas diante do fogo.

Falavam da batalha do dia e suas conquistas discutindo sobre quem matara mais.

— Juro-lhes isso, matei a vinte Campbells no dia de hoje - Anunciou Richard, um soldado baixo e corpulento com uma verruga em seu queixo nu.

— Hah, vinte e oito Campbells sentiram a ponta de minha espada - Se gabou um homem desengonçado.

— Deve estar de brincadeira, Seamus. "Toós" sabemos que não pode contar mais de dez - brincou com ele seu irmão gêmeo, Thomas.

Phillip fez uma careta diante da sede de sangue deles na véspera da morte de seu Laird.

— Não têm vergonha? - Elevou-se a voz de Phillip. - Seu líder apenas se esfriou e alardeiam as vitórias.

Os soldados olharam para os pés e murmuraram suas desculpas.

Phillip se girou e partiu longe, só para ser seguido por Dougal, cuja forte constituição, cabelo vermelho e barba espessa lhe acrescentavam um aspecto feroz. Dougal só tinha que grunhir a um soldado para que desmaiasse de susto.

Embora da mesma altura que seu amigo, Phillip tinha ganho habilidade com a prática em muitas brigas com o valente soldado mais velho.

— Acha que fui muito duro com os homens? - Perguntou Phillip, freando para que seu treinador se unisse a ele.

— Aye. Sabem que arriscam suas vidas pelo clã. Quando a batalha do dia se acabou e ainda estão vivos, devem encontrar coragem em sua habilidade com o aço para durar um dia mais no ensangüentado campo.

— Aye - Respondeu Phillip com pesar, o corpo lhe caía de esgotamento.

Caminharam em agradável silêncio até o rio que corria ao lado de seu acampamento.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

A pacífica corrente se movia diante dele quando olhou suas profundidades, perguntando-se como o rio ainda fluía com a segurança de sua direção quando a morte manchava suas águas.

Phillip se ajoelhou. Tomando a água fria com as mãos, lavou o sangue da pele. Lamentava não poder apagar tão facilmente a morte de seu coração.

Era o último dos Roberts e agora se sentia verdadeiramente sozinho.

Dougal se agachou a seu lado. Seu olhar estava sério sobre o Phillip.

— Quais são suas ordens?

— Não sei - respondeu Phillip. - Devo conseguir a paz entre nossos clãs. Entretanto, Lady Torella não será razoável com isso.

Atrevo-me a dizer que ela derramaria o sangue de cada homem nas Highlands antes de abandonar a perspectiva de conquistar nossas terras.

— Posso oferecer uma sugestão, meu Laird?

— Adiante, homem.

— Por que não dar então o que ela quer?

Phillip o olhou fixamente.

— Foi golpeado na cabeça muitas vezes, meu amigo?

Rindo, Dougal moveu a cabeça.

— Se case com a dama, unam as terras e ponham fim a este conflito.

— Está louco? Lady Torella odeia todo Roberts. Nunca se casaria comigo.

— Um homem com seu formoso aspecto pode seduzir a qualquer mulher - disse Dougal, piscando um olho. - Uma mulher nunca diz não a você.

— Mesmo assim, Lady Torella não estaria de acordo - acrescentou Phillip com sarcasmo. - Se necessitaria de um encantamento para que se abrandasse para mim.

— Exato.

— Perdão?

— Uma poção de amor - disse Dougal, com uma sobrancelha arqueada.

— Uma poção de amor? - Riu Phillip. - Agora sei que foi golpeado na cabeça.

— Conheço uma bruxa que pode fazer uma poção que faça com que a bela Lady Torella rogue ser sua.

— Não acredito em bruxas - disse Phillip, com o tom firme.

— Vale a pena tentar, meu Laird. Dizem que é feia de ver, mas que tem o toque mágico dos fae.

— Estou surpreso de que um guerreiro como você acredita em superstições.

— Desejam ter paz?

— Sim, mas...

— Então convoque à bruxa e veja você mesmo, meu Laird.

— Que assim seja, então. Tragam-na ao Castelo Gleich. E verei por mim mesmo se esses rumores são certos - Phillip ia, então se voltou. - Faça que os homens voltem para seus lares com suas



famílias pela manhã. Houve suficiente morte em ambos os lados.

Inclinando-se, Dougal respondeu.

— Como ordenar.

CAPÍTULO 4

O ruído de botas cheias de barro ressoou sobre o chão de pedra enquanto Dougal partia através da grande sala do Castelo Carline.

Os serventes se afastavam do caminho do grande highlander, sua terrível reputação e seu ameaçador aspecto de assassino produziam temor em todos com os que se topava em seu caminho.

Jogou mão a seu claymore e a deslizou silenciosamente fora da bainha. Com passo determinado, chegou à habitação da senhora e abriu a pesada porta de carvalho.

Seus olhos se adaptaram à escuridão interior enquanto gemidos femininos de prazer encheram seus ouvidos. Sobre a grande cama estava, bela e nua, Lady Torella. Seu traseiro branco como um lírio se movia acima e abaixo, montando a um escravo.

Seu grosso cabelo negro se balançava com cada movimento de seus quadris. Olhando as nádegas expostas com forma de coração de Lady Torella, Dougal franziu os lábios, desfrutando da doce vista de seu apertado buraco.

Ela precisava ser lanceada e lanceada fortemente.

O aroma almiscarado de Torella lhe rodeava e respirou profundamente. Seu eixo sofria pelas cavernas internas do ventre dela. Atirou sua espada e esta ressoou sobre o chão de pedra.

Em um movimento rápido, desfez-se de suas meias e ficou atrás de Torella. Inclinando-se sobre ela, agarrou-lhe os grandes seios e guiou sua firme ereção a seu traseiro enquanto se movia ao ritmo do servente debaixo dela.

Resistente a compartilhá-la, Dougal a levantou e a atirou de barriga para baixo sobre a cama, com suas gordinhas nádegas ainda aprisionando seu eixo. Grunhiu ao indignado escravo, e a jovem cara do homem empalideceu e se arrastou da cama.

— Mais forte, Dougal - gemeu Torella.

Ele se apoderou de seus quadris e empurrou profundamente. O tinido de sua cota de malha se misturava com os grunhidos de sua mandíbula apertada.

Os músculos dela o oprimiram do interior, e um calor palpitante se disparou da virilha dele. Tinha saqueado muito a uma empregada no traseiro, mas nada lhe dava o mesmo estímulo que Torella.

Concentrando-se em não perder sua carga antes que ela alcançasse seu prazer, seu corpo brilhou com suor. Pelos pregos de Cristo, ela se sentia incrível!



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

Mantém o ritmo, Mantém o ritmo!

Finalmente, ela gritou sua liberação, empurrando suas escorregadias nádegas mais fortemente contra ele. Era insaciável e Dougal estava muito ansioso de bombear sua semente dentro dela.

Justo quando estava a ponto de ceder a suas necessidades físicas, ela se afastou, deixando-o frustrado e dolorido por mais.

Retorcendo-se, Torella se ajoelhou na cama diante dele, com seus seios pressionados contra sua cota de malha. Ela beijou suavemente seus lábios, zombando dele.

Rodando sua língua rosada por sua boca, sabia que ela sentia prazer na dor sexual que causava.

— Procurará à bruxa?

— Aye - exalou Dougal, com as veias de seus antebraços se destacando. - Prometeu a seu avô que traria a paz ao clã antes que o velho morresse pela poção que me deu.

Ele fechava e abria os punhos a seu lado, com sua virilidade descaradamente ereta. A necessidade de satisfação era insuportável. Mas conhecia seu jogo e devia jogar com suas regras ou ficaria insatisfeito.

— Excelente. Isso me agrada.

Torella se apoderou de sua inchada carne e a esfregou da base, todo o caminho até a ponta. Sua mão aumentava a velocidade enquanto que seu sorriso malicioso se estendia com vitória diante de sua destreza.

Com suas mãos sobre os quadris, Dougal jogou a cabeça para trás e gemeu, com o corpo rígido e preparado para uma liberação explosiva.

Os olhos da Torella se obscureceram com malevolência e deteve o movimento de suas hábeis mãos.

— Me rogue!

Com os lábios apertados, ele permaneceu em silêncio.

— Me rogue ou vá.

— Certo... Por favor - disse. - Segue adiante.

Os olhos de jade dela brilharam com triunfo e ele franziu o cenho, odiando o poder que exercia sobre ele.

Torella trabalhou com sua perita mão até que ele gritou com a liberação. Sua quente ejaculação se disparou sobre o plano abdômen e o encaracolado cabelo de ébano situado no vértice das coxas dela.

Ela se deitou sobre a suave colcha rubi, com as mãos apoiadas atrás da cabeça.

— Agora lambe sua semente de mim. Depois lambe minhas... dobras úmidas do meu escravo... Deixando-a limpa.

Descendo sobre seus joelhos, o soldado mais temido de toda a terra obedeceu com inexorável abandono.

Adela tinha fracassado. Tinha falhado em ficar grávida pelo soldado dos bosques, e a visão de



sua morte seguia sendo a mesma. O tempo se esgotava!

Os poderes MacAye terminariam com sua vida e toda a magia branca desapareceria da terra. Como poderia havê-la levado seu feitiço ao homem equivocado? Como poderia Phillip não ser o eleito?

Tragou a derrota na garganta e se levantou rapidamente da cadeira, disposta a fazer um saco de ervas e poções. Se ia ser capturada, bem poderia estar preparada. As pessoas não podiam escapar do destino depois de tudo.

Não morreu sua mãe com essas mesmas palavras nos lábios?

À luz suave da manhã, seus nervosos dedos mediram um pequeno saco de couro negro que escondia em sua túnica. Depois, muito em breve, seria raptada. Um enérgico ruído quebrou o ar perto de seu ombro. Saltou e se voltou, procurando a fonte.

Um agudo grasnido ressoou da janela da cozinha, e Adela voltou a cabeça para encontrar um pássaro negro sentado na cornija.

— Um corvo!

Fechando fortemente as pálpebras, Adela visualizou uma luz branca protegendo seu corpo. Tentativamente abriu uma pálpebra, com o coração martelando nos ouvidos.

— Fora daqui! - Gritou, agitando as mãos freneticamente.

Mas o corvo lhe devolveu o olhar com desprezo, com seus saltados olhos olhando-a com arrogância.

— Vá! - Gritou, com a voz mais sólida, com força.

Adela agarrou uma bolsa de seiva e a lançou ao intruso. A bolsa aterrisou pateticamente longe, e o corvo zombou dela com outro horripilante grito.

Estendeu suas largas asas e voou da borda, mas não antes de deixar a Adela com a idéia de que seu futuro estava condenado.

Um calafrio lhe percorreu as costas com uma visão de cavalos ensurdecedores pelos bosques, as expressões dos soldados obscurecidas com a determinação de encontrá-la.

— Estão chegando - disse em voz alta, e reuniu seus escassos pertences antes de abrir a porta de entrada.

Com calma, fechou a porta atrás dela, e se colocou na direção por onde apareceriam os soldados do escuro e espesso bosque.

Irônico, que com a morte aproximando-se pudesse estar tão composta. enfrentaria a seu destino como sua mãe tinha feito. Com orgulho e dignidade. Não se arrependia de ser uma bruxa, nem pediria desculpas por sua poderosa linhagem.

O ruído surdo dos cascos dos cavalos ressoava no chão do bosque. Adela inclinou a cabeça para o sol. Esta seria a última vez que sentiria seu calor.

Com um profundo suspiro, fechou os olhos e permitiu aos balsâmicos raios da Deusa Celta do Sol, Grian, que rodeassem seu corpo, enchendo-a de coragem.



Vários soldados surgiram do escuro bosque, seus estandartes marcados com o brasão do lobo negro pertencente ao clã Roberts. Os homens do Laird se detiveram de repente frente a ela e desmontaram.

Um bonito e musculoso soldado, com o rosto imberbe e selvagem, e cabelo loiro se adiantou com autoridade.

— É a bruxa que vive nos bosques?

— Existe alguma outra?

O soldado parecia confuso e compartilhou um olhar com um dos homens atrás dele. Adela suspirou.

— Aye, sou a que procuram.

— Sabia você que viríamos? - Perguntou o soldado desconcertado.

— Aye, sabia - respondeu, e permitiu que o soldado a levantasse sobre uma égua baía.

Sem olhá-los, Adela podia sentir os soldados contemplando-a. Seu medo e desaprovação pesavam fortemente sobre ela enquanto viajavam juntos. Estava acostumada aos olhares das pessoas que não sabiam a bondade dos poderes que manipulava.

Sua ignorância os fazia temer, e seu temor tinha matado a sua mãe e a tinha condenado esse dia.

Um forte impulso se apoderou dela para pôr em movimento ao cavalo e tentar esquivar aos soldados, mas o reprimiu. Não seria capaz de evitar seu destino, não importava quão rápido fosse o cavalo.

O sombrio grupo montou a maior parte do dia em silêncio até o Castelo Gleich. O impressionante edifício encarapitado na ladeira da montanha, aparecia como se fosse esculpido no imponente escarpado.

Com o pôr-do-sol atrás da montanha, as silenciosas sombras cobriam a aldeia no interior dos infranqueáveis muros.

Deve ser agradável para os habitantes de dentro dormir certamente de noite, refletiu Adela, sabendo que as almenas conteriam os ataques hostis de fora. Se tão somente pudesse lançar um feitiço para adormecê-los enquanto escapava.

Adela agitou a cabeça, dissipando a idéia. Precisaria mais poder do que possuía.

As grandes portas feitas de madeira se abriram, lhes permitindo passar sob o restelo de ferro antes de entrar na parte inferior do pavilhão. Os cascos de seus cavalos ressoaram sobre os paralelepípedos da aldeia para o imponente castelo.

Pequenas casas com flores de cores nas beiradas das janelas se alinhavam a ambos os lados do caminho, contrastando com os sombrios muros que estavam atrás delas.

As pessoas saíam de seus lares bocejando para ela. Adela supôs que não sabiam que era uma bruxa. Do contrário, estaria tirando-se suas verduras podres das roupas. Ao menos, podia estar agradecida pela discrição do Laird.



Talvez planejava utilizar sua execução nas chamas como uma diversão surpresa para seu povo. Apesar de sua coragem, estremeceu-se com apreensão. Não queria morrer.

Com um cálice de vinho tinto na mão, Torella se deslizou para o pilar de pedra que sustentava uma terrina metálica adornada com pedras de esmeralda e símbolos celtas dos bruxos antigos.

Com cuidado, verteu o escuro líquido e o girou continuamente, uma cinza luz iluminava o conteúdo.

— Me mostre o que quero ver - entoo Torella, descansando suas longas unhas nas bordas da terrina encantada.

Apareceu uma imagem da moça MacAye montando a cavalo no pátio do Castelo Gleich. O temor da bruxa era tão delicioso, Torella quase podia saboreá-lo. Molhando seu dedo no vinho, a imagem ondulou. Lambeu o ácido líquido da ponta do dedo e riu.

Logo teria o poder da bruxa. Tinha esperado dez longos invernos para restaurar sua beleza sem idade e juventude.

Torella se aproximou do grande espelho de cristal, com candelabros de ferro para as velas ao longo das bordas. Passando a mão pela suave pele de seu rosto, procurou algum sinal de envelhecimento.

Encantar o Laird Campbells para que acreditasse que era sua filha perdida foi bastante fácil. O poder de ordenar os viris soldados do Laird dava uma prazenteira diversão enquanto procuravam à bruxa MacAye.

Mas logo foi incomodada pela interferência de seu pai.

É uma pena que de repente adoecesse e morresse de uma morte dolorosa, me deixando tudo.

— Era um tolo - disse Torella a seu impressionante reflexo, e levantou o queixo para inspecionar a pele de baixo.

Seus olhos se abriram com a comoção. Uma ruga! Aproximando-se ao espelho, Torella olhou a tênue linha sob o queixo.

Se não tomasse o poder da bruxa na lua cheia do Samhain, todos poderiam vê-la como uma velha bruxa de trezentos anos. Devia ter os poderes da garota!

Correndo de volta à terrina de adivinhação, olhou a imagem da bruxa sendo levada ao interior do castelo por dois soldados.

— Sim, leve. Leve a virtuosa bruxa a reunir-se com seu verdadeiro amor.

CAPÍTULO 5

Com um soldado a cada lado, Adela foi conduzida dentro de um grande salão para deter-se diante de uma alta e vazia cadeira. Os soldados rapidamente se retiraram e examinou a deserta



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

câmara.

Escudos de diferentes clãs, espadas e vivas tapeçarias adornavam as paredes, dando à habitação uma aparência guerreira.

Crepitantes sons provinham da lareira atrás da alta mesa. Adela se moveu para esse lado e trocou de um pé ao outro, hipnotizando-se com as chamas alaranjadas que avidamente consumiam as secas lenhas.

Tragou nervosamente o nó em sua garganta e desviou seu olhar.

Um aroma a carne cozida chegou em sua direção, e inalou o delicioso aroma de carne de boi, cordeiro e frango. Contra as paredes se situavam cavaletes repletos de comida de toda descrição, incluindo vegetais de jardim, frutas exóticas e bolos de vários tamanhos e formas. Adela ficou com água na boca e seu estômago rugiu, seus olhos se abriram de par em par ao mesmo tempo que observavam cada delicioso prato.

— Roubar comida da mesa do chefe do clã não é uma decisão inteligente - advertiu a si mesma, seu tom tinha pouca convicção.

Examinando o salão de novo, envolveu um dedo em seu cabelo.

— O que poderiam me fazer? Me queimar na fogueira? - Acrescentou com um leve sorriso de desafio.

Sua saia azul rangeu ao redor de seus pés descalços, roçando sobre o limpo chão. Insegura do que comer primeiro, escolheu uma coxa de frango e rasgou a tenra carne. Seus saborosos sucos desceram por seu queixo, mas estava tão faminta que não se importou. Mordeu outro bocado quando ouviu vozes masculinas dentro do salão e o frango condimentado com ervas se entupiu em sua garganta. Encurvando-se, tossiu, seus olhos lacrimejavam.

Endireitando-se, engoliu o alimento e respirou profundamente. Sua boca ainda se fazia água pelo forte aroma a ervas e olhou com desejo a ave em suas mãos. Teria tempo suficiente para mastigar um ou dois bocados?

Atirando a precaução a um lado, mordeu a deliciosa carne uma vez mais. Mastigando rapidamente, esfregou o queixo e guardou a coxa de frango no bolso da frente de seu vestido.

Cobrindo sua boca, correu para o lugar em que originariamente havia sido deixada e ficou mortalmente quieta.

A porta atrás dela se abriu com um golpe e Adela saltou, mas não olhou. Os sons de buliçosos homens ecoaram nas paredes enquanto os soldados entravam no grande salão e se sentavam.

Adela não olhou a nenhum, mas sim manteve seus olhos para baixo e suas mãos apertadas atrás de suas costas, ainda rapidamente mastigando a comida em sua boca. Por que deu tão grande dentada? Maldito fosse seu apetite!

Os soldados não prestaram muita atenção, e pela primeira vez em sua vida estava feliz de não ser atraente. Além de ser curiosos a respeito de por que estava apostada na metade do salão, ignoraram-na para satisfazer sua própria fome.



Adela quase tinha engolido o último pedaço da carne quando um alto homem com chamejante cabelo e barba a rodeou. Adela deixou de mastigar e evitou o contato visual.

— É esta a bruxa? - Rugiu atrás dela.

— Aye - respondeu o loiro soldado de sua mesa.

— Qual é seu nome? - Perguntou o homem, seu tom era intimidante.

— Está assustando à moça, Dougal. - Uma familiar, viva e alta voz ecoou através do salão.

Tragando pela última vez, Adela elevou o olhar ao homem que acabava de sentar na alta cadeira correspondente ao Senhor.

Seus lábios se separaram da surpresa ao mesmo tempo que olhava diretamente ao angelicalmente atraente homem vestido de negro. Não havia nenhum Laird sentado em frente dela. Era Phillip, um ordinário soldado que tinha tomado sua virgindade.

Um calor alagou suas faces quando ele pareceu reconhecê-la.

Adela tragou de novo, mas dessa vez de nervosismo. Como podia ele ser um Laird Highlander? As masmorras dele estavam em sua visão e sua parede sustentava a fogueira que a queimaria até a morte. Tinha os juntado o destino por alguma razão?

Doía-lhe por toda parte, como se uma mão invisível envolvesse o seu peito e espremesse seu coração. O que era esse sentimento? Adela desceu o olhar a suas frias e úmidas mãos e as limpou em seu vestido.

Repentinamente sua boca secou e olhou de novo ao Senhor, seu coração golpeava. Podia esse ser o homem para quem havia sido destinada? Não só o pai de seu filho, mas também o amor pelo qual havia esperado por toda sua vida?

— Ela fede! - Acusou Dougal.

Adela franziu o cenho e se afastou do estranho homem.

— Frango! Cheiro frango! - Anunciou, como se esperasse um aplauso. Quando os fixos olhares de todos foi sua única resposta, acrescentou. - Estive comendo frango.

— Dougal... - Disse o Senhor.

Dougal agarrou a mão de Adela e revisou seus bolsos. Encontrando a coxa, tirou o osso de frango e o sustentou no ar.

— Não é só uma bruxa, mas também uma ladra!

— Eu... Eu... - Adela se perguntava como ia explicar-se.

— A moça está obviamente faminta. Devolva a comida e sentem-se!

Guardando a carne de novo em seu vestido, Dougal se voltou e se sentou junto ao Senhor.

— Não aqui, Dougal. Encontre outra cadeira para a refeição da tarde!

Com o evidente desgosto do Senhor na fenda entre suas pestanas, todos no salão observaram a furiosa mudança e recuaram.

O intenso olhar azul de Phillip se pousou sobre a Adela.

— Procure-a por todos os lados. Por favor, venha se sentar junto a mim e nos permita comer.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

Adela piscou rapidamente, sua mente ofuscada com a mistura de emoções. Em um momento se preparava para ser jogada nas escuras masmorras para aguardar sua morte.

No seguinte se encontrava parada diante do atraente soldado com o qual havia uma vez intimado. Nae, não um soldado. Um Senhor que tinha sua vida em suas mãos.

— Se o preferir, pode jantar na aldeia - ofereceu.

— Nae, nae. Estou contente de jantar com você - disse ela, e lentamente caminhou para a alta mesa.

Quanto mais perto do Senhor estava, mais lhe tremiam as mãos.

Ele se levantou e sustentou uma cadeira para que se sentasse, e Adela sorriu. Seu grande e musculoso corpo era como o recordava. Alto e poderoso.

A incomum pacífica energia ao redor dela repentinamente se tornou errática como se estivesse sendo carregada com um raio elétrico.

Adela tomou uma profunda respiração, tentando acalmar-se e sentar-se na cadeira junto ao homem que conhecia cada polegada de seu corpo.

— Adela, onde foi? - Perguntou, lhe servindo um prato de comida. - Mas primeiro, me diga de onde provêm, assim não voltarei a perdê-la.

A atenção dela foi do manjar que lhe serviu, observando a forma em que seus longos dedos recolhiam um pedaço de pão e acrescentava este ao prato dela.

— Eu... Venho do clã MacAye.

O Senhor sorriu diante de sua gagueira. Adela supôs que estava acostumado a que as mulheres se comportassem como tolas diante dele. Franziu o cenho, desejando ter a mesma confiança que tinha no lago.

— Seu sotaque é ligeiramente Inglês, mas têm um nome Escocês?

— Aye, viajei, e minha mãe era escocesa. Nunca conheci meu pai.

— Onde está sua mãe agora?

— Está morta - respondeu Adela, descendo seus olhos.

— Não há outros em seu clã?

— Nae.

Ele cobriu sua mão.

— Então esta sozinha?

— Aye.

— Então me permita me apresentar. Eu sou...

— Laird Phillip Roberts, Senhor das Highlands. Sei quem é. É o último do clã Roberts. Se não se casar e produzir um herdeiro, suas terras serão consideradas fáceis de tomar.

— Aye, têm razão em tudo. - Aproximou-se dela, seus olhos sustentando um incerto olhar. - Então é uma... Bruxa?

— Aye, sou uma... Bruxa - Disse no mesmo tom como o do Laird.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

— Já vejo - disse afastando o olhar.

— É certo? - Replicou elevando sua voz. - Se soubesse que era uma bruxa, nunca teria feito amor, não é certo?

— Nae, quero dizer, sim. Não sei.

Embora não estava surpreendida, o coração doeu por sua resposta.

— Bem, comecemos com algo que sabe. Por que me trouxeram aqui se não é para me processar por ser uma bruxa?

O Senhor virou em seu assento para olhá-la.

— Não acredito em bruxas, mas tenho necessidade de ajuda. Apesar de tudo, encontro-me abrindo minha mente a qualquer possibilidade.

Adela assentiu, encontrando uma pequena medida de respeito por alguém que queria saber a respeito do que outros desprezavam.

— Por favor, prossiga.

— Eu gostaria que fizesse para mim uma poção de amor, assim Lady Torella aceitará minha oferta de matrimônio e terminará esta inimizade sem sentido

— replicou Phillip, curioso porque seu coração disparava com incerteza, como se sua opinião a respeito dele importasse nesse assunto.

Seu olhar vagou pelo cabelo dela jogado para trás em uma trança. Uma que queria desesperadamente desfazer e passar seus dedos por ele. Fechou seus olhos fortemente, depois os abriu.

Imagens de seu inocente e nu corpo aberto ao prazer ao mesmo tempo que saqueava seu quente, escorregadio...

— Esta escutando? - As rugas apareceram ao redor dos quentes e doces olhos.

— O que disse?

— Daria-lhe também terras extras, reforçando sua posição como Laird - disse, seu tom monótono.

— Aye, faria-o, mas essa não é a razão pelo qual quero a poção - replicou Phillip. Fez uma pausa para tomar fôlego e mover-se na cadeira para acomodar a seu inchado membro. Resistindo a urgência de explicar-se diante dela, roucamente perguntou.

— Ajudará-me?

— Nae.

— Nae?

Assentindo, voltou-se e começou a comer. Phillip estudou seu perfil. Embora a maioria houvesse dito que Adela não era atraente de rosto, encontrava sua aparência atraente. Um gracioso e sardento nariz dava a suas faces uma doce aparência como o fazia seus finamente esculpidos lábios. Mas eram seus olhos marrons dourados que falavam de uma acordada paixão que só ele tinha descoberto. Seu coração se inchou com possessividade. Se só pudesse lhe oferecer matrimônio.



Viver com a espiritual Adela seria certamente uma vida livre de tédio. Sacudindo a cabeça, livrando-se dos tolos sonhos, clareou a garganta. Devia manter-se enfocado no dever.

— Será que você... Você não pode fazer uma poção de amor ou não fará uma poção de amor? - Perguntou, irritado por ser ele quem gaguejava agora.

Elevando um pedaço de pão para seus suaves e rosados lábios, ela suspirou e voltou a deixá-lo em seu prato.

— Para toda poção ou feitiço que é conjurado, há um efeito oposto que ocorre em algum outro lugar no mundo.

— Não entendo - confessou Phillip.

— O mundo é um equilíbrio e o Destino usa seu poder divino para mantê-lo dessa maneira. Se estivesse por conjurar um feitiço da fortuna, seria temporalmente rica com um grande castelo como o seu, mas um dia um senhor da guerra poderia queimá-lo até os alicerces. Então ficaria exatamente igual a antes que tivesse conjurado o feitiço, desta maneira, fazendo que o mundo se equilibre.

Phillip franziu o cenho.

— Assim, se você for fazer um feitiço de amor, minha prometida terminaria me odiando?

— Aye, ou ela poderia apaixonar-se de outra pessoa estando casada com você. Os feitiços nem sempre funcionam da maneira que foram planejados. Têm consequências variadas. Se seu destino for amar a... Outra...

Então amarão a outra, entretanto Lady Torella seguirá estando apaixonada por você.

Phillip olhou dentro de seus olhos, seu cenho franzido.

— Confrontarei o risco.

— Eu não - respondeu simplesmente Adela, sabendo que estava sendo irracional, mas não podia suprimir a agitação em seu estômago.

Ele era o eleito. Como podia fazer amor com ela e planejar casar-se com outra? Podia... Podia estar ciumenta?

— Muitas vidas estão em jogo. Devo ter paz.

— Não lhes darei isso! - Declarou veementemente e ficou em pé. - O coração de uma mulher não é para brincar.

Phillip se elevou junto dela.

— Ordene-lhe que me prepare a poção.

— Nae!

— Guardas! Levem a senhorita Adela a seus aposentos - ordenou. - E não deixarei que se vá até que tenha a poção - parou tão perto dela que quase podia beijar seus flexíveis e teimosos lábios.

Uma incontável força o provocou para inclinar-se sobre ela.

— Então nunca irei - murmurou.

Ele sentiu seu fôlego, doce e quente. Tinha um poderoso efeito sobre seus sentidos. Por alguma razão seu coração se iluminou ao ouvi-la dizer tais palavras.



Sacudindo sua cabeça, afastou-se de Adela, ansiando pôr distância da moça que o tinha perguntado se de fato estava ficando louco.

Phillip abriu a porta de carvalho de seus aposentos para encontrar um corvo pousado na ampla cama de quatro postes. O pássaro saltou com medo e voou fora pela janela, deixando atrás uma longa pena negra ondeando até o chão.

Reclinando-se, Phillip recolheu a pena e a estudou. Esse era em efeito um dia de incomuns acontecimentos. Encolhendo os ombros, elevou o vinho vermelho de um lado da mesa e bebeu até que sua sede esteve saciada.

Suspirou com resignação. O encontro com Adela não tinha saído como o tinha planejado. Por que estava ela sendo tão teimosa? Não via que havia mais em jogo que seus sentimentos por ela? Phillip gemeu e massageou suas têmporas. Sua cabeça ferroava com dolorosas espetadas. Repentinamente suas pálpebras se voltaram pesadas e sua visão imprecisa. Seu corpo se esquentou com uma incomum sensação erótica. Lambeu seus secos lábios e puxou sua túnica. Por que suas roupas estavam tão apertadas?

Phillip foi aos tropeções até a cama e se deitou. Enquanto tirava sua túnica, usou seus pés para tirar empurrando suas botas, cada uma aterrissando sobre o tapete de pele com um ruído surdo.

O quarto começou a dar voltas, e se sentiu enjoado e doente. Uma entristecedora necessidade de estar nu apressou a seus dedos a desatar seus calções. Estava completamente ereto e sentia sua pele como se estivesse pegando fogo.

Recostou-se sobre a cama e fechou os olhos, esperando que sua mente e seu corpo se acalmassem.

Imprecisas visões de uma mulher com cabelo de corvo e olhos de jade giravam em sua cabeça.

Suas impactantes feições lentamente se voltaram claras ao mesmo tempo que ela ria e dançava sedutoramente em um vestido vermelho. O material brilhava como fogo, acariciando seu corpo.

Ela rasgou o vestido, revelando seus seios e elevou cada mamilo para sua rosada língua para lambê-los. Depois elevou seu vestido até sua cintura para mostrar o maravilhoso monte de negro e encaracolado pêlo.

A respiração de Phillip se acelerou. Retorceu-se sobre a cama, elevando uma mão para ela com uma necessidade além de qualquer outra que houvesse sentido antes. Tinha que tê-la. Devia tê-la!

Ela veio mais e mais perto até que flutuou sobre ele, embora sem tocá-lo.

— Deseja-me? - Murmurou.

— Aye.

— Então tome!

Agarrou seus quadris e puxou-a para baixo para empalá-la sobre seu ofegante membro. Seu chamejante vestido se localizava ao redor dele, queimava sua pele. Sem preocupar-se de que sua pele ardesse, continuou afundando seu membro dentro dela.

Ela acariciou seus grandes seios e lançou a cabeça para trás, enquanto o cavalgava como um



animal. Sua risada soava rara em seus ouvidos, como o pranto de um gato.

Phillip estava encantado com sua beleza e a sensação de sua masculinidade enquanto ela manipulava sua longitude, apertando seus músculos internos.

Ela se inclinou para olhá-lo, mas seu escuro e impactante rosto trocou para a jovem beleza da Adela. Doce e apaixonada, gemeu com prazer e sorriu.

— Necessito de você, meu amor - disse as palavras suavemente Adela.

O corpo dele se esticou e se enterrou até a base. Desejava a Adela mais que a qualquer outra mulher. Gritou de prazer, movendo-se sobre ele com abandono enquanto ele gemia audivelmente, explodindo dentro dela.

Sorrindo contente, elevou-se para beijar a Adela; seu sedoso cabelo castanho dourado emoldurava seu rosto refletindo uma expressão de sexual esgotamento.

Justo antes que a beijasse, o rosto da Adela trocou de novo para o da misteriosa mulher com sinistros olhos verdes.

Ele se recostou, confuso.

Esbofeteou-o no rosto e riu antes de desaparecer.

Uma completa escuridão caiu sobre seus olhos e o levou para o esquecimento.

Quando Phillip despertou de um profundo sono, a luz do sol de uma suave manhã se filtrou através de sua janela. Sentou-se na cama e se encontrou nu com quentes sucos sobre sua satisfeita masculinidade. Tocando-se, saboreou os sucos.

— Adela!

Saltando sobre seus pés, rapidamente se vestiu e abriu a porta.

— Nenhuma bruxa vai encantar-me! - Rugiu, e correu pelos corredores para a antecâmara de convidados da não tão inocente cativa.

CAPÍTULO 6

— Hmm, Phillip é um bom amante - ronronou Torella a sua tímida criada enquanto se estendia diante do espelho de corpo inteiro da parede.

— Mas necessito de algo mais rude - elevando o queixo sentiu a presença do corvo antes que este se equilibrasse da borda da janela e saltasse à habitação.

— Bom dia, Mestre Dougal - levantando os braços, pôs-se de frente a sua criada para que a ajudasse a tirar a arruinada túnica cor rubi pela cabeça.

Os gritos do corvo ressoaram na escura câmara enquanto se transformava em um homem de barba vermelha, viril e nu.

— Bom dia, milady - respondeu Dougal. Agarrou o braço da criada lhe arrebatando das mãos a



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

camisola completamente negra de Torella, e a atirou ao chão.

— Acredito que os objetos só se interporiam em nosso caminho - comentou com voz rouca pela luxúria.

Os olhos famintos percorriam à feiticeira, seu corpo firme e esbelto. Possuía uma suave pele acetinada, com seios cheios coroados por mamilos rosa. A escura união entre suas coxas fazia gestos a Dougal com a promessa do paraíso.

Um sorriso malicioso se deslizou cruzando a exótica cara da Torella.

— Nos deixe - Despediu a criada ondeando a mão. Depois pousou a cálida palma no peludo peito vermelho, esfregando lentamente os quadris contra a inchada carne. - Te deu prazer me ver foder com seu amigo?

Dougal fechou os olhos, desfrutando do efeito dessas mãos sobre ele.

— Nae, deveria ter sido eu - respondeu fazendo uma careta, a vermelha barba elevando-se sobre o lábio superior.

— Deve aprender a compartilhar. Meu apetite é muito grande para um só homem - deslizou as mãos para agarrar-se ao alongado eixo. - E você gosta de seu novo poder?

— Aye. Eu gosto, milady - sussurrou.

— Cada vez que tomas a forma de corvo, um pássaro morre para te dar sua força vital.

— É um pequeno sacrifício - respondeu Dougal enquanto lhe agarrava os seios com as mãos ásperas, esfregando com os polegares os mamilos eretos.

— Estou de acordo - agarrando a virilidade, levou-o para cama empurrando-o para baixo. - Desde que me observou tendo prazer, só estaríamos em paz se te vejo tendo prazer.

Dougal sorriu.

— Aye, têm a alguma moça em mente?

— Deite de barriga para baixo sobre a cama, e chamarei meu criado - respondeu Torella com os lábios torcidos em uma careta.

Dougal se voltou ficando de barriga para baixo; a apertada dureza pressionando sobre as peles negras enquanto imaginava ter duas mulheres na cama.

A porta se abriu e fechou, mas Dougal não podia ver o criado que a feiticeira tinha escolhido. Torella estava aos pés da cama, deslizava os olhos sobre as tensas nádegas salpicadas com um pouco de cabelo vermelho, cinzelada e duras costas, os deliciosos músculos moldados pelo balanço da tocha. Sentia a familiar agitação da magia escura lhe enchendo o corpo, misturando-se com o desejo sexual. Com um giro de pulso atou à cama com uma força invisível os pés e mãos de seu amante.

— Por que me ata, milady?

— Não quero que estrague meu entretenimento por seus reparos - respondeu gotejando desdém. - Toma-o - ordenou a seu criado.

Dougal se voltou para ver o jovem cujo coito com a Torella tinha interrompido. Este mantinha a enorme ereção, e sorriu com vingativa alegria.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

— Nae, não sou uma mulher! - Rugiu Dougal esperneando com as nádegas ainda expostas.

— Venha, venha, agora - rogou Torella. - Não me dirá que nunca se perguntou como seria ser penetrado pelo traseiro?

Dougal permaneceu em silêncio sabendo que era inútil negá-lo, ela simplesmente o descobriria através de seus protestos.

Torella se sentou na borda da cama, passando as mãos pelas costas. Seu toque místico e sexual lhe queimava a pele, um calor doloroso e prazenteiro ao mesmo tempo. Uma vez tocado pela Torella, nunca cessavam os desejos de mais.

— Meu criado pessoal, Evan, é um amante perito - trocou o peso ao inclinar-se sobre Dougal. Chupou-lhe o lóbulo da orelha enquanto deslizava as mãos por cima de seu traseiro.

Enquanto isso, o criado mordida com ligeireza a flexível carne das nádegas do Dougal, aumentando de novo lentamente a ereção. Usando dois dedos o criado se deslizou para baixo, pela fenda do traseiro de Dougal, tocando a inflexível entrada.

Dougal gemeu com desejo. Nunca havia sentido esse tipo de carícia. Seu corpo vibrava por mais. Esperando que Torella não o humilhasse lhe fazendo rogar, Dougal fechou os olhos e desfrutou da erótica sensação.

Torella se elevou sobre os pés e observou, os luminosos olhos brilhando com luxúria.

— Se mova a um lado - ordenou voltando para as costas de Dougal. Lambendo o polegar, agachou-se e o colocou dentro de seu amante. Os guturais gemidos incrementaram sua excitação.

Beliscando o endurecido mamilo, empurrava dentro e fora com a outra mão. Serva do diabo! Estava-o desfrutando! Torella inalava o poder sexual que Dougal emanava. Enchendo-a, estimulando-a como nunca. - Sobre suas mãos e joelhos, bárbaro!

Os pulsos e pernas de Dougal foram liberados, e rapidamente obedeceu a ordem. Ávido de mais para agradar.

Girando-se para o Evan agarrou o grande membro, guiando-o ao tenso buraco de Dougal. Foi introduzindo com lentidão cada vez mais dentro, enquanto ambos os homens gemiam com pesados e ferozes grunhidos.

O criado movimentou os quadris para trás e para frente, enquanto agarrava os ombros de Dougal.

Torella ficou atrás e olhou, lambendo-os lábios com deleite.

— Muito bem, moços.

As bolas de Evan golpeavam a parte de trás de Dougal. O corpo de Torella brilhava com um aura vermelha, os músculos tensos pela estimulação sexual. Era hora de unir-se aos homens.

Deitando-se junto a Dougal se deslizou debaixo, pondo as pernas escarranchada em seus quadris. Guiando essa rígida carne dentro dela, Dougal se ajustou ao ritmo do criado, com a face suarenta pelo êxtase.

— Foda-me forte! - Ordenou-lhe ela.



Com o membro sendo ordenhado pelo núcleo abrasador da Torella, e as nádegas sendo penetradas com o que se sentia como um cavalo, Dougal mal agüentou até que Torella chegou ao clímax. No momento em que os músculos se apertaram ao redor dele, derramou sua semente com força gritando tão forte que as paredes tremeram. Fosse ou não Evan quem o houvesse feito culminar, a Dougal não importava. Só tinha força suficiente para atirar-se ao lado de Torella e cair em um profundo sono.

O penetrante aroma do sexo fez com que o nariz da Torella se enrugasse, e rapidamente se levantou da cama.

— Me traga comida - Torella despachou o servente com um gesto da mão. Colocando a camisola negra, o frio e liso tecido se deslizou pelos seios e quadris. Ficou diante do espelho, acariciando o sedoso cabelo até que brilhou.

A satisfação lhe curvava os lábios.

Sempre tinha fome depois de roubar a energia do bárbaro. Até agora valerá a pena manter Dougal perto, inclusive apesar de que às vezes a incomodava.

Os roncos vinham da cama, e olhou o reflexo da pacífica expressão de Dougal no espelho.

— Um dia me cansarei de você, e então terei que te matar - disse Torella com tom impassível. Os roncos se incrementaram, e ela empalideceu diante do ofensivo som. - Um dia muito próximo.

Com um movimento ameaçador do dedo, Dougal foi empurrado de lado, como se uma mula lhe tivesse chutado. Queixou-se em sonhos mas não despertou, e a habitação se encheu de silêncio uma vez mais.

Voltando a atenção a sua imagem no espelho, sorriu com os deliciosos pensamentos do liso torso do corpo de Phillip. Seus olhos azuis trocaram para verde brilhando com desejo, e seu corpo se moveu inquieto, ávido de mais sexo.

— Talvez o bonito chefe dure mais tempo que seu amigo mais velho - lambeu o dedo salgado.

— Até que, é obvio, tenha utilizado até a última gota de energia que o Laird possui - não importava o tamanho de seus amantes, todos tinham uma coisa em comum... Nunca duravam muito.

Phillip despediu os dois guardas que estavam fora da câmara de Adela com um seco sinal de cabeça. Não lhe cabia dúvida de que adormeceram na véspera, quando Adela passou na frente deles para entrar em sua habitação.

Abriu a porta sem chamar, irrompeu na grande câmara. A saída do sol ainda não havia tocado o lado oeste do castelo, e enquanto o diminuto fogo fazia pouco por esquentar a câmara escura, o calor entrou em seu corpo.

Depois de um momento para ajustar os olhos à escuridão, em duas longas passadas se deteve diante da cama densamente elaborada, com pálidas cortinas de linho firmemente seguras.

Agarrando o tecido Phillip as empurrou para as abrir, sem saber o que esperar.

Desconcertado, Phillip tomou uma aguda inalação. Contra sua vontade um sorriso se estendeu lhe cruzando a cara. Deitada diante dele estava um anjo dormindo em pacífica beleza. O brilhante



cabelo castanho estava sobre o travesseiro de penas, e as longas pestanas descansavam docemente contra as faces rosadas. O peito subia e descia de maneira uniforme sob a camisola branca que, embora a cobria com recato, de algum jeito a tornava insuportavelmente atraente a esbelta figura.

O aroma dos bagos flutuou até ele, lhe enviando uma visão carnal dela o montando, com os olhos perfurando com luxúria. Começou a suar pelo lábio superior quando seu membro se encheu de sangue, endurecendo-se. Deu a volta e se dirigiu à janela.

— Contenha-se - se advertiu tomando uma baforada de ar.

— Meu Laird? - Inquiriu uma sonolenta voz atrás.

Phillip fechou os olhos desejando esfriar sua paixão. Ouviu um ruído de mantas, depois os pequenos passos que cruzaram o chão de pedra, mas se negou a enfrentar-se a ela.

Não precisava ter a tentadora visão da Adela para saber que estaria impressionante.

— Aconteceu algo? - Perguntou.

Phillip suspirou e se girou. Os olhos traidores beberam a singela beleza da excepcional moça. Ela lambeu os lábios rosados inocentemente, e inclinou a cabeça com confusão, aumentando a pureza de sua atração.

Phillip tinha que resistir a seu encanto, ou tomaria nos braços e colocaria a língua além dos lábios. De repente lhe deu as costas. Por que esta moça tinha tal efeito sobre ele? Devia conter-se!

Adela lhe tocou o ombro.

— Aconteceu algo? - Perguntou de novo.

Phillip se voltou uma vez mais, e ela se afastou pela feroz careta de sua face. Estava a ponto de falar quando a luz da manhã transpassou a camisola de Adela, destacando a figura nua sob o simples material. Phillip amaldiçoou em voz alta.

Como se necessitasse mais estímulo. Inclusive o sol estava por trás.

— Existe alguma razão pela que se encontre em minha câmara tão cedo?

— Aye - esclareceu a garganta. - Você me enfeitiçou e seduziu na noite passada - acusou, decidindo não fazer caso do ridículo que soava.

— Não entendo - respondeu. - Não estive fora desta sala desde que me encerraram aqui.

— De algum jeito escapou, veio a minha câmara, e me fez amor - se negou a retratar-se das afirmações, não importava quão absurdo soasse. Sabia o que tinha visto, e o que havia sentido. - Se queria foder, não tinha que pôr um feitiço sobre mim!

Adela fez uma careta diante de sua crueldade, mas ele não quis pedir desculpas.

Endureceu o coração.

Nae, não o faria!

Depois de uma longa pausa, ela comentou:

— Pensei que não acreditava nas bruxas.

— Nega que esteve em minha câmara?

— Aye! Não fui eu. Talvez tenha sonhado - os olhos da Adela o olhavam com aborrecimento,



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

afastando-se dele.

— Nae. Foi você! Inclusive saboreei sua essência em meu...

Adela ofegou e se apoiou contra o pé da cama.

— Como conhece minha essência?

— Bom, eu... Eu...

— Você não sabe!

— Sei o que vi, o que senti, e o que saboreei!

— E eu digo que não fui eu.

O olhar de Phillip baixou, olhando a borda da camisola. As sombras da habitação cobriam o contorno nu de Adela, e ainda assim seu corpo respondeu com ardor quente. Os olhos brilhavam com luxúria.

— Suponho que só há uma maneira de saber com segurança.

As mãos de Adela revoaram em seu pescoço, enquanto que o rubor se deslizava pelas faces.

— Deve estar brincando - sussurrou.

— Nae. Se for dormir esta noite sabendo que não tenho uma bruxa a meu cargo que me deseje mal, então preciso saber que não foi você quem eu adorei.

— Digo que só foi um sonho, nada mais - afirmou Adela apressadamente, deslizando-se ao redor do outro lado da cama. O simples mogno sob as mãos lhe oferecia pouca proteção.

Phillip permaneceu imóvel, com os olhos entreabertos com determinação.

— Não vou fazer nada que não deseje que faça, mas seguirei suspeitando até que esteja seguro de sua inocência.

Fez menção de ir-se, mas Adela lhe agarrou o braço.

— Então o permitirei me provar - ofereceu. - Se isso é tudo o que fará.

— Aye, moça. Se isso for tudo o que deseja que faça - arrastou as palavras. Sua voz era baixa com promessas de prazer.

Pelas bolas de Odín, nae!

Ela queria mais, muito mais. Mas ao saber que ele queria a outra para ser sua esposa, outra para compartilhar sua cama... Afastou a vista de seu escrutinador olhar. Não seria correto fazer amor.

Mas desde que despertou para encontrar o homem que enchia seus sonhos em sua câmara, queria deitar-se em seus braços.

O homem era muito bonito. O dourado cabelo emoldurava uma forte mandíbula, e os grossos lábios estavam feitos para beijar a uma mulher. Era todo um homem, e seu amadurecido corpo reagiu primitivamente.

Queria unir-se a ele, mais que com qualquer outro homem que tivesse conhecido. Condenadas fossem todas suas regras de honra. Necessitava-o. Necessitava que a tocasse, beijasse-a, amasse-a.

— Se estenda sobre a cama, moça. Prometo que o farei prazeroso - prometeu.

Adela engoliu seco e assentiu com a cabeça, desejando que seu vulnerável coração não ficasse



exposto através dos olhos. Estendeu-se na cama e tremeu de antecipação.

Nunca tinha sido saboreada por um homem de uma maneira tão íntima, e provavelmente nunca voltaria a sê-lo. Se tão só pudesse deixar de tremer de necessidade.

— Não lhes farei mal - disse Phillip com a preocupação lhe tingindo a voz.

— Sei.

Descendo sobre seus joelhos, levantou lentamente a camisola sobre as coxas, expondo a zona mais sensível situada entre suas pernas.

As mãos de Adela tremiam, e se agarrou às mantas para deter os estremecimentos. O peito se apertou enquanto os pulmões se queimavam por mais ar. Fechou os olhos e se liberou de sua vergonha diante do intenso escrutínio de Phillip.

As cálidas mãos viajaram provocativamente por suas pernas, lhe esquentando o sangue em seu interior. Ouviu-o suspirar com satisfação, fazendo que a opressão de seu peito descesse pelo abdômen, depois a seu ventre.

Adela riu de si mesma, agradecendo às estrelas enviar Phillip tal peculiar sonho, que lhe tinha levado a ajoelhar-se em sua cama.

Beijava-lhe a parte interna da coxa, a cálida língua girava em círculos, lhe causando quase saltar de sua pele.

— Hmm, que divino sabor - Elogiou com tom completamente masculino e erótico.

O pulso de Adela se acelerava com cada beijo que lhe dava nas pernas, aproximando-se mais e mais a seu úmido centro.

— Você gosta disso? - Perguntou lambendo o nó inchado que se sobressaía dos pequenos lábios.

— Aye - o formigamento aumentou, fazendo seu corpo estremecer-se de desejo.

Arqueou-se para ele movendo os quadris, e ele não a decepcionou. Pondo as mãos na parte externa das coxas, passou a língua da base do palpitante núcleo até a sensível protuberância, lambendo os sucos como se tivesse estado desejando-os durante anos.

Adela se retorcia de tortura, os lânguidos músculos se agitavam abrindo as pernas, dando a Phillip melhor acesso ao lugar que desejava encher.

Ela entrelaçou os dedos no loiro cabelo ondulado, e com a outra mão roçou a ponta dos sensíveis seios. Os olhos de Adela se centraram no teto de pedra sobre ela, com os afogados gemidos dele lhe enchendo os ouvidos.

— Querida Deusa - sussurrou. - Não pare - gemeu, de uma forma que não estava familiarizada.

Sua língua a penetrou dentro e fora, e depois se centrou em seu ponto sensível. Adela movia a cabeça de um lado a outro, perguntando-se como um corpo podia ter tanto prazer e não morrer.

Ele introduziu com facilidade um dedo em seu interior, e ela gemeu pelo incrível êxtase. O sangue corria por suas veias construindo uma incrível paixão em seu interior, até que gritou na deslumbrante explosão.



Phillip sentiu o pulsante interior de Adela, massageando o dedo enquanto sua língua desfrutava da suave e úmida essência. Ela gozou com uma intensidade esmagante, o corpo inteiro tremendo. Era a mulher mais sensual que tinha tido a honra de agradar.

Inclusive agora, o almiscarado aroma e sabor dela em seus lábios o deixava louco de desejo por enterrar-se em seu interior. Entretanto, tinha-lhe dado a palavra de que não iria mais à frente.

A tortura pesava fortemente sobre seu membro. Levantou-se e se sentou na cama, a seu lado. Meigamente estirou da camisola de novo sobre suas pernas, lhe dando de novo a sensação de modéstia.

Ainda respirando com dificuldade, perguntou:

— Sabe que não fui eu quem visitou sua câmara?

— Aye, soube no primeiro instante que te provei.

— Entretanto, continuou?

— Não pude resistir desfrutar dos frutos de minha língua - respondeu com tom seguro de si mesmo.

Adela sorriu arqueando uma sobrancelha.

— Na verdade, também o desfrutei.

— Como pode ver - assinalou o vulto sob o kilt. - Estou dolorido por me deslizar dentro de você, mas sou um homem de palavra.

Talvez Phillip fosse o pai de seu filho. Mas a visão de sua morte fora desses muros... Quão logo ocorreria? Adela desviou o olhar com os olhos desfocados pelo pensamento. Quem sabe se não ocorreria em um futuro próximo. Em sua visão não estava muito mais velha com o menino, assim poderia ter tido o bebê e lhe passar seu legado antes de ser condenada a morte.

Tomando a mão, deu um casto beijo na pele.

— Até a próxima vez - murmurou com a rica voz com um sensual significado.

— Espera! - Gritou. - Não vá.

CAPÍTULO 7

Ela saltou da cama e pôs uma mão sobre o braço, seus dedos envoltos ao redor do tecido escuro de sua manga. O quente e duro músculo se flexionou e Adela se regozijou diante de sua masculina força.

Fazer um bebê com esse homem seria um prazer pecaminoso.

— Vamos tentar de novo.

Phillip se pôs a rir.

— Essa é uma estranha maneira de dizê-lo.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

Clareando a garganta, ela disse:

— Quero dizer, vamos desfrutar de novo. Não seria justo para o Laird ir sem seu prazer. - Elevou-se para colocar um beijo em seus lábios, mas ele a rejeitou.

— Não necessito que se obrigue. - Sua boca se estirou em uma linha firme, com os braços cruzados.

Ela reprimiu uma risada diante de sua séria e escura expressão. Adela jogou o cabelo para trás, estendeu-se de lado na cama sustentando-se suspensa sobre um cotovelo.

Dirigiu-lhe o que pensava fosse um olhar sedutor, e depois levantou o kilt para expor sua gloriosa virilidade. Atrevida e grossa, estava firme.

— Não precisa fazer isto. - Ele franziu o cenho.

Como se seus protestos pudessem afastá-la.

— Me acredite... - Ela baixou a cabeça, e deslizou sua língua pela tensa e suave pele para baixo e depois de volta até a grossa ponta... - Quero fazer isto - ronronou com os olhos meio fechados.

Com um último olhar aos formosos olhos dele, abriu mais a boca e tragou seu membro todo o caminho até a parte posterior de sua garganta.

— Por Júpiter - grunhiu ele.

Ela envolveu sua língua ao redor da cabeça repetindo a ação uma e outra vez. Phillip caiu na cama a seu lado, entregando-se.

— Como aprendeu...? - Ofegou ele, com os olhos voltados quando seu corpo chispou com a erótica sensação.

Adela lambeu a ponta de sua cabeça e sorriu.

— Eu gosto de ver casais acasalando-se. - Sugou a sensível cabeça de novo. - Ia de caminho ao lago quando vi uma donzela tomando o membro de um homem assim, e depois disso sempre quis fazer o mesmo.

Adela tragou sua longitude de novo e se retirou.

— Você gosta disto? - Perguntou ela, desfrutando do salgado sabor de seu membro na boca.

— Aye.

Agarrando suas bolas, ela trabalhou de língua para cima e abaixo enquanto via o corpo dele rígido de prazer. Tinha a boca ligeiramente aberta. A túnica negra de lã se estendeu quando se arqueou.

Incapaz de resistir, ela estirou a mão sob o material de sua túnica. Seu quente torso estava apertado e esculpido.

Levar a tal poderoso homem a esse ponto de abandono deu a Adela um onda de possessivo êxtase. Queria saborear cada gota de seus sucos líquidos, mas a necessidade de ter seu bebê tinha prioridade.

Necessitava sua dominante semente em seu interior, lhe dando uma forte vida vigorosa para manter seu legado. Quem sabia quando ia ter outra oportunidade de fazer o amor?



Phillip gemeu com agonizante prazer. Estava perto... Tão perto. Ela se deteve e lançou suas pernas sobre seus quadris, guiando seu úmido membro a seu interior.

Ela se inclinou sobre seu peito, ele mordeu a tenra pele de seu pescoço, enviando calafrios por seu corpo. Seu membro corcoveou em seu interior, empalando-a com frenesi.

Seus fortes braços serpentearam por suas costas e se sentaram em posição vertical. A respiração dele cruzava sua face e tirou a túnica, abraçando-a. Intimamente conectada com ele, seus seios se apertavam contra a parede dura de seu peito.

Ela continuou meneando seus quadris em um movimento circular e sitiou seu grosso membro roçando-se contra os lados de sua passagem interior.

— Maldito seja, Phillip, por se sentir tão bem dentro - sussurrou Adela, com o tom cheio de rendição. Inclinou a cabeça, seu sedoso cabelo lhe roçou as costas.

Phillip inclinou a cabeça para lambar completamente seu seio de baixo para cima em um longo movimento. Um prazer intolerável se disparou por todo seu corpo.

O grosso material de seu kilt se unia ao redor de suas coxas, roçando o sensível botão dela cada vez que ele empurrava com seus quadris.

Respirando em curtos e dolorosos ofegos, seu corpo submerso no topor, esmagando-a com a deliciosa sensação.

De repente, uma estridente risada entrou na câmara, ressoando ao redor da cama. Adela empurrou contra Phillip e rodou a um lado. Ele se levantou e procurou pela câmara. O inquietante som cresceu mais e mais forte.

Adela puxou as mantas até seu queixo, com a pele gelada de temor.

— O mal envia espiões sobre nós de novo.

Phillip olhou para ela.

— De onde vem? - Foi para a janela e se inclinou para fora e depois abriu a porta para encontrar o corredor vazio.

A risada se transformou em gritos de tortura, perfurando os ouvidos de Adela. Desviando os olhos, cobriu os ouvidos e gritou:

— Sol, Terra, Lua, convoco à Deusa Triana. Desterrem o mal de minha câmara!

Silêncio.

Phillip olhou a seu redor, depois se sentou na cama.

— O que acaba de acontecer?

— É melhor que vá.

— É a mesma risada que ouvi em meu sonho. - Phillip se aproximou mais dela. - Sabe mais do que está contando. Não guarde segredos comigo, bruxa.

Adela se levantou e se vestiu rapidamente, com o rosto acalorado, tanto pelas recentes relações sexuais como por sua fúria crescente.

— Sei tanto como você, e não me chame bruxa nesse tom.



Phillip se introduziu em sua túnica com movimentos bruscos, os olhos cheios de ira e frustração sexual. Sua virilidade, ereta e dolorida seguia erguida sob seu kilt.

— Se tiver trazido a maldade a esta morada para causar estragos a meu povo, eu...

— O que fará? - Encarou-o, com as mãos nos quadris. - Foram vocês que me trouxeram aqui, recorda?

Phillip estudou sua face, como se procurasse respostas. Girando, abriu bruscamente a porta e a fechou de uma portada atrás dele.

Adela suspirou. Seu peito doía com o ressentimento e arrependimento. Esfregando os braços, deixou-se cair sobre a cama. Sem a entristecedora presença masculina de Phillip, o calor da câmara se evaporava rapidamente.

Phillip correu escada abaixo e saiu ao exterior para o poço da aldeia. Agarrou os cordames, com os músculos tensos enquanto puxava do pesado balde de água para cima.

Sem ter em conta os cortes que se fez nas mãos por sua impaciência, o balde esbarrou contra a barra superior e a água se derramou pelas bordas.

Pegou o recipiente com as duas mãos, e em um só movimento derramou a água fria sobre sua cabeça, saturando seu corpo com uns horríveis calafrios.

Umas risadas chegaram de trás, e Phillip se voltou para ver um grupo de soldados rindo diante de seu incomodo estado.

Deu de ombros.

— Ao menos funcionou - ofereceu a modo de explicação. Eles assentiram com um gesto de compreensão e retornaram ao seu treinamento. Phillip alisou o cabelo molhado da testa, e retornou sem pressa a sua câmara a por roupas limpas.

Depois de desenrolar seu kilt, deixou cair o comprido tecido e o soltou sobre suas úmidas botas. Insistentes imagens da Adela nua na cama provocaram que seu sangue se esquentasse contra a úmida e gelada pele. Grunhiu com frustração e rasgou a frente de sua túnica, atirando o destroçado tecido ao chão. O enfeitiçava com bailes místicos e sonhos, e ele tinha caído em seus encantos como um jovem apaixonado.

Devia resistir a tentação da sedução da bruxa e permanecer enfocado na promessa que fez a seu avô. Só poderia conseguir uma aliança se dividisse uma poção de amor com Lady Torella.

Pensativo, apoiou-se contra o batente da janela e olhou para baixo, para sua amada e sonolenta aldeia. Uma terrível sensação se apoderou de seu peito... Adela era um perigo para seus planos de paz.

CAPÍTULO 8



Depois de cair em um exausto sono, Adela despertou no meio da tarde para encontrar a habitação iluminada com a luz do sol. Levantou meio sonolenta da cama e se vestiu com sua velha túnica cinza.

Uma onda de temor se estendeu através dela enquanto passava os dedos pelo desordenado cabelo. Algo não estava bem com o sonho de Phillip.

Com os pés descalços, deslizou-se para a porta e a abriu com brusca força. Adela esperava que o guardas evitassem a saída, mas quando apareceu fora, o corredor estava vazio. Deu de ombros, saiu ao corredor e fechou a porta atrás dela.

Puxando a pequena bolsa de couro de seu bolso, afundou os dedos em um pó laranja e lançou a substância pelo corredor. Um doce aroma floral flutuou para ela e aspirou profundamente o aroma calmante do pó.

— Me mostre onde dorme o Laird - ordenou.

O pó flutuou pelo chão de pedra como uma serpente e deslizou para a escada. Adela subiu por uma escada de caracol e foi conduzida a uma habitação na parte superior da torre.

A nuvem desapareceu sob uma porta imperial de carvalho com um puxador de ferro.

Colocando a orelha sobre a porta, escutou que não houvesse ninguém no interior. Quando tudo esteve em silêncio, abriu a enorme porta e entrou na câmara vazia. As partículas formavam redemoinhos como uma nuvem de pó sobre a imensa cama.

— Obrigado. Por favor, voltem.

O pó flutuou para sua mão estendida, voltando para a bolsa de couro.

Apertando os cordões, colocou a bolsa em seu bolso e olhou ao redor da câmara de Phillip.

— Esta é definitivamente sua habitação - disse Adela em voz alta.

Duas magníficas espadas penduravam cruzadas na parede sobre o brasão da família Roberts, um feroz lobo solitário emoldurado em metal de prata. Quase podia ouvir o uivo distante da besta.

Aspirou o aroma pessoal de poder e masculinidade do Laird. Sua energia fluiu pela câmara em cores azuis e verdes que só Adela podia ver. Cada objeto tinha o resplendor residual de seu contato.

Adela se deteve em meio de um passo.

Cada objeto brilhava, exceto um.

Aproximou-se da mesa junto à janela e passou a mão sobre duas munhequeiras de couro, uma faca afiada e um cálice de metal, com a maioria de seu conteúdo vazio. A malévola energia gelou sua mão.

Uma sombra negra se abatia sobre a taça. Adela a recolheu e cheirou o líquido restante.

— Beladona! A erva do diabo.

Colocou um dedo e saboreou a ponta. Empalidecendo, reconheceu as distintas ervas alucinógenas de cicuta, mandrágora e acônito.

A porta se abriu golpeando contra o muro de pedra e ela saltou.

— O que está fazendo aqui? - Perguntou Phillip, seus olhos obscurecidos com acusação.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

— Eu... Eu...

— Me responda!

Com uns poucos e longos passos, Phillip se aproximou e suas mãos a agarraram firmemente pelos ombros.

— Eu... Foi drogado - soltou ela e lhe inclinou o cálice.

Phillip olhou para baixo e franziu o cenho.

— Drogou-me?

— Nae, eu não - respondeu com indignação e lhe empurrou a taça às mãos. Afastando-se de sua proximidade, acrescentou - Seu vinho foi drogado por uma poção conhecida por umas poucas bruxas e feita com raros ingredientes.

Se lhes dessem muito, estaria morto.

— Contudo, parece conhecê-lo - respondeu ele, arqueando uma sobrancelha.

— Se deseja que vá, farei-o.

Phillip diminuiu a distância entre eles e lhe pôs uma mão sobre a face.

— Nae, não desejo que vá - sua voz era baixa e suave. - Só que não entendo por que alguém se incomodaria de provocar sonhos eróticos.

Adela olhou nos olhos, hipnotizada pela pura cor azul e sua beleza absoluta. Sua carícia era suave e íntima, suavizando a dor que sentia por suas acusações. Apoiou a face contra a palma de sua mão e fechou os olhos.

— Adela?

— Hmm?

— Necessito de uma poção de amor.

Com o cenho franzido, Adela se separou dele e caminhou para a janela. Tinha uma tranqüila vista da aldeia inteira para o verde vale contínuo. A beleza não aplacou sua ira.

— Tenho o dever de proteger meu clã. Devo ter a poção, Adela.

Phillip se colocou atrás dela e o rodeou os braços com a cintura.

Apoiando seu corpo contra o dele, os olhos de Adela ficaram pesados. O calor de seu peito a queimou através do fino material de sua túnica. Só tinha que tocá-la e seu coração se derretia, roubava-lhe a ira e a substituíva por uma emoção que não reconhecia. Simplesmente sabia quão correto se sentia estar em seus braços como se tivessem nascido para estar juntos.

Ela suspirou, arrasada com o que devia fazer.

— Não há outra maneira? - Perguntou, procurando a desesperada resposta que queria ouvir.

— Nae. Lady Torella preferiria me cravar uma adaga nas costas que deter este conflito com uma aliança - Phillip lhe beijou o pescoço. - Desejaria ser alguém diferente. Alguém que fosse livre para...

Adela se voltou em seu abraço e lhe pôs um dedo na boca. Não queria escutar o que não podia ser. Seu coração não poderia suportá-lo.

Lentamente, ele se inclinou a reclamar sua boca. Sua língua procurava, terna e exaustiva,



explorando o interior de sua boca.

Phillip se afastou um pouco dela e seu nome foi esmigalhado dos lábios dela.

— Venha, desejo lhe mostrar algo - Murmurou contra sua boca e a beijou ligeiramente de novo.

Com a mão enlaçada na sua, levou-a pelo castelo e depois para fora.

Caminhando através da aldeia, o Laird se deteve, saudando os transeuntes. Adela se assombrou de que conhecesse todos seus nomes, e lhe davam a bem-vinda como se fora família próxima em lugar de seu governante.

Um precoce menino pequeno correu ao redor de uma mulher que levava um bebê. Phillip se agachou e levantou o menino fazendo agrados no ar e depois o acomodou sob o braço.

— Como vai seu dia, senhora Mary? - Perguntou Phillip.

Sacudindo o alvoroçado bebê de seus braços, sorriu-lhe e respondeu:

— Estou bem, obrigado por perguntar.

— Dorme bem Seamus, agora que está em casa?

— Aye, é bom ter a meu marido de volta, apesar de que se queixe dos deveres cotidianos.

Sorrindo, Phillip se voltou.

— Adela, esta é Mary, é a esposa de um leal homem de meu clã, Seamus. E este sujo e bom moço é Patrick.

Phillip deixou o sorridente menino no chão, o qual correu.

— Ah, mas o orgulho e alegria da Mary teria que ser esta querida moça, Isabel - sua mão afastou a manta para revelar um sorridente anjo com um arbusto de encaracolado cabelo vermelho e um sorriso pícaro que coincidia com a de seu irmão.

Adela assentiu e sorriu.

— Alegra-me conhecer a todos.

— E eu a você - respondeu Mary. - Rogo me perdoem, mas esta pequena tem um grande apetite e busca seu jantar.

— Então devem ir - Phillip fez uma reverência.

Patrick se agarrou a borda da saia de sua mãe e devolveu o gesto ao Phillip, e depois saudou com ensurdecedoras despedidas.

— Parecem encantadores.

Adela levantou a prega da túnica e passou por cima de um atoleiro.

Phillip pegou uma flor violeta de um arbusto próximo e a entregou a ela.

— São.

Aceitou a fragrante flor e sorriu. Era o primeiro presente que nunca tinha recebido de um homem. Um gesto simples, mas que a ruborizou. Sua atenção foi captada pelas delicadas pétalas, nenhuma outra flor podia igualar sua beleza.

Sem dar-se conta da cara sorridente de Adela, Phillip continuou.

— O marido de Mary é um de meus melhores guerreiros. Lutou na última escaramuça com os



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

Campbells. O mesmo clã que Lady Torella enviou a massacrar a nossos vizinhos e tomar suas terras - Phillip continuou andando como se falasse do tempo.

As mãos da Adela caíram a seus lados.

— Então, o marido de Mary poderia ser assassinado na próxima vez que os Campbells forem combater lhes?

Phillip se voltou.

— Aye. Pelo geral somos chamados a proteger nossas fronteiras cada duas semanas - Sua mão se pousou no punho da espada que tinha atada a seu quadril.

— Muitos das mulheres que vêem aqui tinham maridos ou filhos que foram assassinados enquanto protegiam estas terras.

Adela inspecionou as pitorescas cabanas alinhadas com o passar do caminho de paralelepípedos, e se entristeceu pelos homens, mulheres e meninos que tinham perdido tanto. Olhou Phillip. Tanta responsabilidade assentada em suas mãos.

Não era estranho que seus olhos se turvassem quando olhava a sua gente.

Adela se mordeu o lábio inferior, e lhe alcançou para lhe tocar o ombro.

— Farei-o...

Um grito rasgou o ar.

Phillip e Adela correram para a cabana mais afastada da aldeia. Phillip abriu passagem através da multidão e entrou na pequena morada com a Adela pega atrás dele.

Em uma cadeira, estava sentada uma jovem com um comprido e liso cabelo e sardas. As lágrimas caíam de suas faces. Sua desesperada mãe observava as ensangüentadas marcas de dentes no tornozelo da garota.

— O que aconteceu? - Perguntou Phillip.

— O... Cão me mordeu - soluçou a pequena menina entre baforadas de ar.

— Amaldição a este condenado cão! - Espetou a mãe. - É a segunda vez que mordeu a Edina.

— Mami, não amaldiçoe. Só estava brincando - chorou a pequena menina.

Adela se agachou perto da menina e inspecionou a ferida. Atrás dela, podia escutar Phillip explicando quem era a mãe.

— É uma bruxa! - Exclamou a mãe, e os curiosos ofegaram.

— Sou-o - Adela se levantou com orgulho, esperando que a mãe a atacasse. Quando ninguém se moveu, continuou. - A dentada é profunda e necessitarão minha ajuda se não quiserem que se agrave.

A mãe capturou a mão de Adela, sua encantadora cara cheia de preocupação.

— Dou a bem-vinda a sua ajuda.

Adela assentiu com a cabeça bruscamente e tirou sua bolsa do bolso. Introduziu seus dedos em um cataplasma de folhas verdes e se agachou.

— É ajedrea de jardim. Tirar-lhe-á a infecção.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

Aplicando a erva, levantou o olhar a valente menina e sorriu.

— Manterá os insetos afastados, também - disse ligeiramente e tocou o narizinho de botão de Edina.

Edina riu, liberando a tensa energia da habitação. Adela ouviu às pessoas atrás dela suspirar de alívio.

Terminou de limpar a ferida, envolveu suavemente um pano ao redor da perna e o atou com um nó.

— Agradeço-lhes muito - disse a mãe e rodeou com seus braços a forma rígida da Adela.

Uma vez que a soltou, Adela assentiu.

— Realmente, de... Nada - disse, não acostumada a tal cálida atenção.

As pessoas aplaudiram e Adela franziu o cenho com confusão. Olhou a Phillip e este ficou a um lado com um grande sorriso na cara.

Finalmente, reconhecendo seu mal-estar, separou-se da multidão e disse que voltassem para suas funções, lhes assegurando que Edina estaria muito bem.

Adela se voltou para a moça.

— Cuidem da perna, e talvez, brinque com um cão mais amistoso.

— Farei-o - assentiu com a cabeça e os cachos de Edina se moveram.

Saindo da cabana, Phillip e Adela se dirigiam para o castelo quando homens e mulheres saíram de seus lares para tratar com atenção a Adela com presentes, comida e taças de cerveja.

Phillip riu diante sua expressão de surpresa com cada palavra amável, e logo seus braços estiveram cheios com muitas oferendas.

— Aqui, permita pegar estes - disse e descarregou os braços da Adela.

— Por que estão sendo tão agradáveis comigo? - Sussurrou ela pela comissura de sua boca.

— Ajudou a um dos seus.

— Ajudei a muitas pessoas, mas, mesmo assim, caçaram-me sem piedade.

Phillip se deteve e a olhou fixamente. Seus lábios se apertaram e seus olhos brilharam com fúria.

— Isso nunca acontecerá aqui - disse. - Prefiro arrancar os olhos dos porcos ignorantes que zombem de você.

Adela deu um passo atrás diante da violenta reação de Phillip. Quem eram essas pessoas? Ela tinha viajado perto e longe, e nunca se encontrou com tolerância às bruxas.

Como se lesse sua mente, Phillip declarou com um fio em sua voz:

— Meu avô estava acostumado a ensinar a sua gente que só um tolo temeria o desconhecido.

— Seu avô era um sábio.

Ele sorriu.

— Aye, era.

Entraram no grande e escuro salão e Phillip deu os presentes a um de seus homens para que os



levasse a câmara dela. Levando-a para a lareira, esquentaram-se as mãos antes de sentar-se para jantar.

Adela se voltou para Phillip, incapaz de reprimir sua preocupação. Suspirou.

— Necessitarei das ervas, malva, cominho e alfena.

Phillip arqueou uma sobrancelha.

— Para que?

— Para fazer a poção de amor - replicou com silenciosa resignação.

Seus olhos se suavizaram de alívio.

— Meu maior agradecimento do coração, Adela.

Assentindo tristemente, ela acrescentou enigmaticamente:

— Sabe que haverá consequências por esta poção.

— Entendo.

Phillip se levantou e se foi. Deteve-se a meio caminho e voltou para a Adela. Tomando a mão, beijou-lhe a palma.

— Obrigado de novo.

O viu retirar-se, seus passos longos foram rápidos e animados quando se foi em busca das ervas.

Seu coração lhe sussurrou: Se só estivesse tão ansioso por meu amor.

CAPÍTULO 9

Torella riu gostosamente e com alegria diante da visão do triste rosto de Adela na água da terrina.

— Fará a poção de amor? - Nu, Dougal se aproximou por trás e tomou os seios.

— Aye, fará a poção. - Girou e sacudiu os braços dele. Preocupada, abriu as portas de seu armário. - Tenho que recolher tudo.

— Por que necessita de uma poção de amor? O Senhor quer uma aliança e, como todos os outros, cairá cheio de luxúria no momento em que veja sua beleza - disse Dougal com a voz carregada de ciúmes.

Girando, enfrentou ele com as mãos nos quadris. Sua voz se endureceu.

— A luxúria não é amor. - Lançou-lhe um olhar frio e voltou para seu armário.

— Não briguemos. - Dougal se moveu para mais perto e lhe pôs as mãos nos quadris, esfregando sua ereção entre suas nádegas. - Estou duro de novo, Torella. Vamos foder antes que recolha.

Torella girou e o empurrou com uma força sobrenatural que o fez cruzar a câmara. O volumoso corpo se chocou contra a parede oposta.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

— Vou ser a prometida do Laird! - Assinalou com uma longa unha negra para a janela, os olhos brilhavam com redemoinhos vermelhos. - Voa de retorno a Gleich Castle. Se assegure de que nada aconteça à bruxa.

Os olhos de Dougal brilharam com fúria, mas permaneceu em silêncio. Imediatamente se transformou em um corvo e saiu voando pela janela com seus gritos fazendo-se eco na distância.

Torella gritou a seus criados e os três se apressaram a entrar, com a cabeça abaixada.

— Empacotem tudo! - Exigiu e foi pegar um cofre de ouro que escondia debaixo da cama. Arrastando-o pelo chão de pedra, colocou a pesada caixa forte na cama.

— Me dê a chave de ferro que guarda meus tesouros! - Cantou à caixa, os lábios de rubi se curvaram em um sorriso pela metade.

Em segundos, uma chave de cobre pesada apareceu em sua mão aberta. Dando três leves golpes na tampa, o buraco de uma fechadura se materializou. Inseriu a chave e abriu o cofre.

Dentro, as sombras envolviam os vidros de líquido fabricado e os escuros feitiços escritos em velhos pergaminhos amarelados, junto com jóias e moedas de ouro que correspondiam a uma poderosa feiticeira.

Pegou um pequeno vidro vazio conectado a uma corrente de prata e desenroscou a tampa. Com uma unha afiada, deslizou-o sobre a cremosa pele do braço. Sangue quente gotejou dentro do vidro, enchendo-o de sua energia vital.

— Me dê a garrafa que contém a erva da Angélica.

Torella passou a mão por cima da caixa e o negro vidro se levantou. Destampou-o e revolveu o conteúdo do escuro líquido, continuando, cheirou o doce aroma do almíscar.

Vertendo três gotas dentro do seu vidro de sangue, selou a tampa e colocou a corrente no pescoço, permitindo ao fresco aço descansar entre seus seios.

Passou a mão pelo vidro, os lábios se estenderam em uma careta.

— Agora sou imune à poção de amor da bruxa, enquanto que meu inimigo se apaixonará totalmente por mim.

Um criado avançou velozmente pela habitação e um malévolo olhar dela o deteve bruscamente na porta.

— Escravo sexual! - A sedosa voz ressoou pelo corredor.

O escuro, vil e atraente criado entrou na câmara e se inclinou.

— Como posso lhe agradar? - Os olhos canela brilhavam com fome, o olhar vagava sobre a nua figura.

Torella levantou o braço sangrando, uma única linha vermelha riscada sob a pele.

— Chupa-o- Ordenou.

Sem hesitar, obedeceu, lambendo a ferida como se bebesse o mais doce dos vinhos. Ela jogou a cabeça para trás e riu.

Ele a elevou nos braços e a deitou na cama. Como a maioria dos homens, estava ansioso por



provar mais de sua amante. Com os criados ainda empacotando na câmara, Torella desfrutou de uma agradável espera explorando seu novo amante negro.

Um ligeiro golpe soou na porta e Adela se levantou do círculo de ervas e velas dispersas no chão. Levantando a saia até os tornozelos, passou cuidadosamente entre os ingredientes da poção de amor.

Abriu a porta para encontrar-se de frente ao bem penteado Laird na entrada, os olhos vagaram aprovadamente enquanto ela emparelhava o ávido olhar com o próprio. Abrindo os braços, tomou entre eles e a beijou profundamente com o rosto barbeado.

— Senti falta de sua companhia este dia.

— Eu também, senti falta de suas encantadoras covinhas. - Admitiu e se apertou contra ele. - E obrigado pelos novos objetos de vestir. - Deu a volta fazendo ruído com a saia do vestido. - São tão majestosos.

— É você quem os faz majestosos. - Fechou a porta atrás dele.

— Não precisa dizer isso - seu tom, baixo e envergonhado. - Sei que não sou agradável de ver.

Os dedos dele deslizaram sensualmente sobre o tremente queixo.

— É mais formosa para mim que a lua cheia refletindo-se sobre as escuras águas de nosso lago.

Adela ia se afastar, mas ele a agarrou muito rápido.

— Por favor, nunca esqueça isso.

Ela se ruborizou e baixou o olhar.

— Nunca o esquecerei - e jogou a cabeça para trás para olhar os poços de seus olhos. - Estou agradecida como a lua cheia, que está esperando a que vamos visitar a.

— Desculpa?

A contra gosto, Adela abandonou o quente abraço e retornou à posição que acabava de abandonar. Levantando o cristal da garrafa, permitiu a Phillip cheirar o ácido contido.

— Deslize isto dentro do vinho de Lady Torella e em seguida bebe imediatamente depois dela.

Phillip enrugou o nariz pelo aroma e Adela riu.

— Como vou aproximar-me o suficiente para fazer isso? - Phillip desabou na cama dela.

Embolsando a poção, agachou-se e pegou uma vela verde e outra dourada.

— Pus as mesmas ervas entre a cera com a flor que me deu. - Continuou apesar de ter a garganta quase fechada. A clareou, tentando reprimir a crescente inveja sobre uma mulher que já tinha conhecido.

— Esta flor tem sua generosa tentativa de seduzir, enquanto que as ervas chamam o coração de Lady Torella. Mas devemos dizer o feitiço e acender a vela enquanto estamos de pé na água sob a luz da lua cheia.

Ela olhou seu esculpido rosto, memorizando os cinzelados traços.

— Isto a trará para você.

Phillip se levantou da cama, seu rosto demonstrando tristeza.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

— Adela, quero dizer...

— Aye?

— Quero dizer...

Aproximou-se dele, seu corpo se encontrava a uns centímetros do dele.

Ele suspirou audivelmente e girou os olhos para cima, podia sentir sua tortura. Não lhe fez falta ser sensível às auras para saber que não gostava da situação em que se encontravam.

— O lago está no outro lado da montanha. - Concluiu finalmente, ambos sabiam que isso não era o que tinha planejado dizer. - Podemos fazer o feitiço ali - pôs um leve beijo em seus lábios.

— Uma parte de mim espera que não funcione e que as bruxas só sejam uma história que as mães contam a seus filhos para assustá-los.

Adela assentiu, seu coração se rompeu com cada fôlego que tomou. Por uma vez em sua vida, desejou o mesmo.

Escondido entre as sombras e despercebido pelos dois amantes condenados, um corvo voou até pousar fora da janela de Adela. O pássaro de longas asas negras se deslizou com graça ao redor do castelo até que encontrou o arco de uma janela.

Precipitando-se a seu interior, Dougal se transformou em toda sua masculina estatura.

Sacudiu a cabeça, permitindo que o vermelho cabelo caísse grosseiramente sobre seus ombros, vestindo-se com uma túnica marrom e um kilt escocês, sentou-se em uma cadeira alta e pegou suas botas.

Com os cotovelos sobre os joelhos e o queixo repousando sobre as mãos, refletiu sobre como ia sobreviver sem o sensual toque da Torella.

Seu corpo já tremia coberto de suor, os músculos doíam pela falta de seu contato sexual. Tinha que recuperá-la. Tinha que fazer amor com ela outra vez. Sentado em posição vertical, massageou a abundante barba.

Um lento sorriso se deslizou por seu rosto, um plano se formou em sua mente. Romperia a aliança, e Phillip ficaria furioso, mas não tinha outra opção no assunto. Torella estava em seu sangue.

Tinha que tê-la.

Os cabelos da nuca da Adela se arrepiaram, caminhando pela espessa grama para o lago, mas tirou importância a essa sensação de fatalidade. Olhando furtivamente sob as espessas pestanas, observou Phillip. O Laird parecia especialmente tentador com uma simples túnica branca e um kilt, o cabelo de ouro flutuando suavemente com a brisa, e um pequeno saco pendurado casualmente do ombro. Voltou-se para ela e sorriu, lhe oferecendo a mão para ajudá-la a passar um tronco caído.

Adela colocou a mão na dele e seu coração deu um tombo com o calor de seu contato. Desejava que não a afetasse dessa maneira, mas o fazia. Faria que o pronunciar o feitiço de amor fosse muito mais fácil se não tivesse que cuidar da escolhida.

A luz da lua iluminava todo o caminho para o brilhante lago, mas o bosque circundante permanecia envolto nas sombras. Em geral, Adela ficava em casa quando só faltavam duas noites para



a Véspera do dia de Todos os Santos.

Era bem sabido que o princípio do calendário celta tinha criado uma linha entre a vida e a morte. Era o único momento em que seus poderes diminuía drasticamente.

Sua mãe estava acostumada adverti-la de que todas as bruxas boas deviam busca refugio na Véspera de Todos os Santos, ou se encontrariam com uma malvada feiticeira. Não precisou ouvi-lo mais que uma vez.

As sementes do diabo e seus amantes humanos, as feiticeiras, roubavam-lhes os poderes das bruxas celtas e as matavam. Adela nunca soube por que a magia boa era tão cobiçada, mas ficava em sua casa até que o Samhain estava bem passado.

— Está tremendo. - Phillip pôs a fria mão dela em seu peito para esquentá-la.

— Estou bem. - Respondeu, sabendo que era só porque ele estava muito perto.

— Estamos aqui. - Phillip estava sobre a grama na borda do lago, a imagem espelho da lua se refletiu nas escuras águas. Ele não tinha mentido. Era formoso.

Colocou a mão no grosso saco, tirou a vela que foi até a mão da Adela enquanto os olhos dele se alagavam devido à comoção.

— O que está fazendo?

Tirando o vestido azul pela cabeça, ficou de frente a ele nua, com os mamilos eretos pelo frio do outono.

— Não devemos ter restrições em nossos corpos quando lançarmos este feitiço. - inclinou-se e tirou as sapatilhas. - E não quero arruinar minha nova roupa.

Sorrindo, Phillip não discutiu. Os olhos ardiam pelo que queria, e seu corpo se endureceu pelo desejo. Ela estava ali de pé, sem inibições, em toda sua glória como se andasse comodamente nua todos os dias através do povoado.

Sua falta de acanhamento era refrescante e excitante. Baixou o olhar a seus bem formados seios e teve uma vontade enorme de passar a língua por cima das pontas rígidas dos mamilos rosa.

Adela recuperou o vidro do bolso de seu vestido e caminhou com cautela no lago gelado. Suas perfeitamente formadas nádegas foram desaparecendo gradualmente dentro da água até que chegou à cintura.

— Acende a vela e traz-a. - Disse-lhe.

Fora da bruma, Phillip se apressou a despir-se e acendeu a vela com uma pederneira de duas pedras pontudas. Com uma mão sobre a cálida chama, entrou no lago, esmagando o barro entre os dedos. Seu endurecido membro não cedeu, mesmo com a fria água salpicando ao redor de suas pernas. De fato, endureceu ainda mais com cada passo que dava mais perto da encantadora bruxa. Seu comprido cabelo castanho mal tocava a água, cobrindo os redondos seios que sabia que cabiam perfeitamente em suas mãos.

A primeira vez que viu a Adela, pensou que era uma ninfa dos bosques, mas agora parecia mais uma mística sereia de água, desejosa de atraí-lo às profundidades com seu chamado.



Frente a ela, os músculos se converteram em lânguidos. O brilho da vela emitiu um tom alaranjado a suave curva de suas faces, enquanto o aroma calmante da cera enchia seus sentidos. Phillip se perguntou de novo se estaria fazendo o correto.

Queria que seu coração chamasse a Adela, não a uma ávida aristocrata sedenta de sangue. Apartou a vista dos doces olhos marrons da Adela. O peito se contraiu com uma dor que não gostava.

— Está seguro que quer continuar? - Perguntou ela. - Uma vez que tenha dito o feitiço, Lady Torella e você sentirão o um pelo outro uma sede insaciável.

— E o que acontecerá com meus sentimentos para você?

— Se só sentir luxúria por mim, desaparecerá imediatamente. Se for amor...

Quando Adela não terminou, ele perguntou:

— Aye?

— Se for amor, amará para sempre as duas mulheres até que uma delas morra. - Olhou a vela, a chama ardente se refletiu em seus úmidos olhos.

Phillip engoliu o nó de sua garganta e se inclinou para a Adela para beijá-la. O sabor dos doces lábios lhe insistiu a embalar amorosamente a face.

— Então, amarei-te até o dia em que morra. Mas devemos seguir adiante. - Com os olhos nublados pela dor, baixou o olhar ao lago. - Minha gente depende desta aliança.

Um negro calafrio silencioso os percorreu.

— Assim seja. - Assentiu Adela com remorso e lhe apertou a mão do rosto. Segurou-lhe as mãos com a vela e a poção. - Repete comigo - olhou nos olhos azuis e continuou.

— Faço uma chamada aos quatro elementos, o vento, o fogo, a água e a terra. Enviem minha mensagem ao Aengus MAC Og, o deus celta do amor e a beleza.

Phillip as repetiu, o coração pulsando grosseiramente enquanto uma névoa de água se reunia ao redor deles como um casulo protetor.

Adela fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás para olhar à lua; uma espectral luz branca rodeou seu corpo. Sustentou o vidro de cristal em alto entre as mãos.

— Nos ouçam agora poderosa deusa Airmed. Apelamos a seu divino poder para infundir esta poção e unir a este homem, Laird Phillip Robert a Lady Torella Campbell, com um amor que não possa ser quebrantado.

Uma luz rosa serpenteou pelo caminho das estrelas até deter-se ao redor da poção, os ingredientes brilhando em seu interior. Adela soltou a vela e a luz disparou para Phillip e se formou redemoinhos ao redor dele, enchendo-o com um calor desgastante.

Zumbiam-lhe os ouvidos pelo forte batimento de seu coração. Na distância, ouviu a suave voz da Adela, o tom cheio de angústia.

— Tragam Lady Torella a seu amor e façam que sejam felizes em sua vida juntos. Benditos sejam.

Depois que a luz veio, afastou-se e a água ao redor deles caiu ao lago, cobrindo os de uma



ligeira bruma.

— Pronto - o tom nostálgico na voz dela enviou espinhosos calafrios pelas costas. - Te desejo o melhor - soprou a vela, a fumaça fragrante se curvou ao redor da face dela.

Voltou-se para sair, mas Phillip lhe pôs a mão no braço.

— Não pode me deixar. - Disse, com a voz tensa pela dor.

— Tem que deixar que vá! É cruel me fazer ver como se casa com outra. - As lágrimas desciam por suas faces, só o olhar lhe causava dor no coração. - Por favor, suplico-lhe isso. Não me peça que fique.

Ele fez uma pausa para tomar fôlego para assim aliviar a dor em seu interior.

— Se tiver que deixá-la ir, me dê este tempo contigo agora, para que possa ter lembranças de um amor que me estava destinado e não encantado.

As lágrimas desciam por suas faces e se separou dele.

— Eu... Não posso.

CAPÍTULO 10

Adela saiu do lago e Phillip a seguiu. Vestiram-se em silêncio, cada um com seus próprios pensamentos.

— Adela, precisamos falar...

— Nae!

— Não pode partir.

— Não funcionaria, Phillip!

— Só me dê uma noite mais, nos dê uma noite mais.

A emoção apertava o peito da Adela. Não podia olhá-lo.

— Por favor.

Uma gota de água caiu no nariz dela, reunindo-se com outras gotas de sua cabeça.

— Vamos, nos afastemos. - Pendurou o saco sobre os ombros e lhe ofereceu a grande e calosa mão.

— Não desejo retornar ao castelo - disse ela, sua voz apenas um sussurro.

— Começa a chover. Deve dormir em algum lugar esta noite.

Soltando um suspiro, ela assentiu e agarrou sua mão. Adela correu com ele pela úmida grama. A chuva aguilhoava seus olhos, turvando a visão. O calor do forte aperto em sua mão pelo Phillip percorria por seu braço, proporcionando um sentido de proteção enquanto lutavam contra os elementos. Inclusive quando alcançaram o castelo, Phillip não soltou sua mão.

Não até que estiveram parados frente à entrada de sua antecâmara, só então soltou sua mão



para abrir a porta.

Empapados da cabeça aos dedos dos pés, Adela entrou na antecâmara, as sujas bordas do vestido salpicavam ao redor das sapatilhas cheias de lama. Phillip a seguiu de perto por trás, e depois fechou a porta. Ela se virou para olhá-lo.

O dourado cabelo gotejava água por seu rosto angélico enquanto que a úmida malha de sua túnica grudava a seu peito. Nunca o tinha visto tão completamente atraente como o fazia justo agora.

Uma fria voz na mente a urgia a afastar-se dele. Abandoná-lo para que esperasse a sua prometida. Entretanto, não podia fazê-lo. O coração lhe dizia que ficasse, que tomasse qualquer consolo que pudesse antes de renunciar a ele.

Já não importava se tinha sua semente crescendo dentro ou as visões de sua própria morte. Necessitava que lhe dissesse que tudo estaria bem, inclusive embora fosse uma mentira.

Amanhã enfrentaria a dura verdade e seria forçada a deixá-lo para sempre. Mas esta noite era deles.

— Me faça amor - sussurrou ela.

Ele ficou quieto como se as emoções empreendessem uma guerra em seu interior.

Ela engoliu o nó na garganta, as mãos tremendo aos flancos.

Dá-se conta ele do desesperado de seu amor? Chama seu coração a outra?

— Sinto muito. Não deveria tê-lo pedido - disse.

— Nae, não deveria tê-lo pedido.

Adela queria partir, mas ele bloqueou o caminho.

— Nunca deveria tê-lo pedido, porque sempre ansiarei te agradar. Tudo o que precisa fazer é me olhar, e eu serei seu servo.

Atraiu-a rudemente para seus braços e a beijou com força os lábios, enfiando a língua em sua boca, colando seu corpo ao dele.

Pela Deusa, este homem se sentia tão bem! Tome, suplicou ela silenciosamente, o corpo palpitando com desejo. Pressionou-se mais forte contra sua sólida carne, precisando estar mais perto dele.

Bruscamente, afastou-se, e recuou para tirar o úmido vestido.

Necessitava-o dentro dela.

Agora!

Ele tirou a úmida túnica e desembrolhou o kilt que rodeava a cintura. O faminto olhar nunca deixando o seu. Ela tomou um momento para contemplar o duro contorno de sua arrogante forma masculina.

Um travesso brilho apareceu nos olhos dele e lhe ofereceu a mão.

— Vêm - ordenou, com a voz rouca pelo desejo.

Era todo o incentivo que ela necessitava para correr e saltar para seus braços, envolveu seu pescoço com as mãos. Com as pernas circundando sua cintura, ele suportou sem esforço seu peso



pela parte posterior das coxas dela.

Ele reclamou sua boca grosseiramente, e o corpo a derreteu com a essência de seu apaixonado fôlego misturado com a almiscarada essência de sua excitação.

Sem romper contato com os lábios dela, ele foi para a parede e a pressionou contra esta. Com um rápido empurrão, investiu com o duro membro dentro de seu bem disposto corpo.

A vibração de seu gemido a fez cócegas nos lábios, enviando estremecimentos por todo o corpo.

Ele enchia seu núcleo ao tempo que bombeava dentro e fora, um sentido de urgência os dirigia a ambos.

Aumentando a fricção, ela apertou as coxas mais fortemente, estreitando o canal interno.

Ele mordeu o lábio e depois revirou os olhos.

Adela sorriu com a satisfação de saber que podia atormentá-lo da mesma maneira que ele a atormentava. Ele aumentou o ritmo, empurrando com os quadris uma e outra vez.

Incapaz de deter a onda de prazer que a enchia, Adela se rendeu diante o glorioso momento. Os pulmões ardiam por ar, o corpo sacudindo-se com os espasmos.

Através dos dentes apertados, Phillip soltou um primitivo rugido antes de derramar a quente semente em seu interior. O corpo inteiro se sacudia violentamente e a apertou com mais força, agarrando-se a ela com uma feroz urgência.

Quando deixou de senti-lo pulsando em seu interior, ele a soltou, e ela se deslizou por seu suave e brilhante corpo, úmido de suor.

Tinha os músculos das pernas fracos pelo sexo. Um sacrifício que ela estava muito feliz de fazer. Sorriu-lhe, via-se tão exausto e tão completamente satisfeito como se sentia ela. Adela tomou sua mão e beijou a áspera pele.

— Vêm a cama antes que desmaie.

Respirando agitadamente, ele riu e depois sussurrou junto a seu cabelo:

— Me acredite, minha deliciosa bruxa, tenho a força para te agradar durante toda a noite.

Ele a elevou no círculo dos braços e a carregou até a cama. Apanhou o olhar de Adela com os olhos e o coração lhe saltava com renovada antecipação diante das vindouras atividades da véspera.

Um forte tamborilar à porta obrigou Adela a afastar o pesado braço de Phillip que a cruzava no peito. Ela se inclinou sobre sua silhueta adormecida e sorriu diante da inocente aparência de menino em seu rosto.

A porta soou de novo, desta vez mais agressivamente. Franzindo o cenho, ela sacudiu Phillip.

— Acorda. Há alguém à porta.

Mas ele permaneceu adormecido. Tratou de sacudi-lo de novo, mas não se moveu nem um pouco.

— Phillip...

A porta se abriu com um golpe e três temíveis soldados irromperam na antecâmara. Ela gritou e empurrou o flácido corpo de Phillip uma vez mais.



— Morre bruxa! - Rugiram os soldados, depois saltaram sobre a cama e apontaram com cada uma de suas espadas para seu corpo.

Adela se sobressaltou despertando com terror. Ofegando, olhou Phillip dormindo placidamente a seu lado. Afastou o emaranhado cabelo do rosto e baixou os pés pelo lado da cama.

— A que propósito serve esse sonho? - Perguntou com uma voz contida, com o olhar dirigindo-se ao amanhecer fora da alta janela.

Adela soltou um audível suspiro e ficou lentamente de pé. As frias pedras contra as plantas dos pés a esfriaram o nu corpo enquanto caminhava brandamente até chegar ao lavabo. Vertendo água sobre uma bacia, salpicou-se o frio líquido sobre o rosto.

Um golpe à porta ecoou pela antecâmara. Adela se sobressaltou, e um ofego escapou dos lábios. Dirigiu o nervoso olhar a Phillip dormindo placidamente na cama, e logo depois de novo para a porta.

— Meu Laird - chamou uma voz masculina através do carvalho. - Um insólito convidado espera abaixo - golpeou de novo. - Está acordado?

Adela foi para a porta.

— Não responda - sussurrou Phillip concisamente.

Adela vacilou, piscando confusa.

Ele se levantou da cama e colocou um par de calças. Abrindo a porta uma estreita fresta, inclinou-se contra o marco. Adela escutou seu mordomo dizer que Lady Torella estava sentada impacientemente no Grande Salão.

Depois de que Phillip fechasse a porta, Adela perguntou:

— Por que não queria que seu homem me visse?

— Não desejo arruinar sua reputação. - Elevou a tampa de um cofre de madeira aos pés da cama. - Parece que seu feitiço funcionou em convocar a Lady Torella.

— Você não deseja arruinar "sua" reputação - Replicou Adela, ignorando sua mudança de tema.

Phillip se vestiu com uma túnica cinza e acariciou a sua face.

— Não desejo te compartilhar ainda - pousou as mãos a ambos os lados de seu rosto e a beijou nos lábios.

Ela fez uma careta e se afastou.

— Esquece quem sou? Posso sentir que não está dizendo toda a verdade.

Ele passou a mão distraidamente pelo cabelo.

— Minha gente vai passar por um período difícil aceitando seu inimigo como sua senhora, inclusive embora signifique a paz. Não quero confundi-los te tendo em minha cama.

— Quer dizer que não deseja que saibam que seu Laird esta se deitando com uma suja bruxa!

— Adela!

— Esquece.

Ela recolheu suas roupas sujas e as jogou sobre a cama.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

— Não necessito sua caridade.

— Não pode partir nua - disse Phillip e recolheu o vestido. - Vista-se e vá a sua antecâmara.

Estarei ali em breve e poderemos falar sobre isto.

Adela afastou o olhar, os braços cruzados. Ela não ia esperar como um cão espera a seu amo.

— Por favor, Adela. Não parta sem falar comigo.

Ela sentiu sua tortura interior. Seus olhos suplicavam para que o entendesse.

— Está bem - Adela arrebatou o vestido de suas mãos. - Vá atender a sua nova noiva.

Ele deu um brusco assentimento, e depois procurou no bolso do vestido e tirou a poção de amor. Girando sobre os calcanhares, retirou-se.

Deixou-se cair sobre a cama com um profundo suspiro. O que estava fazendo aqui? Estava preparada para ser a outra mulher na cama do Laird? Para estar sempre escondendo-se da gente dele? Sentou-se direita, o estômago atando-se pela dor emocional.

Tinha fugido e se escondido das pessoas durante toda a vida. Assustada de que eles vissem o que era, assustada de que devido a seu medo para as bruxas, matassem-na como haviam feito com sua mãe.

Apertando os dentes, ela ardia de fúria. Não ia esconder se e não ia esperar.

Deslizando-se dentro de seu vestido e sapatilhas, abriu a porta de um golpe e desceu pela escada de caracol.

Phillip entrou no Grande Salão e se encontrou com uma parede de tenso silêncio. Vários Campbell com as mãos descansando sobre os punhos de suas espadas estavam reunidos ao redor da cadeira sobre o soalho enquanto seu próprio e sombrio clã permanecia tenso e muito nervoso. Ele só precisava de uma palavra e os Campbell seriam derrubados antes que pudessem tirar suas espadas das bainhas.

Phillip se deteve diante de sua própria cadeira elevada. Uma barreira de corpos lhe obstruía a visão de Lady Torella. Elevou a voz com uma ordem:

— Não estou acostumado a saudar convidados através de seu exército.

Uma dura voz feminina respondeu:

— Se movam a um lado, homens.

Os Campbell recuaram para permitir que sua senhora fosse visível.

Phillip olhou duramente à escura beleza sentada regamente na cadeira. De algum jeito, pareceu-lhe familiar.

Seu longo e anguloso rosto tinha altas maçãs do rosto e um fino nariz, enquanto espessas e negras sobrancelhas se arqueavam sobre uns olhos de jade. Aqueles mesmos olhos o olhavam fixamente com arrogante frieza.

O caro vestido de corte baixo exibia seus grandes seios, e uma estreita cintura. O corpo de Lady Torella exalava sensualidade, e Phillip supôs pela forma em que seus olhos lhe devoravam a forma física, que ela sabia.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

— Estou aqui para aceitar sua rendição - disse ela, seu olhar sondando o dele.

A palavra rendição ecoou através de seus zangados soldados. Eles se moviam com indignação.

Phillip elevou uma mão para silenciar a seus homens.

— O clã Roberts não se rende, mas sim fazemos alianças para reforçar nossa posição.

— Os Campbells não precisam aliar-se. Já somos fortes.

— Não desejo discutir esse ponto. Em troca, peço-lhes que considerem o que obteriam sendo aliados dos Roberts mais que nossos inimigos.

— O que ganharei?

— Ganhará poder de união sobre as Highlands sem perder nenhum de seus homens sob nossas espadas.

Os olhos de Lady Torella se estreitaram com malícia.

— O que me propõe?

— Se transformar em minha senhora esposa, e terminar com esta inimizade de uma vez por todas.

Ela riu e soou como o pranto de um gato. Assim é como ele a conhecia. A noite em que Adela invadiu seus sonhos íntimos. A misteriosa mulher era a mesma imagem de Lady Torella.

Antes que ele pudesse sopesar as implicações, ela interrompeu seus pensamentos.

— Não sei o porquê me incomodei em vir aqui. Não têm nada que queira. - Lady Torella se levantou graciosamente da cadeira e desceu da plataforma.

— Antes que vá, fiquemos em bons termos. - Os homens de Phillip ofegaram atrás dele. - Me tragam um cálice de vinho doce para Lady Torella.

Ela se deteve e depois sorriu como um gato que tivesse ganho um prato de leite.

Uma criada correu para Phillip e lhe entregou um dourado cálice. Com a garrafa aberta da poção de amor no bolso, deu as costas aos Campbells e se dirigiu a seus homens:

— Com boa fé, nosso clã lhes permitirá uma passagem a salvo por nossas terras até que encontrem o final de sua viagem. - Com um leve movimento de mão, verteu a poção dentro da taça e depois se virou para Lady Torella.

— Beba em honra a saúde, Milady.

Ela assentiu e tomou um gole do doce vinho. Seus enluvados dedos agarraram um estranho frasco enganchado ao colar ao redor de seu pescoço. Lhe devolveu o cálice de novo.

— Agora desejo partir.

Phillip bruscamente assentiu e se afastou a um lado. Olhou seu clã apostado ao longo das bordas do salão, cada um olhando-o expectativamente.

Com uma profunda respiração, ele inclinou a cabeça para trás e tomou o resto do vinho enfeitiçado.

Adela retornou à antecâmara de convidados e reuniu as poções na mala. Examinou a cômoda habitação uma última vez antes de partir.



Era engraçado que sua antecâmara fosse o único lugar que sentiu que lhe pertencia. Embora fosse breve, apreciava a calidez que gerava nela. De repente uma aguda dor se deslizou pelo estômago e se dobrou sobre si mesma.

Algo estava errado!

Saindo da antecâmara, correu para baixo pelas escadas para o Grande Salão e se deteve no último degrau.

Os braços de Phillip se envolviam possessivamente ao redor da esplendida figura de uma mulher, seus lábios beijando os dela com a mesma paixão que recentemente ele tinha compartilhado com Adela.

O casal era alheio às aturcidas expressões das pessoas que os rodeava. Seu coração se sentiu como se estivesse sendo esmigalhado. Adela já não podia olhar ao amoroso abraço por mais tempo.

Afastou o olhar para ver o sombrio treinador, Dougal, escapulir dentro das cozinhas. Não querendo ficar, abriu caminho através dos soldados para a porta principal.

— Me deixem passar, por favor - disse ela a cada pessoa que bloqueava seu caminho. - Me Perdoe, me desculpe. - Por que a multidão não a deixava partir? Queria lhes gritar que se afastassem.

As lágrimas lhe cegavam a visão, e abriu caminho empurrando a outro homem.

— Detenham essa bruxa!

Adela ofegou, e elevou a cabeça.

— Adela, não vá! - Chamou-a Phillip, mas ela não queria dar a volta para o enfrentar. A porta estava tão perto. As luzes brilhavam através da passagem. - Adela Não precisava virar-se para saber que Phillip estava atrás dela.

Ele pousou a mão no ombro e o corpo reagiu contra sua vontade. Fechou fortemente os olhos e se amaldiçoou por apaixonar-se de um homem que não poderia ter.

— Por favor, fica.

Adela olhou para a porta uma vez mais e suspirou. Deu a volta e olhou nos olhos. Aqueles malditos formosos olhos que falavam de seu amor eterno por ela.

Com pesar, ela assentiu.

— Só ficarei um dia.

Phillip assentiu e sorriu com prazer.

— Venha, quero que a conheça.

— Nae.

— Aye, me diga o que pensa dela. Valorizo sua opinião - disse, e a conduziu ao interior da sala.

Fez-se silêncio no enorme salão, todos os olhos olhavam fixamente como o Laird acompanhava a Adela para a multidão circundante à cadeira elevada.

Adela observava por debaixo das pestanas, sabendo que passaria um momento difícil escondendo o ciúmes da sua prometida.

Os Campbells abriram um caminho para que eles passassem. Adela captou um ligeiro vislumbre



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

de uma escura sombra flutuando sobre a cabeça da senhora. No momento em que Adela elevou o queixo, a sombra tinha desaparecido.

Talvez só o tivesse imaginado? Suas emoções estavam ao nu depois de tudo. E a senhora era mais formosa do que Adela poderia imaginar-se. O agonizante pensamento lhe causou outra aguda dor no estômago.

— Que esta noite haja um grande banquete! - Gritou Phillip. - Nesta véspera celebraremos a aliança de dois grandes clãs. Que tenhamos paz para sempre em nossas terras.

As pessoas aplaudiram e depois lentamente deixaram o salão, ainda confusos pela repentina mudança produzida em Lady Torella e seu Laird.

Inconscientemente, Phillip se aproximou ao lado de Adela quando a apresentou a Lady Torella. Saudaram-se mutuamente com amarga rivalidade nos olhos.

O arrependimento assaltou Phillip quando olhou o sorriso forçado de Adela. Ela não merecia esta traição a seu coração, embora tivesse sido por sua culpa. Ele não podia evitar o que sentia agora.

Lady Torella rapidamente se fazia mais e mais importante para ele quanto mais tempo passava.

Ainda assim não podia permitir que Adela se fosse. Era como se o mesmo ar fosse tirado de seus pulmões. Sabia que não era considerado lhe pedir que ficasse, mas não podia evitá-lo.

Algo lhe dizia que a mantivesse aqui, a seu lado, segura e protegida do ignorante mundo que havia fora dos muros.

Lady Torella elevou a mão, branca como a neve, para Phillip, e ele se afastou do lado de Adela para ajudar a sua prometida a levantar-se da cadeira.

— Nos casemos amanhã, meu amor. - Lady Torella olhou por cima do nariz a Adela e elevou uma sobrancelha. - Na Véspera do Dia de Todos os Santos.

Adela se sobressaltou e recuou um passo. A Véspera do Dia de Todos os Santos? Devia encontrar um lugar seguro para se esconder do mal que procuraria seus poderes.

Phillip retornou ao lado de Adela e entrelaçou a mão com a dela. Sua terna energia a cobriu como uma cálida manta em uma tarde de inverno escocês.

Nae!

Ela não ia se esconder. Não na Véspera do Dia de Todos os Santos e não agora. Inclinou-se mais perto de Lady Torella, assim só a exótica beleza poderia escutá-la.

— Só quero que saiba que vou lutar contra você por este homem.

As pupilas dos olhos de Lady Torella se ampliaram e estreitaram. Com uma cruel risada, ela replicou:

— É bem-vinda a tentá-lo, menina.

Arrebatando a mão de Phillip da de Adela, a voz da Torella ronronou com sensual provocação.

— Me mostre nossa antecâmara nupcial. Desejo ver se a cama será a adequada para nosso ato sexual.



CAPÍTULO 11

Cada parte de seu corpo dizia a Adela que fugisse. Fugir do sofrimento de presenciar Phillip com outra mulher. Fugir do castelo e esconder-se na Véspera de Todos Os Santos. Proteger seus poderes.

Fugir era o que melhor sabia fazer. Era com o que estava familiarizada. Mas ficou em sua câmara, olhando pela janela, com os lábios trêmulos e as lágrimas caindo por suas faces. O que estava fazendo aqui?

Por que se estava obrigando a ficar quando nesse lugar não tinha nada exceto uma tortuosa visão da morte e a miséria de um amor não correspondido?

Um golpe leve soou na porta, e o suave timbre da voz de Phillip a chamou. Seu coração saltou com o mero pensamento dele ao outro lado da porta.

Ele era a razão pela que ficava.

Sabendo que seria um engano, caminharia sobre os fogos de Hades para estar a seu lado. Secou as lágrimas com o dorso da mão e abriu a porta.

Havia sombras negras gravadas sob seus olhos, e sua face normalmente suave tinha uma barba de vários dias. Tinha uma mão contra a porta, apoiando seu peso.

Adela queria aconchegar-se em seus braços, mas resistiu a tentação, sentindo-se insegura de sua posição em seu coração. Ela tinha algum direito a seu carinho?

— Entre - ofereceu, sua voz demonstrando o aspecto desventurado de seu rosto.

— Nae, melhor não. - Endireitou as costas. - Soube que não comeu nada.

— Não tenho fome. - O peito de Adela pesou com a surda dor da premonição. - Não veio aqui para preocupar-se por minha saúde.

— Adela, acredito que deveria partir.

Ela Engoliu o desespero em sua garganta.

— Deseja me ver partir?

— Aye... nae - Phillip passou a mão distraidamente pelo cabelo. - Estou sendo egoísta te mantendo aqui.

— Por favor, entre.

— Nae. Já me estou sentindo como se estivesse traindo a minha prometida estando aqui.

— Phillip...

— Esta noite farei o pedido da mão e depois pela manhã serão lidas nossas núpcias na igreja. Por favor vai pelo bem de ambos, Adela. Temo não ter coração para seguir com esta cerimônia se souber que está perto de mim.

Adela se estirou para tocar sua face, mas ele se afastou. A dor e a nostalgia jaziam nus em seus olhos.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

— Se alguma vez necessitar algo... Algo - disse com a voz rouca. - Envia uma mensagem, e estarei lá por você. - Virando-se, deixou-a com as costas rígidas, seus calcanhares ressoando sobre o chão de pedra.

Um gemido de desespero escapou dos lábios de Adela, e suavemente fechou a porta. A dor de ver Phillip saindo de sua vida era muito para suportá-lo. Que tola era.

Pensando que poderia não só competir com o feitiço de amor, mas também com a beleza de sua prometida. Lady Torella era impressionante, e qualquer homem entregaria sua espada só para receber uma olhada dela.

Adela se aproximou da jarra de água de sua mesinha de noite e olhou sua imagem no líquido.

— Sou feia comparada com ela.

A imagem na água se transformou nos adoráveis traços de Lady Torella.

— Aye, é feia - a cruel voz de Torella zombou dela. - Acredita honestamente que a escolheria em vez de mim?

Adela ofegou. O sobressalto reforçou sua ira.

— Ele não a escolheu! Escolheu a paz para sua gente! - Gritou Adela à jarra.

Uma horripilante risada encheu a câmara, e a imagem de Lady Torella desapareceu.

Adela tomou a jarra, o frio metal lhe queimava os dedos e a lançou pela janela.

— O que acaba de acontecer? - Perguntou em voz alta e se deixou cair sobre a cama, com as sobrancelhas franzidas em reflexão.

Tinha poderes Lady Torella? Mas, Como tinha passado por cima sem reconhecer os sinais?

Adela se amaldiçoou por não se dar conta antes. A fugaz sombra que se abatia sobre a cabeça de Lady Torella esta manhã, e as estranhas coisas que estavam acontecendo a Phillip, eram muito para ser uma mera coincidência.

— O que vai fazer, Lady Torella?

Se Adela ia a Phillip com suas perguntas suspeitas, ele pensaria que estava ciumenta. Devia encontrar provas dos poderes de Lady Torella. Adela ficou de pé e agarrou o saco de couro da mesa auxiliar antes de sair correndo da câmara.

No corredor, olhou a ambos os lados para ver se estava sozinha. Embora todo mundo soubesse que era uma bruxa, estava acostumada a utilizar seus poderes em segredo, uma prática protetora que não se desvanecia da noite para o dia.

Colocando a mão na bolsa, pegou um punhado de pó laranja e soprou a substância encantada de sua mão. Atando a bolsa à corda de veludo vermelho ao redor de sua cintura, ordenou:

— Me leve a câmara de Lady Torella.

Com a forma de uma serpente, o pó se deslizou pelo corredor do chão de pedra.

Uns passos ressoaram pelo corredor e Adela se deteve. Sussurrou brevemente ao pó:

— Desce!

O último grão de pó caiu ao chão justo antes que uma velha e baixa donzela do serviço passasse



coxeando pela esquina. Seus penetrantes olhos azuis brilharam quando reconheceu a Adela apoiada casualmente contra a parede.

— Bom dia, Senhora Adela.

— Bom dia.

A testa da donzela se enrugou de concentração. Trocou o peso da roupa de cama sob seu braço, suas pequenas sapatilhas estavam sobre o pó.

— Cheira algo?

— O que? - Perguntou Adela inocentemente, arqueando uma sobrancelha.

— Esse aroma. É... - A criada farejou o ar. - É...

— Urze.

— Aye, urze.

Adela riu nervosamente e olhou a seu pó.

— Nesta época do ano, o ar da montanha se enche com o doce aroma.

A criada assentiu e deu outro passo, esmagando o pó sobre o chão de pedra. Foi-se, mas se deteve a meio caminho.

— Os habitantes da aldeia e eu queríamos lhes agradecer por estar aqui.

Adela inclinou a cabeça com desconcerto.

A anciã continuou:

— Passou muito tempo desde que vimos ao Laird sem o cenho franzido na testa. Todos sentimos que se fazem bem, a diferença dessa... Mulher com a que vai se casar.

Adela conteve as lágrimas que ameaçavam sair. Afogada pela emoção, só podia assentir à mulher.

A donzela assentiu em troca e um incomodo silêncio caiu entre elas. A criada se foi, mas se voltou e passou seu braço livre pelo pescoço de Adela.

Adela ficou rígida e depois relaxou no quente e apertado abraço da mulher.

— Sinto-o pela forma em que saíram as coisas - disse a donzela com a voz rouca. Com uma enérgica massagem no ombro da Adela, foi embora rapidamente.

Adela colocou uma mão sobre a boca e olhou como a donzela se escapulia, com o pó preso debaixo de suas sapatilhas. Confusa com a aceitação dos habitantes da aldeia, agitou a cabeça com assombro. Gostavam realmente?

Além de Phillip, não podia recordar a última vez que alguém a havia tocado com agradecimento.

Um quente resplendor se deslizou sobre Adela, um sorriso se estendia por sua face. Não era de estranhar que Phillip sacrificasse tudo por essas bondosas pessoas. Adela elevou o queixo um pouco mais alto.

Ela ia se assegurar de que seu sacrifício não fosse em vão.

— Pó, retoma sua forma.

O pó de cor laranja se elevou do chão de pedra.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

— Contínua - ordenou e seguiu a seu passo.

Adela caminhou através de uma série de corredores e escadas. Nunca se tinha dado conta de quão grande era realmente o castelo até agora. De repente, o cabelo da parte posterior de seu pescoço se arrepiou.

Ela se deteve.

Alguém a estava observando.

Voltou-se e encontrou o escuro corredor vazio, entretanto, o frio fantasmal que lhe percorria as costas lhe dizia o contrário. Voltou-se para seguir o pó. O sentimento de maldade se agarrou a seus sentidos, seu pegajoso aroma sujava o ar.

Apressando seus passos ao redor de uma esquina, pressionou seu corpo contra a parede. Uma onda de temor se estendeu sobre ela. Que tipo de ameaça a assediava? Devia reunir coragem para olhar atrás. Para ver o que estava enfrentando.

A pesar do sabor da bílis elevando-se pela garganta, tragou uma baforada de ar e se forçou a olhar ao redor da esquina.

Não havia ninguém ali.

O ruído de um bater de asas soou perto de sua cabeça e ela elevou o olhar. Gritou quando um grasnido ressonou em seus ouvidos. Um grande corvo saiu das vigas e revooou ao redor de sua cabeça, seu forte bico lhe bicou a cabeça, tirando sangue.

Adela agitou as mãos sobre sua cabeça e correu pelo corredor. Seu pó tinha desaparecido da vista, correu sem pensar, elevando os braços para evitar o grasnido perfurante do corvo e seus ferozes golpes.

Irrompeu através de uma porta aberta ao final do corredor e rapidamente a fechou atrás dela. Apoiada contra a dura taboa de carvalho, respirou em suaves e rápidos ofegos. Seu pulso golpeava errático enquanto tratava de manter seu frágil controle.

Depois de um interminável silêncio, Adela pressionou sua orelha contra o carvalho para escutar algo do demoníaco pássaro. Quando tudo esteve em silêncio se voltou para o escuro interior da câmara.

— Por que me seguia o corvo?

Uma sombra apareceu no canto de seu olho, e saltou de medo.

Era seu pó laranja.

O apertado nó de seu interior começou a relaxar-se. Suspirou com a respiração entrecortada. Abrindo a bolsa atada à corda ao redor de sua cintura, sussurrou:

— Retorna.

Adela entrou mais na câmara e foi afligida com um sentido de maldade, drogando seu espírito com uma pesada escuridão. Se o pó estava aqui, esta câmara tinha que ser a de Lady Torella.

Por que não havia sentido nada a primeira vez que se reuniram? Talvez perder Phillip tivesse distraído seus poderes.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

A câmara tinha uma grande cama, similar à sua, mas com mantas de cor azul escuro e finas cortinas penduradas dos postes. Adela revisou as asseadas mantas. Não podia encontrar uma só ruga.

Um calor se fundiu em suas faces quando imaginou Phillip e Lady Torella enredados nas savanas, cada um agarrando ao outro com uma fome insaciável.

— Basta! - Admoestou a si mesma e voltou as costas à cama. Seu olhar foi imediatamente a escura névoa sobre o dourado cofre no canto. Ajoelhou-se diante da arca e não encontrou nenhuma fechadura. Colocou as mãos sobre a tampa de metal, e uma energia malévola lhe subiu pelo braço, gelando o sangue. Um angustiante gemido escapou de seus lábios. Resistiu a aguda dor que se filtrava em sua alma. Com todo seu peso, empurrou fortemente contra a arca, mas a tampa não se moveu.

— Maldita seja esta arca! - Sentando-se sobre suas pernas, Adela ofegava com frustração e se esfregou distraidamente os braços.

Estudou o exterior da caixa forte. As lisas faces não mostravam nenhuma talha ou desenho.

— É incomum para um cofre não ter símbolos criativos que identifiquem o fabricante - disse Adela, golpeando com os dedos contra o queixo. - Talvez tenha sido amaldiçoado.

Abrindo a bolsa de sua cintura, tirou uma folha negra e a esmagou sobre o cofre.

— Ordeno-lhes que levem o guardião e abram esta tampa.

Uma luz verde escura explodiu em frente dela. Adela gritou e caiu de costas. Uma pútrida fumaça encheu o ar, e tossiu enquanto agitava a mão para frente e para trás para dispersar a névoa.

Quando a fumaça se dissipou, aproximou-se para encontrar a tampa aberta. Tirou vidros de poções e ervas, um frasco de dedos de homem mortos, o casco de um cavalo e uma pequena bolsa de ossos de animal. Na parte inferior do cofre havia um antigo e grosso livro com as palavras Magia Escura escritas em ouro sobre a capa. A impressão do descobrimento deslocou o sangue de seu rosto.

— É uma feiticeira.

Contra seus instintos, Adela pegou o vil livro e folheou através das páginas amareladas pela idade até que encontrou o feitiço que Torella usava sobre Phillip para lhe dar alucinações sexuais.

Phillip não tinha experimentado um sonho, e sim uma realidade. Torella tinha seduzido Phillip essa noite. E o havia feito antes que Adela houvesse inclusive considerado a poção de amor. Torella os vigiara todo o tempo.

Mas, por quê?

Por que passar por todos esses problemas quando poderia ter feito a aliança com o Phillip sem a poção?

Phillip. Devia o advertir.

Ficando de pé, correu para a porta e voltou a abri-la.

Bloqueando seu passo havia um enorme e feroz soldado com o cabelo vermelho.

Dougal!

Sustentou-a pelos ombros com um doloroso apertão.

— Quero que seja uma bruxa boa e morra em silêncio.



CAPÍTULO 12

Torella exalou enquanto entrava em sua antecâmara.

— Suponho que terei que trocar a túnica para o pedido da minha mão estas vésperas. -Tirando o manto negro, lançou o casaco sobre a cama.

— Não importa o que vista, milady, sempre será atraente - disse Jacob.

Seu novo amante estava atrás dela e pôs para o lado o cabelo para beijá-la na parte de trás do pescoço.

Torella girou e sorriu. Seu novo escravo negro tinha demonstrado ser um amante adequado com um montão de energia sexual da qual se alimentar. Arrancou-lhe a grossa camisa cinza e passou a mão pelo escuro e liso peito.

— Acredito que temos tempo antes dos festejos para dar uma fornicada. - Torella pôs um pé sobre a cama e levantou o vestido negro de veludo até a cintura, expondo o arbusto de encaracolado cabelo escuro no vértice de suas coxas. - Agora chupa!

Jacob se deixou cair sobre os joelhos, agarrou suas nádegas para apoiar-se e empurrou a grossa e longa língua passando-a por seus grandes lábios. Ela se engasgou com um gemido.

Uma cálida e familiar sensação se filtrou em seu corpo, enchendo seu espírito de poder.

— Isto me satisfaz bem - disse, arrastando as palavras.

Mantendo a cabeça firmemente contra sua virilha, beliscou um mamilo ereto sob a túnica.

Enquanto que a língua formava redemoinhos contra a úmida e acetinada carne, a excitação da Torella aumentou diante da vista da pele escura do Jacob contra suas cremosas coxas. Uma vez que estivesse casada, ia formar um harém desses magníficos homens.

Jogou a cabeça para trás, seu corpo trêmulo com o crescente prazer.

— Aye, isso! Continua chupando!

Tão perto.

Torella sorriu com antecipação. Olhou a seu escravo e o sorriso desapareceu.

— O que é isso?

Jacob levantou a cabeça.

— Eu a desagrado?

Torella o empurrou afastando-o e passou ao redor do corpo enfraquecido.

— Por que este cofre está aberto?

Jacob se encolheu e ficou de pé.

Levantando a tampa, passou a mão sobre o metal dourado.

— Me mostre quem esteve aqui.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

Um reflexo da bruxa apareceu sobre a tampa. Na visão, Adela abria o cofre e rebuscava nos pertences privados de Torella. A garota se levantou do chão e estava por partir. Mas Dougal estava na porta, os assassinos olhos olhando à intrusa.

— Argh!

Uma onda de sombra negra desceu sobre a câmara e seu escravo se refugiou no canto. Os olhos dela brilharam vermelhos com a crescente fúria. O ar rangia com a tensa energia quando saiu da câmara.

Ameaçadoras nuvens se reuniam no oeste enquanto Phillip se agachava para estudar as condições da parede de pedra da almena. O cavalo alazão deu um passo para trás, puxando as rédeas das mãos de Phillip.

— Serão necessárias reparações por este lado - informou a dois de seus soldados. Uma selvagem rajada de vento lhe moveu o cabelo.

Seu cavalo se moveu de lado contra o agitado vento, a cabeça resistindo acima e abaixo.

— Calma - Phillip se levantou e aumentou o controle sobre as rédeas.

Um soldado mais velho com espessa barba loira perguntou:

— Acha necessário reparar a parede, agora que temos uma aliança com os Campbells?

— Nunca se pode estar muito seguro - respondeu Phillip distraidamente, estudando os escuros céus.

Um jovem e magro soldado de dezenove invernos interrogou:

— Sente dúvidas, meu Laird?

Phillip voltou o olhar para o jovem.

— Nae. Por que diz isso?

— É só...- Olhou para o outro soldado que negava vigorosamente com a cabeça. A incerteza nublou os olhos castanhos, e permaneceu em silêncio.

— Vamos, moço - urgiu Phillip com os braços cruzados.

— É só que estávamos esperando que tivesse mudado de ideia. Muitos do clã não querem que os Campbells vivam conosco.

— Lady Torella é...- Phillip se deteve, com o olhar desfocado. - Ouviu isso?

— Ouvir o que, meu Laird?

Subindo na sela, girou o cavalo.

— Algo está errado.

Seu peito se retorceu com uma dor estranha. A bela imagem de Adela chegou a sua mente e seu coração se acelerou.

Seu cavalo galopou perigosamente pela ladeira da montanha, as patas escorregando sobre os atoleiros de barro. Phillip utilizou toda sua experiência para manter o equilíbrio. Não tinha tempo para perder o equilíbrio.

O barro se sacudia por trás do cavalo enquanto corriam através dos portões abertos, sua gente



lutando para afastar-se de seu caminho. Saltando dos arreios, correu ao frio interior do grande salão e chamou os serventes.

— Alguém viu à Senhora Adela?

Uns poucos criados se detiveram no que estavam fazendo e ficaram o olhando com expressões em branco.

Grunhindo de frustração, precipitou-se, passando-os para subir as escadas de dois em dois. A respiração lhe chegava em entrecortados ofegos no momento que alcançou a câmara de Adela.

Procurou na habitação vazia para descobrir que as poucas posses que havia trazido com ela, foram-se.

Abandonou-o depois de tudo.

Tinha esperado...

Sacudiu a cabeça. Lhe rompeu o coração quando viu o olhar doído nos olhos dela quando lhe disse que se fosse. Entretanto, era o melhor. Assim, por que tinha a sensação de que Adela estava em perigo?

— MacQuire - Phillip chamou ao fortemente constituído soldado que estava no corredor.

— Aye, meu Laird?

— Quem está no dever de Guarda?

— Esse seria O'Malley.

— O convoque.

— Trata-se do frango que comi? - Adela tentou encolher os ombros para liberar o braço das garras de seu captor, mas ele só aumentou a pressão.

Uma escandalosa risada ressonou nas estreitas paredes da passagem secreta onde a tinha empurrado.

— Posso ver por que Phillip está apaixonado por você. - Dougal se aproximou mais a seu ouvido e ela cheirou o alho de seu fôlego. - Mesmo ante a morte têm senso de humor.

Ela enrugou a cara e agitou a mão em frente ao seu nariz.

— Vi minha morte. Não virá de sua espada.

— Valentes palavras as que fala.

Empurrou-a para outra passagem e para outra teia.

— Por que me deseja o mal? - Tirou a sedosa rede de cabelos da face.

— Uma vez que esteja morta, o feitiço de amor estará quebrado.

— É Dougal, não é? O treinador de guerra?

— Aye.

— Então suponhamos que têm algum sentido sobre você. - Adela arrebatou bruscamente seu braço e se voltou para ele. - Tanto faz se estiver viva ou morta, o feitiço de amor seguiria sendo efetivo.

— Diria qualquer coisa para salvar sua vida.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

— Aye, normalmente o faria, mas desta vez é verdade. - Adela olhou através da escuridão para ver para que cor mudou sua aura. - Não está apaixonado por Lady Torella. Ela o encantou com luxúria.

— O que a faz pensar que o que faço é por ela?

— A energia que o rodeia me diz que é assim.

Uma visão passou diante de seus olhos, a cabeça de Dougal sendo cerceada, com seu sangue empapando os campos.

— Me escute, por favor. Devemos retornar. Há morte diante de você - implorou Adela.

— Se cale! - Puxou seu braço e abriu de um puxão a pesada porta no final do túnel. - Meus planos não se verão frustrados.

Uma rajada de vento levantou a túnica de Adela, empurrando-a contra a dura parede do peito do Dougal. Empurrou-a para fora, a um prado cheio de urze e fragrantes pinheiros. A passagem secreta os levou a outro lado da montanha.

Adela tratou de convencê-lo de novo.

— Deve me escutar.

— Não me importa o que diga. Morrerá, e Torella será minha amante uma vez mais.

— Nae, não o farei! - Uma arrepiante voz soou atrás, enviando um calafrio de temor através da Adela.

A cara de Dougal empalideceu e se voltou, puxando a Adela a frente dele como um escudo.

— Eu disse que a cuidasse, não que a matasse! - A túnica negra de Lady Torella se balançou no tempestuoso tempo.

A espada saiu da bainha movendo-se só e elevando-se no ar. Ele soltou o braço de Adela para defender-se do golpe, mas foi muito tarde. A espada se deslizou através de seu pescoço, lhe cortando a cabeça.

O sangue quente salpicou a face e roupas de Adela. Ficou quieta, com o corpo paralisado pela comoção.

Os fortes ventos açoitaram o cabelo de ébano ao redor da face de Torella enquanto se aproximava de Adela. A feiticeira limpou o sangue da face de Adela com a ponta do dedo e a passou por sua língua.

— Hmm, tem sabor de metal.

— O que quer de mim? - A voz da Adela tremia de temor.

Torella sorriu com malvados olhos verdes e rodeou a Adela como um depredador jogando com sua presa.

— Quero seu bebê e depois seus poderes.

Adela ofegou e levou uma mão ao estômago.

— Não estou...

— Aye, está! A semente de Phillip cresce profundamente no interior, misturando-se com seu sangue encantado.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

Adela gritou quando Torella a agarrou pelos braços. Em uma piscada, foram transportadas às masmorras do castelo.

Adela se forçou a rejeitar a náusea que ameaçavam seu equilíbrio. Separou-se da feiticeira até que sentiu atrás uma úmida parede.

— Phillip não lhes permitiria me matar.

Torella jogou para trás a cabeça e riu enquanto acariciava o frasco que repousava contra seu peito.

— Graças a seu feitiço de amor, Phillip fará tudo o que lhe peça.

— Por que não foi afetada pelo mesmo feitiço? - A atenção de Adela estava atraída pelo colar. - Esse vidro a protege.

— É rápida, moça. - Aproximou-se da janela cheia de barras e sorriu ao pátio de baixo. - Simplesmente adoro o aroma de bruxa queimada.

— Por que está fazendo isto?

— Quando a queimarem no Dia de Todos Os Santos, seus poderes serão transferidos a mim, como o das outras bruxas celtas antes de você.

Adela ficou sem fôlego.

— Matou a minha família?

Torella riu sem alegria.

— Quem acha que levantou as suspeitas das pessoas do povoado no Dia de Todos Os Santos?

— Não permitirei que se saia com a sua. Encontrarei o poder de lutar com você.

— Nenhuma bruxa foi capaz no Dia de Todos Os Santos. Embora será delicioso de ver.

Os olhos de Adela se obscureceram com ira.

— Isso não acontecerá comigo.

— Aye, acontecerá. Uma vez que as chamas comecem a chamejar a pele de seus pés, encolher-se-á de dor. - Torella flutuava sobre Adela e ficou a centímetros dela. - Já posso cheirar seu temor.

Adela levantou o queixo um pouco mais alto.

Fazendo caso omissa da bravata de Adela, Torella se virou, com a túnica formando redemoinhos por cima da sujeira. Uma expressão de alegria petulante apareceu em seus olhos.

— Há uma opção que eu sugiro que tome. Pode permitir que seu bebê arda com você em seu ventre, ou pode beber esta poção. - Um cálice se materializou em sua mão.

— Com sua morte, a alma de seu bebê entrará em meu ventre, para ser educado como meu filho, mas com seus poderes.

— Queridas Deusas.

— Elas não podem lhes ajudar agora. Esta masmorra está amaldiçoada para conter seus poderes até o Dia de Todos Os Santos. - Pôs o cálice sobre o chão e abriu a porta da masmorra. Girando, acrescentou.



— Pelo menos tem a chance de realizar seu desejo, Adela. A linhagem MacAye continuará depois de que tenha ido. Cada geração me dará seus poderes. Minha eterna beleza e juventude estarão asseguradas.

— Nae, não pode fazer isto!

— Beba a poção, Adela. Salve a seu bebê de morrer queimado, e a magia celta viverá.

A porta do calabouço se fechou de repente. Adela saltou com o forte eco. Esfregou o calafrio dos braços, olhou pela janela ao pátio. Sons de martelar flutuaram até sua prisão. Os soldados da Torella estavam construindo uma base para a fogueira.

Sua visão estava se realizando.

Seu destino inevitável.

Ela arderia.

Apoiada contra as paredes cobertas de musgo, paralisou contra o chão e chorou com desolação. Através das lágrimas, seus olhos foram até o cálice.

Por si mesmo, o cálice se deslizou misteriosamente cruzando o chão de pedra parando ao alcance de suas mãos. Adela o agarrou. O líquido verde lima brilhou com esperança. Com ternura, pôs uma mão sobre seu estômago.

Um amor entristecedor irradiava do centro de seu ser.

Esperava um bebê.

O filho de Phillip.

Sabia o que tinha que fazer.

Depois de limpar o rosto cheio de lágrimas, agarrou o cálice com ambas as mãos.

— Phillip, onde quer que esteja. Me perdoe. Devo salvar o nosso bebê.

CAPÍTULO 13

A calma exterior de Phillip refletia uma tranquilidade que não necessariamente sentia. Moveu-se impaciente em sua alta cadeira enquanto olhava as festividades.

Com sua bela prometida sentada a sua direita, o decote amplo e atraente com a túnica vermelho sangue.

Phillip resistia o impulso de olhá-la. Cada vez que o fazia, sua vontade se fundia nos sensuais olhos esmeralda, insistindo-o a lhe dar tudo o que ela desejasse.

Em seu lugar, optou por inspecionar a habitação, o ardiloso olhar saltando sobre a cabeça de inúmeras pessoas, procurando o rosto familiar de quão única permanecia lhe evitando.

Uma cálida mão deslizou por sua coxa e uma sacudida quente se deslizou pelos músculos.

— O que está fazendo, milady? - Afogou-se com as palavras, evitando seu olhar.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

Lady Torella lhe sussurrou no ouvido:

— Quero ter um herdeiro imediatamente. - Com um dedo, inclinou seu queixo para ela, forçando seu olhar para capturá-la em seus amendoados olhos. - Talvez poderíamos começar nestas vésperas?

— Meu Laird - a profunda voz do Macquire o chamou de longe, tirando lentamente o Phillip fora do transe.

— Meu Laird. - A voz do soldado estava mais perto. - Lhe peço perdão pela interrupção, mas encontrei o porteiro.

Phillip agitou a cabeça para clareá-la. Mas não perdeu o ódio que emanava dos olhos da senhora, enquanto olhavam Macquire. O pobre soldado baixou a cabeça e ficou ao lado da cadeira de Phillip.

— A quem encontrou? - moveu-se no assento e girou para centrar-se no que o homem estava dizendo.

— O'Malley. O porteiro.

Phillip observou com o olhar vazio ao grande soldado e então mais a frente ao ancião porteiro de pé junto à parede.

— Pediu-me que o encontrasse imediatamente.

— Eu... Eu não sei por que.

Suas desconcertadas expressões refletiam a sua própria enquanto procurava nas vagas lembranças da tarde. Depois de uma longa pausa, clareou a garganta e respondeu:

— Voltem para suas obrigações. Espere... Alguém viu Dougal? Não me informou já há algum tempo.

Macquire agitou a cabeça, e O'Malley deu um passo adiante.

— Não abandonou a torre de comemoração, meu Laird.

— Muito bem, continue seu caminho.

— Aconteceu algo? - Perguntou Lady Torella. A mão pressionava contra a virilha dele, e seu corpo estremeceu com uma necessidade voraz de algo mais que só seu toque.

— Nae. - fechou fortemente os olhos e se moveu de novo na cadeira, afastando-se da mão dela e do entristecedor poder sexual que envolvia sua mente e corpo.

— Então vamos a nossa câmara.

Os olhos brilhantes da Adela passaram por um instante diante dele e seu peito foi assaltado com um terrível sentimento de perda.

— Tenho que encontrá-la!

— A quem, exatamente precisa encontrar? - Os olhos de Lady Torella se estreitaram com ciúmes.

— Não importa. - Levantou-se da cadeira sem olhar a sua prometida. - A verei na igreja pela manhã.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

— Espero nossa aliança.

Com um gesto seco, girou e foi encontrar a O'Malley. Os pensamentos se esclareciam à medida que aumentava a distância entre ele e sua prometida. Caminhou serpenteando entre a multidão com uma só esperança.

O porteiro O'Malley saberia onde tinha ido Adela.

A porta do calabouço bateu contra a parede e Adela despertou com um sobressalto. Surpreendeu-se de ter caído adormecida sobre o úmido chão coberto de juncos podres. O entristecedor fedor dos excrementos de rato fazia arder os olhos.

Aumentando a cautela, estremeceu diante da dor que as condições em que tinha dormido lhe tinham causado aos seus músculos. Esfregou os olhos para ver melhor na escuridão, depois gemeu, desejando ter continuado adormecida e alheia a sua visitante.

A túnica vermelha da dama se movia enquanto ia e vinha em uma fúria silenciosa como um animal enjaulado. A ironia não passou despercebida para Adela, por ser ela a única sentada, enjaulada em uma masmorra.

De repente, Torella se deteve e a olhou.

— Nunca ninguém me rejeitou.

Pouco a pouco, Adela se deu conta do que falava sua carcereira. Tratou de reprimir um sorriso satisfeito, mas fracassou. Seu coração saltou diante do pensamento de Phillip rejeitando os avanços de Torella.

— Talvez não seja tão atraente como pensa.

A fúria ardia no interior dos olhos verdes da feiticeira, e o sorriso de Adela se desvaneceu.

Torella moveu a mão, e uma incrível e aguda dor rompeu através do abdômen de Adela. Seu rosto se contorceu de dor e se desabou no chão, com os braços aferrando seu ventre.

De pé ante ela, Torella olhou para baixo com desprezo.

— Acha que é mulher suficiente para manter o interesse de um homem? - Moveu a mão de novo, e a cabeça da Adela foi golpeada, como se alguém esmagasse uma grande pedra contra seu crânio, uma e outra vez.

Adela se negava a rogar que parasse. Agüentaria isso todo o dia se o tinha que fazer, mas não rogaria.

Depois de uma longa pausa, Torella zombou:

— Aborrece-me.

A dor desapareceu e Adela se ergueu até tomar uma posição vertical, com o suor lhe cobrindo a testa e a respiração entrecortada.

Levantou o olhar cheio de ódio para encontrar a Torella de costas e sua atenção no cálice vazio na porta. Adela engoliu, se só tivesse forças para atacar à feiticeira.

Mesmo sem a maldição da masmorra, não teria ainda a habilidade para derrotá-la.

Torella tinha o poder de todas as bruxas celtas assassinadas, junto com as habilidades



dominadas por servir à magia escura. Se isso não fosse suficiente, o vidro encantado do colar protegia Torella.

Os feitiços de Adela seriam inúteis contra ela enquanto levasse esse colar.

— Ao menos fez algo certo - ronronou Torella, sua fúria dissipada.

Adela se levantou lentamente e se apoiou contra a parede para sustentar-se.

— Vou fazer tudo o que queira sem lutar, mas não machuque meu bebê ou Phillip.

— O Laird Phillip? Por que quereria compartilhar o Castelo Gleich e as Highlands com ele? Esta é a mais imponente fortaleza em toda a terra, e logo será minha - cruzou os braços sobre o peito.

— Além disso, o nobre senhor não permaneceria passivo enquanto ensino artes escuras a nosso bebê - Torella sorriu. - Bom, seu bebê.

Uma fúria desesperada chegou a seu ponto máximo para romper o último controle da Adela. Separou-se da parede e arranhou a surpreendida face de Torella, deixando quatro marcas vermelhas cruzando as impecáveis faces.

Os olhos de Torella se abriram amplamente pela surpresa, colocando uma mão nas feridas. Adela tentou pegar o vidro, mas uma força invisível a empurrou contra a parede e lhe tirou o fôlego dos pulmões.

Seus braços foram empurrados por cima da cabeça e agarrados com força, atados por correntes invisíveis.

— Nunca ninguém me golpeou!

— Ninguém a golpeou. Nunca foi rejeitada na cama. Por Júpiter, não esta tendo um bom dia - zombou.

— Insiste em ser castigada, não é? - Torella se aproximou, e passou a mão sobre a face ferida, e os vergões desapareceram. Os rosados lábios se franziram enquanto seu olhar percorria o corpo de Adela.

Os olhos mudaram de cor do verde ao vermelho, brilhando com superioridade sexual.

— Se a tortura não a quebra, talvez seus desejos o façam.

A jovem não gostou como soou isso. Por que não poderia aprender as qualidades do silêncio?

Lambeu os lábios e começou a desatar a túnica de Adela.

— O que esta fazendo?

— Estou intrigada de ver o que Phillip encontra tão atraente em você.

— Chega! - Adela lutou contra as ataduras invisíveis.

— Acaso tem sabor mais doce que a nata?

— Não é meu corpo o que o separa do seu.

A feiticeira continuou lhe puxando os laços do vestido até que escorregou pelos ombros da Adela. Agarrou os seios de Adela com as mãos, sentindo o peso deles.

— Então suplico que me diga o que é.

Adela engoliu, seu corpo reagiu por própria iniciativa, os mamilos endurecendo-se com a carícia.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

— Ama-me. Isso é o porquê.

— Ama-me também. Graças a sua poção. - Torella inclinou a cabeça e sua rosada língua se disparou para lambar o ereto broto.

— Pare com isso! - Grunhiu Adela, indignada com seu traiçoeiro sangue que fluía com excitação. As suaves mãos de Torella eram tão cálidas, disparando um malvado e delicioso prazer por todo seu corpo.

Torella esfregou os dois mamilos entre os dedos polegares e indicadores, depois passou a língua pelo lado de seu pescoço, sentindo o aroma do cabelo da bruxa.

— Mmm, cheira a bagos.

Adela já não podia lutar contra os sentimentos encantados de êxtase. O quente fôlego de Torella lhe fazia cócegas nas orelhas, enviando uma dor insuportável entre as coxas.

Mordeu fortemente na sensível pele de seu pescoço, e gemeu de prazer.

Torella se apoderou do queixo de Adela com as mãos e apertou seu corpo mais perto.

— Sua energia sexual é pura - declarou, e então capturou sua boca, empurrando a língua pelos lábios da Adela.

Adela utilizou as últimas forças de vontade e afastou a face a um lado.

— Nunca me submeterei a você.

Torella se vangloriou e lhe levantou a saia, afundando dois dedos em suas doloridas e úmidas dobras. O corpo de Adela se agitou bruscamente com desejo sexual, mas ficou em silêncio. Não se submeteria. Não se submeteria. OH Deusa, sentia-se tão bem!

Levando os dedos à boca, Torella os chupou com prazer. Ficou tão perto dela, que Adela pôde cheirar seu próprio aroma almiscarado.

— Tem sabor tão doce como a nata.

Fechou os olhos, desejando que seu corpo resistisse o feitiço sexual que a feiticeira teceu.

— Me olhe.

Apertou mais forte os olhos.

— Me olhe!

O suave corpo contra ela se afastou, lhe deixando o sangue quente e insatisfeito.

Uma rica e masculina voz disse em voz baixa:

— Me olhe, Adela.

Abriu os olhos para encontrar o Phillip de pé diante dela, completamente nu. aproximou-se dela, mas Adela se afastou contra as ataduras.

— Não é Phillip.

— Aye, sou - mordeu os lábios e passou as mãos pelos seios. O aroma único dele invadiu seus sentidos e Adela desejou com toda sua alma que fosse ele. Com a urgente necessidade de ser acariciada, teria dado tudo para que estivesse diante dele.

— Me beije, Adela. Senti tantas saudades - Phillip reclamou seus lábios, animando-a a abri-los. -



Me Beije.

O calor do corpo dele empanava sua resistência, lhe exigindo rendição.

— Também senti sua falta - abriu os lábios para ele e recebeu um duro e intoxicante beijo. As mãos estavam sobre toda ela, tocando seu corpo como se sua vida dependesse de seu amor. Não se importava mais.

Necessitava-o com uma paixão que lhe dava medo.

Phillip ficou de joelhos e a olhou com desejo nos olhos.

— Abre as pernas para mim.

Sem inibir-se, obedeceu. Seu corpo estava dolorido. Precisava liberar-se da paixão reprimida.

Inclinando a cabeça, introduziu-lhe a língua em seu tenro e úmido calor. Retorceu-a com hábil facilidade, tomando-se seu tempo. Os ofegos de Adela aumentaram, lhe queimando os pulmões.

Tudo a seu redor tinha desaparecido, todos os sentidos enfocados no prazer que a língua de Phillip trouxe para seu corpo. Queria viver nesse momento, esse tempo e lugar de êxtase suspenso.

Com esse pensamento, suas veias se encheram com fogo líquido e gritou o nome de Phillip, com o corpo agitado de intenso gozo. O grito ressonou ao redor da masmorra.

Como poderia ter sentido tanto prazer?

Não podia respirar.

OH, mas o prazer... Quando terminaria?

Devia acalmar a respiração. Com o corpo tenso, gozou novamente.

Um grunhido escapou entre os dentes apertados, o homem entre suas pernas sem deter-se, dançava a língua ao redor de seu sensível broto. Querida Deusa, sentia-se tão viva.

Segue adiante, rogou-lhe silenciosamente.

Sim, isso.

Uma vez mais seu corpo estremeceu, cedendo a ardente histeria do prazer.

Ficou ofegando, com o peito pesado. Foi afastar seu cabelo, coberto de suor, do rosto, mas não podia mover os braços.

A realidade de sua vulnerável situação a banhou como um balde de água fria. Adela abriu os olhos que mantinha fortemente fechados pelas sensações.

— Phillip...

Ele se levantou graciosamente do chão. O sorriso se converteu no profundo retumbar de uma risada. O peculiar som mudou para uma risada feminina. A imagem se transformou para a beleza sensual da Torella.

Torella limpou os sucos da boca.

— É deliciosa.

— Nae. - Adela lutou com as forças debilitadas. - Como pode me torturar tanto?

— É o que faço melhor, moça.

— Phillip...



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

— Não está aqui - se regozijou Lady Torella.

— Phillip - continuou. - Destruirá-a.

A feiticeira riu.

— Que doce. De verdade acreditava que ia resgatá-la? - Torella inalou, e caminhou para a escura janela. Os olhos a olharam com maliciosa antecipação. - Além dessas colinas meu exército espera minhas ordens.

Se seu amante tenta salvá-la ou me nega umas bodas, terei a sua gente sacrificada e seu povo queimado até os alicerces.

Lágrimas de desespero corriam pela face de Adela. Um calafrio se apoderou de seu corpo.

Torella retornou ao lado da Adela e a beijou nos lábios.

— Ainda acha que escolherá sua vida sobre as vidas de seu clã inteiro?

Afastou a cabeça. Seus braços foram repentinamente liberados e caiu ao chão.

Torella abriu a porta com um movimento de pulso e passou através dela, lhe dizendo por cima do ombro:

— Morra com dignidade. Não desejo que minhas bodas seja perturbada por seus gritos.

Um golpe soou na porta e Phillip deteve o ritmo.

— Entre!

A porta se abriu para O'Malley, e Phillip esperou impaciente que o ancião entrasse na câmara.

— Que notícias me trás?

O'Malley tossiu e depois respondeu:

— Passaram duas luas até agora, e não encontramos a nenhum deles, meu Laird.

— Não é próprio de Dougal desaparecer. E como pôde ir-se Adela sem que nenhuma pessoa a visse?

— Poderia sugerir, meu Laird, que tentasse esquecê-los e se apressar a ir para a igreja. Sua prometida parece ser uma dama que não está acostumada a esperar.

— Aye, está no correto com isso. - Baixou a cabeça e deslizou pelo peito um pendão com as cores negras e verdes dos Roberts. Alisando o grosso material com a mão, os pensamentos se centraram em seu avô.

Hoje consolidaria o compromisso com o velho senhor e criaria uma paz entre os dois clãs em guerra.

Se era assim por que se sentia tão miserável? Isso era o que desejava depois de tudo.

Distraído, passou frente a O'Malley que estava de pé na porta, então se deteve a meio caminho.

— Envie a dois soldados ao lar de Adela de novo e outros dois a procurar o Dougal fora da torre de comemoração.

— Aye, meu laird.

A véspera do Dia de Todos Os Santos trouxe consigo uma fresca brisa. O vento girava em arrepiantes sons fora da igreja.



Dentro dos sagrados muros, o inquieto clã se sentava nos bancos, cada um lutando por uma vantajosa visão da porta e o noivo desaparecido.

Phillip abriu as portas duplas, e o silêncio caiu. Seus calcanhares ressoaram pelo chão de pedra quando caminhou pelo corredor para ficar ao lado de sua bela noiva. A deliciosa túnica de veludo esmeralda combinava com os olhos verdes.

A face da Torella estava severa pelo incômodo da espera.

Ao Phillip doía a garganta com pesar, o estômago revirando com uma sensação de temor. Tudo estava errado. Podia sentir no sangue. Como podia se casar com Lady Torella quando seu coração estava com Adela?

O sacerdote começou a cerimônia com uma oração de abertura, e sua prometida lhe pegou a mão. Uma sensual energia lhe atravessou o corpo, apagando sua visão e distorcendo as palavras do sacerdote.

Olhou-a nos olhos.

O tempo parou enquanto sua mente deslizava em um profundo transe.

CAPÍTULO 14

Há muito que o sol se pôs, deixando uma fria brisa que roçava o cabelo de Adela enquanto descansava seu rosto contra a janela da masmorra. Ninguém tinha notado que os Campbells tinham construído uma fogueira na parte posterior do pátio?

Adela suspirou, mas isso não liberou o doloroso nó de seu peito.

Sentou-se no chão e tirou um punhado de palha debaixo dela. Tampando o rosto, resistiu a tentação de descer o olhar à rígida manta de pele que tinha movido. Como podia Phillip manter suas masmorras desta maneira? Obviamente, nunca descia aqui.

Fosse como fosse, depois de dois dias na masmorra, o aroma de urina velha já não lhe incomodava. Desejaria poder dizer o mesmo a respeito de seu estômago.

A única coisa que recebeu foi uma jarra de água suja posta sobre suas mãos por um silencioso soldado Campbell.

A Véspera do Dia de Todos os Santos transcorria para ela com o familiar estado de fraqueza que seu corpo e sua alma sofriam. Seus poderes estavam diminuindo. Não podia nem sequer criar uma fálscia para que uma vela iluminasse a escura cela.

Pensamentos de Phillip vieram a sua mente, incluindo o insistente arrependimento de todas as coisas que tivesse desejado lhe dizer. Agora era muito tarde.

Muito tarde para ela, mas não para Phillip ou sua gente. Devia encontrar a maneira de dizer a Phillip que Torella era malvada. Possivelmente em seu caminho para a fogueira, passassem perto de



alguém e ela pudesse lhe gritar que detivessem as bodas.

Pesadas chaves soaram na fechadura e a porta rangeu. Adela se elevou contra a parede. Não encontraria seu destino com soluços ou arrependimentos. Poderia estar assustada de arder até a morte, mas não precisava mostrar-lhe a seus captores.

A porta da cela se abriu e uma brilhante e alaranjada vela iluminou a três soldados Campbells com terríveis e barbudos rostos.

O maior dos soldados lhe agarrou o braço e a conduziu para fora da masmorra. Sua profunda voz enviou calafrios ao longo de suas costas.

— Se vier mansamente, bruxa, gentilmente lhes cortarei a cabeça depois de que morra, para que assim possa ir a Deus e ser julgada da forma correta.

Ela fez um gesto de brincadeira diante de sua ignorância. Para que lutar contra a estupidez? Deixem fazer o que quisessem com ela. Só importava que pudesse advertir a Phillip do plano de Torella antes de que morresse.

O Grande Salão estava deserto e assim também estava o pátio. Todos na aldeia tinham acorrido à cerimônia das bodas. Adela tinha passado toda sua vida fugindo das pessoas, e agora, quando ela os necessitava por perto, não havia ninguém à vista.

Adela caminhou ao redor do muro do castelo para o pátio. Vários Campbells circundavam a fogueira, sem dúvida ansiosos por observar à bruxa arder. O olhar dela viajou pela longitude da alta estrutura de madeira até as secas madeiras rodeando sua base.

Seu coração caiu para o seu estômago. O medo agarrou cada músculo de seu corpo, paralisando-a completamente, deixando-a incapaz de dar outro passo.

O soldado a empurrou para frente e ela caiu, arranhando seus joelhos nas trincadas pedras. Rudes dedos machucaram seus braços ao mesmo tempo que Adela era levantada sobre seus pés e arrastada para a fogueira.

O soldado encostou seu gordo ventre contra ela para atar suas mãos atrás de suas costas.

O aroma de cebola de seu fôlego fez com que a Adela sentisse náuseas e que seus olhos lacrimejassem. Forçou-se a elevar seu olhar para o estrelado céu enquanto um frio gelado envolvia seu coração.

Com razão as mulheres MacAye não tinham sido capazes de concentrar-se e utilizar seus poderes. Estava aterrada!

Apesar do quanto resistiu, as lágrimas desciam por suas faces e seu corpo tremia. A coragem a tinha abandonado no momento em que viu a fogueira de perto.

Todos haviam dito que aceitasse seu destino, morrer silenciosamente e com dignidade. Mas não queria morrer.

Queria viver!

Queria sentir seu suave bebê em seus braços, e estar segura no amoroso abraço de Phillip.

Não aceitaria seu destino. Seu destino era amar Phillip e ter o seu filho. Por que outro motivo



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

havia sido dirigida para ele, o Eleito?

— Têm alguma palavra de redenção, bruxa? - Perguntou o soldado, com uma chamejante lenha em sua mão sustentada precariamente perto dos madeiros.

— Aye - gritou ela. - Convoco aos ancestrais MacAye. Me ajudem a viver! Rogo-lhes isso!

Os soldados riram e cada um ateou fogo as madeiras. O crepitar das ardentes lenhas encheu seus ouvidos, as chamas correndo para seus pés.

Adela fechou seus olhos fortemente e disse em voz alta:

— Permanece calma, Adela. Permanece calma. - Desceu o olhar a seus pés. - O fogo está tão perto - sua voz se elevou com histeria. - Porquê as árvores se queimavam tão rápido?

Uma densa e alta fumaça alagou seus pulmões, e tossiu. Seus ardentes olhos lacrimejavam pela fumaça que girava ao redor dela como uma pesada manta.

— Controla seu medo. Controla seu medo - cantou.

Ela não morreria hoje, não importava o que tinha sido ensinado por sua mãe. O pensamento de sua mãe lhe trouxe imagens de seu ardente cabelo dourado e seus gritos de dor vibrando em seus ouvidos.

A bÍlis subiu por sua garganta. Não devia pensar em sua mãe. Não agora. Ela trocaria seu destino. Tinha uma coisa que sua mãe não possuía.

Um bebê celta em seu corpo, produto do amor do Eleito.

Possivelmente, se ela podia canalizar o novo poder do bebê, daria-lhe suficiente magia para contatar com Phillip.

O suor descia pelo rosto de Adela, o calor das chamas esquentava sua pele exposta. Seu pulso se acelerou erratically e seu peito pesava com um pânico entristecedor. Só restavam alguns instantes.

— Permanece controlada - Adela pressionou fortemente seus olhos fechados. - Phillip me necessita. Sua gente me necessita.

Focalizando-se no bebê, sustentando seu infante em seus braços, Adela absorvia o amor que gerava nela. Lentamente, um pequeno montão de poder retornou a ela, enchendo seu corpo com energia.

— Phillip, me escute agora. Agarra o frasco ao redor do pescoço de Lady Torella. Toma-o!

— Alto! - Phillip ordenou.

A igreja se alagou com o som de sua gente comentando com especulação.

— O que está errado? - Perguntou Torella, seu tom misturado com frustração.

A cabeça de Phillip se viu invadida pelas desesperadas palavras de Adela. Seu olhar se dirigiu ao frasco que jazia contra a pele de alabastro da Torella.

— Não posso me casar com você - disse.

— Me escute bem, Phillip! - Torella gritou. - Ou você se casa comigo ou meu exército assassinará a sua gente.



— Não o farei, Lady Torella - agarrou seu colar e rompeu a corrente que estava ao redor de seu pescoço.

Gritos de "hurra" ressoaram alto na igreja, sua gente celebrando e aplaudindo-o nas costas.

Phillip se apressou para a porta, o apagado grito de ajuda de Adela se arrastou até seu coração. Saiu fora, para a noite, com o vento açoitando suas roupas.

O aroma de madeira ardendo flutuava na brisa.

Sem saber para onde estava se dirigindo, correu para a ardente essência. Os gritos da Adela ecoavam em sua cabeça, urgindo a suas pernas para que o levassem mais rápido.

Seu coração saltou um batimento quando correu ao redor do castelo para encontrar a Adela atada a um poste de madeira, com as chamas só escassamente afastadas de sua tenra carne.

Viu seus olhos afligidos pelo pânico e correu para ela, só para ser detido por dois soldados Campbells.

Lutou contra eles, combatendo a cada um com todo seu poder. Com o pensamento da Adela morrendo, seus músculos lhe deram força extra. Não falharia a ela.

— Phillip, ande depressa! - Gritou.

Ele tirou a espada da bainha ao seu lado e a deslizou através dos dois soldados, só para encontrar mais alguns vindo para ele.

Não tinha tempo para isto!

Jogando sua espada, saltou sobre as chamas e se colocou face a face com a Adela. O fogo começou a subir por suas botas, chamuscando o couro e sua pele. Suprimindo a crescente dor, desatou os pulsos da Adela do poste.

— Phillip! - Apontou às chamas pegando no seu vestido.

Usando suas mãos nuas, ele bateu até apagar o fogo da ardente malha. Elevou-a em seus braços, e saltou sobre a chamejante madeira. Sem soltá-la até que seus pés estivessem no chão uma vez mais, sustentou-a fortemente em seu abraço.

— Acreditei que me tinha deixado.

— Phillip, eu...

Adela foi interrompida quando vários Campbells pararam diante deles com rostos zangados e espadas em alto. O maior dos homens deu um passo para frente.

— Nossa senhora não estará contente. Temos ordens de matar a ambos.

O olhar de Phillip foi à sua espada caída nas chamas, além de seu alcance. Seu corpo se esticou, aguardando a que a ponta da espada penetrasse em seu peito.

De algum lugar atrás dele, uma pedra foi jogada com mortal eficácia no rosto do soldado adversário. Outra a seguiu e depois, outra mais. Phillip olhou sobre seu ombro para encontrar Adela recolhendo pedras e as jogando com toda sua força.

Os Campbells recuaram, defendendo-se o melhor que podiam com suas mãos. Sorrindo, inclinou-se para baixo e a ajudou a lutar contra os malignos soldados com simples pedras.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

Os guardas do clã Roberts apareceram atrás deles e dobraram ao inimigo em instantes.

Phillip deixou cair sua pedra e se virou para Adela. Sem vacilação, elevou-a em seus braços e deu voltas com ela agarrada. Depois de colocá-la ao chão, capturou-lhe a boca com a sua.

Afastou-se para assegurar-se de que não estava ferida. Seus olhos vagaram amorosamente por cada polegada de Adela, desde seu rosto até seus pés.

— Estou impressionado com sua escolha de armas.

Ela sorriu, iluminando seu rosto.

— Obrigado.

O'Malley abriu caminho através da multidão e se deteve diante do Phillip.

— Têm notícias do Senhor Dougal?

— Aye, foi encontrado sem sua cabeça.

Os aldeãos ofegaram.

— Quem o fez? - Os olhos de Phillip se obscureceram com fúria.

— Eu o fiz! - Gritou Torella por trás da multidão.

Todos se afastaram para lhe permitir um largo caminho, com o medo gravado em seus rostos.

Os olhos escarlates da senhora brilhavam sobrenaturais. Aproximou-se de Phillip e Adela.

— Você, tolo velhaco. Seu amigo o traiu por um simples poder.

— Dougal acreditou que estava apaixonado, e você o matou - replicou Adela.

— O amor pode ser fatal - professou Torella.

— Agarrem-na - Phillip ordenou.

Com um movimento das mãos da Torella, Phillip observou a todos no pátio agarrar suas gargantas, ofegando por ar.

Phillip era o único não afetado. Virou-se para a Adela e a agarrou pelos ombros. Ela se dobrou sobre si mesma, respirando com dificuldade.

— Libere-os de uma vez.

Torella riu.

— Por que faria tal coisa?

O coração de Phillip se comprimiu. Seu povo estava sofrendo.

— Por favor, casarei-me com você. Só levante a maldição.

Torella balançou seus quadris lentamente, aproximando-se de Phillip.

— Permitirei a sua gente viver se jogar a bruxa de novo nas chamas.

— Nae!

— Mate-a ou eles morrerão.

Ele olhou a Adela e seu rosto começou a tornar-se azul. Dirigiu seus olhos para os seus lábios.

Murmurava algo, mas não chegava para ouvi-la.

Descendo sua cabeça, perguntou-lhe:

— Adela, o que acontece?



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

— Coule... Colar. Destrói o colar.

Phillip procurou em seus bolsos até encontrar o colar de Lady Torella.

Sustentando-o no alto, observou a gama de emoções no rosto de Torella, que fora da presumida arrogância até o medo.

Jogou o colar ao chão e o esmagou sob sua bota, derramando o conteúdo sangrento entre as gretadas pedras.

— Você, estúpido idiota - vociferou Torella.

Adela cantava sob sua respiração, tão baixo que Phillip só podia ouvir um leve murmúrio.

Sua gente começou a cair ao chão, com o fôlego extraído fora de seus pulmões.

Torella ria com hilaridade da Adela.

— Não têm poderes, bruxa, é a Véspera do Dia de Todos os Santos.

Adela se elevou, tomando uma grande baforada de ar. O resto do clã de Phillip fez igual.

A fria brisa acalmou seus pulmões. Com as mãos em seus quadris, enfrentou a Torella.

— A Véspera chegou a seu final e um novo dia começa.

— Nae! - Torella recuou. - Meu exército espera minha ordem, queimem tudo! Tudo!

— Não acredito - Adela avançou e pegou ambos os pulsos de Torella. Olhou profundamente em seus olhos. - Convoco o amor de meu filho ainda não nascido. Toma de novo os poderes de meus ancestrais desta feiticeira.

— Nae, isso não é possível. Seu bebê me pertence. Bebeu a poção! - Torella gritou, seu rosto repentinamente ficando velho.

— Atirei todo o líquido pela janela. Meu bebê me pertence.

Torella tentou se soltar das mãos de Adela, mas esta sustentava fortemente pelos pulsos à velha mulher.

Mais e mais velha, voltou para o tempo em que seu corpo se encurvava e seu olhar se murchava com rugas.

— Nae, minha beleza, minha juventude!

— Nunca executará outra bruxa celta.

O corpo de Torella lentamente se desintegrou, seu rosto uma vez perfeito caindo, deixando só ossos para trás.

Adela sustentou o osso dos pulsos até que se converteram em pó. Abriu seus punhos e soprou as cinzas para o vento.

— Que sua alma possa estar livre de maldade, Lady Torella.

Os aldeãos gritaram de alegria e rodearam Adela com gratidão. Seus ombros se endireitaram e tratou de relaxar e aceitar os bons desejos.

Grandes multidões ainda a punham nervosa, mas sabia que o amistoso clã de Phillip não pretendia lhe fazer nenhum mal.

— Se afastem - uma imponente voz se elevou sobre as numerosas cabeças.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

Phillip abriu caminho até ela e agarrou suas mãos.

— Adela, é verdade? Leva a meu bebê?

Ela assentiu e sorriu diante do inalterável prazer brilhando em seus angélicos olhos azuis.

Phillip a envolveu em seus braços e a beijou. Afastando-se, elevou sua voz para que todos pudessem lhe ouvir.

— Amo a Adela MacAye, e decidi me casar com ela - Phillip olhou sobre seu ombro. - Se alguém tiver algum problema tendo a uma bruxa como senhora, falem agora.

O agonizante crepitar do fogo próximo foi tão único pôde ser ouvido.

— Adela - Phillip virou ela em seus braços. - Me faria a honra de compartilhar sua vida comigo? Com... - O Phillip assinalou a toda sua gente. - Com todos nós?

— Aye, meu Laird. Farei-o - olhou a sua gente, e depois retornou o olhar para enfrentar ao Eleito, seu verdadeiro amor. - A honra é minha.

EPÍLOGO

Adela despertou nos braços de Phillip, seu duro corpo nu apertado contra o dela. As lembranças da erótica noite anterior invadiram sua mente. Suspirou com nostalgia e se aproximou para beijar os formosos e esculpidos lábios de Phillip.

Ele despertou e sorriu. O coração de Adela deu um tombo. Phillip era o homem mais bonito que tinha conhecido. E era todo dela.

— Bom dia para você, minha senhora esposa.

— Bom dia, meu esposo.

Phillip se estirou, os músculos de seu peito se retorciavam enquanto bocejava. Adela mordeu o lábio, a familiar agitação de desejo revooou em seu estômago.

— Tem esse brilho nos olhos.

— E que brilho é esse?

— Um malvado - Phillip a beijou no pescoço.

— Falando de malvados, o exército de Lady Torella ainda está acampado por perto?

— Nae, partiram pouco depois de que lhe devolvêssemos os soldados pedidos. Sigo pensando que deveria tê-los castigado por ter tentado te matar.

— A paz deve começar em alguma parte.

Phillip grunhiu carinhosamente.

— É inteligente para ser uma malvada mulher - passou a língua por seu flanco, do pescoço até sua orelha e Adela gemeu com prazer.

Phillip se apoiou nos cotovelos.



Tiamat World

Lyn Armstrong
Celtic Series 01

— Quero fazer algo por você.

— OH, me acredite marido, está fazendo. Não pare.

Ele sorriu, suas covinhas se fundiram com o coração dela.

— Nae, quero dizer, algo especial por salvar a minha gente.

— Bom... Há algo que poderia fazer.

Ela se inclinou para ele e lhe sussurrou ao ouvido.

Ele rugiu de risada, a alegria dançando em seus olhos. Em um rápido movimento, rodou em cima de Adela, pondo seu corpo sobre o dela.

— Por você, meu amor, limparei eu mesmo as masmorras.

Fim

